



mesma autora de *O PREÇO DO PODER*

**DUDAAH FONSECA**



PERIGOSAS

Clã

Dudaah Fonseca

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Copyright © 2016 Dudaah Fonseca

Capa: Layce Design

Revisão: Luiza Costa

Diagramação Digital: Dudaah Fonseca

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes,

personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação

da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é

mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa

obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e

punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 1**

### **KALED**

Fechei os olhos, jogando as últimas rosas vermelhas que eu tinha nas

mãos no mar. Adorava ficar na Ilha do Mel, a qual adquiri há quase 20 anos,

por causa da minha esposa que tinha ficado encantada pelo lugar paradisíaco.

Permiti que o dono da pousada continuasse com seu negócio, como também

os poucos habitantes que residiam na ilha.

Recordo-me que na época, contratei a melhor equipe de construção

civil para colocarem em prática o projeto da enorme casa de verão e inverno

instalada quase no centro do vasto paraíso.

Quando decidi comprar a ilha, a negociação não foi nada fácil. Afinal,

é um ponto turístico muito importante e popular no estado do Paraná. Por este

motivo, permiti que as pessoas circulassem normalmente e continuassem

aproveitando as praias e trilhas.

Hoje sou um homem solitário, que perdeu uma parte do coração

quando sua amada faleceu há 13 anos. Estremeço só de pensar que Linda

preferiu a morte do que pedir minha ajuda. Sofro por saber que a razão do seu

suicídio foi a pressão que sentia do clã. E eu como sempre...Continuei

seguindo as malditas regras.

— Kaled, tenho um recado do seu pai. — Abri os olhos, suspirando

pesadamente, escutando a voz do Asaf. Meu fiel amigo.

— Diga.

— O seu pai avisou para você preparar a mansão para receber sua

noiva. Em dois dias ela e os pais estarão na cidade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

— Não acredito que concordei com esse casamento. —  
Murmurei

pensativo.

— Talvez seja melhor assim. Você precisa recomeçar,  
construir uma

família e principalmente encontrar a felicidade.

— E você acha que uma garota de 23 anos estará preparada  
para ser a

senhora do clã? Essa moça deve estar acostumada a curtir  
a vida, sem se

preocupar com nada.

— Não a julgue, meu amigo. — Pôs a mão no meu ombro  
direito,

sendo camarada. — Talvez, esse espírito jovem seja tudo  
que você precise.

\*\*\*

Obtivi sucesso escapando durante anos para não me casar  
novamente.

Infelizmente, não consegui driblar os membros do clã por mais tempo. Eles

insistem que eu case com uma moça bela e recatada, e continue cuidando da

nossa cidade *Esperança*, conhecida pela beleza, cultura tradicional e rígida.

O correto seria eu me casar com uma mulher da minha mesma

naturalidade, mas meu pai decidiu cobrar um favor de seu velho amigo,

Denis Torres, que nasceu e morou em Esperança até a adolescência. Pelo que

meu pai contou, o senhor Torres foi embora porque o pai dele queria arriscar

financeiramente em outra cidade, desde então voltou algumas vezes apenas

para visitar a cidade natal.

O senhor Torres tornou-se empresário de uma grande transportadora

na cidade de Porto Velho, onde reside desde a adolescência. Ele casou-se

com uma rondoniense e tiveram uma filha, Emília, que era modelo

fotográfica.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

## PERIGOSAS

Meu pai falou que Emília era modelo desde seus 8 anos. Aos 15 anos

foi descoberta por uma agência de moda famosa que visitou sua cidade

justamente atrás de novos talentos, sendo selecionada, trilhou o seu caminho

fazendo publicidades para marcas consagradas. Inclusive foi para Paris e

Londres.

Sinceramente não entrava na minha cabeça que ela tinha largado tudo

para aceitar ser minha esposa. O senhor Torres sabia que tinha errado em

abandonar o clã. E meu pai como líder na época, o baniu, todavia, quando

fosse cobrado deveria pagar de qualquer forma que fosse. Emília era prova

disso.

A imagem da Emília veio à mente. Ela era maravilhosamente bonita, e

me peguei olhando sua fotografia deixada pelo meu pai no dia que disse que

já tinha encontrado minha futura esposa. Não sabia se ficava mais chocado

pela notícia ou pela beleza natural da morena de olhos grandes e expressivos.

Balancei a cabeça, tentando dissipar esses pensamentos. Porra, ela era

jovem demais pra mim. Talvez, quando ela se der conta que não sou nenhum

homem submisso vai mudar de ideia sobre o casamento. O pior que não

tínhamos como fugir desse compromisso. Nosso destino foi marcado pelo

clã.

## **EMÍLIA**

Ainda não acreditava que estava aceitando um casamento arranjado.

Entretanto, há muito tempo deixei a minha essência se sucumbir junto com

Luan. Jamais vou me permitir encontrar um novo amor, pois o único homem

que amei morreu por imprudência do nosso ato.

*Meu Deus, naquele dia só queríamos fugir e recomeçar em qualquer*

*outro lugar.*

Afastei as lágrimas com os dedos e guardei a fotografia do meu eterno



## ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

### PERIGOSAS

amor dentro da mala, fechando-a em seguida. Há um ano me isolei de tudo.

Abandonei minha carreira como modelo fotográfica, me distanciei de alguns

amigos...Simplesmente estou aprendendo a conviver com dor da perda. A

saudade é grande e as vezes era impossível não chorar.

Luan e eu nos conhecemos quando tínhamos 12 anos. Frequentávamos

a mesma escola, estudávamos na mesma sala e aos poucos fomos

descobrimo gostos parecidos. A medida que íamos crescendo, notávamos

que o nosso "*gostar*" ia além da amizade.

Aos 15 anos, na extravagante festa que minha mãe organizou, de tudo

o que mais adorei naquela noite, foi o nosso primeiro beijo. E o

amadurecimento e curiosidade foram fazendo parte dos momentos que

compartilhávamos juntos. Não demorou muito para que começássemos a

namorar escondido, pois meus pais sempre deixaram claro que eu me casaria

com um homem de *Esperança*.

Eram inúmeras as discursões que tínhamos a respeito. Nunca abaixei a

cabeça e minha teimosia era um pecado e tanto para o meu pai. Já dona

Aurora temia que minha rebeldia acabasse em desastre. E ela tinha toda

razão.

Não entendia porque não morri naquele maldito dia junto com Luan.

Sou tão covarde, que deixei o luto escurecer meu coração e alma. E como

punição, aceitei me casar com um desconhecido. A única coisa que sei a

respeito do meu futuro marido era seu nome, e claro, que também era líder do

clã.

Odiava com todas as minhas forças essas regras escritas na porcaria do

livro que o povo de Esperança, seguia ao pé da letra. E tenho mais raiva ainda

por saber que Kaled Maldonado estar brincando de Deus, batendo o martelo

sobre o destino das pessoas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

— Está pronta, minha filha? — Indagou minha mãe, e meneei a cabeça

positivamente. Ela continuou: — Pelo que mais ama, Emília, por favor

obedeça seu futuro marido. Se eu pudesse fazer alguma coisa para mudar

isso, acredite eu faria.

*Quem eu mais amava morreu, pensei ressentida.*

— Esqueça isso, mamãe. É tarde demais para lamentações.

— Entenda que esta é a cultura do seu pai. E durante todos esses anos,

fiz o possível para afastar você disso. Desta vez não consegui fazer seu pai

mudar de ideia, além disso, os membros do clã estão cobrando...

— A senhora já sabe o que penso de tudo isso. Se meu pai está

recebendo ameaças, basta ele denunciar. Em que século estamos vivendo? —

Exaltei os braços, e prossegui: — Mas desisto de lutar. Aceitei esse

compromisso como punição.

— Emília, minha menina...

— É melhor irmos logo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 2**

### **EMÍLIA**

Chegamos em Esperança, justamente no dia da festa da Padroeira

Nossa Senhora da Piedade. A cidade estava decorada, e havia muitas barracas

coloridas espalhadas pelas ruas. Felizmente o jantar na famosa mansão

Maldonado aconteceria apenas amanhã.

O hotel no qual estávamos hospedados era exuberante. E confesso que

de todas as cidades brasileiras e alguns países que conheci a fora, nada era

comparado com a beleza desta cidadezinha do interior do Paraná.

Olhei mais uma vez o meu reflexo no espelho, e decidi que o vestido

jeans despojado, com as mangas dobradas, não estava chamando tanta

atenção. Desde que cheguei, tentei não me importar com os olhares curiosos

e diria até...de censura. Talvez, seja coisa da minha cabeça, todavia, prefiro

não arriscar.

— Querida, tem certeza que não quer ficar perto de nós? Você nem

conhece essa cidade. — Falou minha mãe, enquanto eu não via a hora da

porta do elevador abrir.

— Tenho sim, dona Aurora.

— Está com seu celular?

— Estou sim, pai. Não se preocupem que eu não tenho mais motivos

para fugir. — A dor saiu nítida na minha voz. Sai rapidamente do hotel, sem

olhar para trás.

\*\*\*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Nunca tinha presenciado uma festa ao ar livre tão animada e bonita.

Continuei caminhando entre as pessoas, e tentei parar com a paranoia de que

estavam encarando-me, eu apenas queria esquecer que estava na cidade para

assumir um compromisso.

O repique de sino acabou me assustando. E parei diante de uma

barraca que vendia refresco. Comprei um de sabor limão, e entreguei uma

nota de cinco reais.

— Pode ficar com o troco. — Falei simpática e confortável pela

senhora rechonchuda me olhar sem qualquer recriminação.

— Agradeço, senhorita. — Ela sorriu, e indagou: — Veio a passeio?

— Na verdade, ficarei morando aqui.

— Você não parece contente.

Desviei o olhar, sentindo um aperto no coração. Segurei o choro, e

respirei fundo para a mulher fria que habita em mim vir à tona. *Essa era eu.*

A delicadeza, o amor, os sonhos a partir do momento que perdi Luan, ficaram

trancados para sempre.

— Eu ainda estou me acostumando com a ideia. —Menti, sentindo um

desconforto. Averigui ao meu redor, pois parecia que eu estava sendo

observada.

— Tenho certeza que vai gostar daqui. Nada melhor que o tempo. —

Aproveitando que senhora de sorriso discreto estava puxando conversa, falei:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

— Muitos estão me olhando como se eu fosse uma coisa de outro

mundo.

— Acredito que o motivo principal seja sua beleza, senhorita. E como

percebeu seus trajes são mais modernos, e bem, nós de Esperança mantemos

roupas mais formais.

Percebi que a maioria das mulheres mantinham um lenço na cabeça.

Mesmo assim, as roupas eram comportadas ao extremo.

— Somos rígidos, temos muitas tradições. — Falou, e observei o seu

descontentamento.

— Leis primitivas, é isso? — Indaguei, sorrindo amargamente.

*Deus do céu, não seria nada fácil viver nesta maldita cidade, pensei.*

— Bom, aproveite a festa da nossa padroeira. — Mudou de assunto, e

virou-se para atender um senhor.

Tentei não me importar com a sensação de estar sendo observada,

talvez, fosse reflexo da angustia que estava sentindo. Em algumas horas terei

que encarar o meu destino diante de um homem que não conheço, no entanto,

já odeio profundamente.

Estiquei meu braço, e abri a mão para pegar uma rosa vermelha, que

de tantas que estavam expostas na barraquinha foi a que mais chamou

atenção. Encolhi meus dedos quando senti um toque áspero, e encarei o



homem e fixei em seus olhos que estavam tão claros devido à luz do sol e

sombreados pelos cílios longos e densos. Nunca mais tinha me sentindo

agitada por um homem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Parece que a rosa pegou dois admiradores de uma vez. —  
A voz

grossa soou, e continuei fitando o brilho azul de seus olhos.

—Pode ficar. — Murmurei, querendo me afastar dele o quanto antes.

— Imagina, faço questão que fique com a rosa.

O seu cheiro de homem inebriava, confusa, meneei a cabeça negando

o fato da presença dele me afetar. Ele pegou a carteira do bolso da calça jeans

escura e entregou uma nota para o menino.

Direcionou a rosa em minha direção, e como se eu não tivesse mais

controle sobre meu corpo. A peguei de sua mão, e a levei ao nariz inalando

aquele cheiro natural e bom que tanto gostava. Adorava flores.

— Obrigada.

Notei a curiosidade das pessoas que estavam passando por ali em cima

de nós dois. Pude perceber até alguns suspiros das mulheres que não

escondiam o quanto este homem podia deixar o sexo oposto sem jeito.

Assim como a calça escura que trajava, sua camiseta gola polo e

sapatos também eram escuros. Estava um dia lindo, claro, colorido. Porque

ele optou em vestir roupas pretas? *O que isso te interessa, Emília?* Eu mesma

me repreendi.

—Preciso ir. — Falei, e tratei de entrar no meio da multidão que

estava no centro da praça. Precisava me afastar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 3**

### **EMÍLIA**

Esperei o sono chegar, olhando para a rosa dentro de uma pequena

jarra de vidro com água que pedi para a camareira do hotel arranjar.

Definitivamente não tive uma boa noite de sono, e muito menos teria um dia

maravilhoso.

Debaixo do jato de água fria, tentava não pensar muito no jantar de

noivado que teria na mansão Maldonado. De frente para o espelho de corpo

todo, passei o dedo indicador nas letras finas tatuadas na lateral direita da

minha coxa, iniciando-se na altura do quadril, a frase "*eu existo por você,*

*porque você existe pra mim*". Essas palavras já não faziam mais sentido.

Passei a tarde trancada dentro do quarto. Recusei o convite dos meus

pais para almoçar, e foquei apenas na minha leitura. Queria relaxar e esquecer

o pesadelo que seria minha vida depois desta noite.

\*\*\*

O vestido tubinho de malha premium, abraçou meu corpo, deixando

cada parte modelada com elegância. Estava tentando  
terminar a maquiagem,

todavia, as lágrimas estavam atrapalhando.

Escutei a porta abrir, e sabia que era minha mãe. Assim que  
dona

Aurora me viu, tentou sorrir. Ela melhor que ninguém  
percebia minha

infelicidade.

— Você está tão linda. — Elogiou, aproximou-se e pegou o  
batom

vermelho dos meus dedos. — Eu passo. — Evitei encarar  
seus olhos sábios, e

engoli todo o choro. — Prontinho.

**ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI**

**PERIGOSAS**

— Perfeito. — Dei o meu melhor sorriso.

— Emília, querida...

— Não diga nada, mãe. — Peguei minha bolsa em cima da  
mesinha de

centro. —Vamos.

**KALED**

Estava fitando o teto branco do escritório. Por céus, como  
eu poderia

ficar tão obcecado por uma menina que mal conhecia? Era loucura eu querer

mantê-la longe, e ao mesmo tempo querer que ela fique perto.

*Emília...Emília.* Fechei os olhos, e deixei meus pensamentos ir para o

nosso primeiro encontro. Quando a vi de longe encarando a barraca de flores

não resisti. Precisava ouvir sua voz, saber qual era a sensação de estar tão

próximo dela.

Sua voz era suave, e seu olhar era de uma gata selvagem. Cacete,

acordei hoje de madrugada com o pau duro, imaginando-a montada em cima

de mim, enquanto eu a marcava como minha...Preciso me controlar. Esses

sonhos eróticos era falta de sexo. Somente isso.

—Com licença, menino. — Flora, a governanta que também já foi

minha babá, entrou no escritório. —Os Torres chegaram. — Avisou.

—Estou indo, obrigado.

Levantei da cadeira de couro, e pus o blazer cor chumbo por cima da

camisa social branca. Geralmente, as roupas que fazem parte do meu dia a dia

são unicamente na cor preta. A pedido da minha mãe, decidi trajar pelo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

menos uma peça clara.

Pensei que manteria um ar de altivez, no entanto assim que a vi o

silêncio se fez completo na minha mente. Emília estava lindíssima, a beleza

pura e delicada eram extremamente fortes. Ela com certeza não passava

despercebida.

Era assustador como essa menina mexia comigo. Entrei na sala, e

quando ela me viu ergueu o queixo desafiando-me. Todavia, Emília não

conseguiu desfaçar a sombra de surpresa que surgiu em seus olhos grandes.

Ela piscou duas vezes seguidas.

— Boa noite. — Saudei, com meu habitual tom autoritário.

— Filho, essa é a famosa Emília. — Minha mãe como sempre

sociável, não conseguia esconder sua satisfação.

— Nós nos conhecemos ontem. Em uma barraca de flores.

—Informei,

e a boca carnuda da Emília entreabriu. Por essa ela não esperava.

*Acostumasse, menina.* — É muito bom tê-la em minha casa.

Provavelmente queimaria no inferno, de tanta sacanagem que eu

queria fazer com ela. Era loucura, um homem experiente, sentir tanto tesão e

não conseguir se conter. Sempre fui um homem com muito apetite sexual, e

esse desejo absurdo estava me assustando.

— É mesmo? — O senhor Torres, se direcionou a filha. — Porque não

disse nada, filha?

—Quis fazer surpresa, pai. —Emília respondeu firme, tentando ser

fria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Ela queria apresentar uma mulher de gelo. Mas isso não funcionaria

comigo.

—Vamos nos sentar, enquanto o jantar não é servido. —  
Sugeri

minha mãe.

— E os negócios como vão, Denis?

— Muito bem. E espero prosperar cada vez mais.

— Agora que vai fazer parte da família, não precisa se  
preocupar tanto

com isso. E você, Emília, terá tudo do bom e do melhor. O  
seu dever será

apenas cuidar do seu marido e do lar. — Meu pai falou, e  
estudei a feição

triste e distante da minha futura esposa.

—E o principal. — Comecei a falar, e atrai sua atenção. —  
Você será a

senhora do clã.

Ela fitou-me com um olhar duro, e soube que a *topetuda*  
daria

trabalho. Estava torcendo para esse jantar de noivado  
transcorresse de forma

passiva.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



## **CAPÍTULO 4**

### **EMÍLIA**

*Quem ele pensava que era?* Indignada, preferi continuar calada. Odiei

cada palavra que o senhor Maldonado falou. Pelo o pouco que eu sabia sobre

o clã, já não gostava da ideia de fazer parte de uma família tão autoritária.

Esperança, era conhecida pela tradição rígida das famílias que residem

na pequena cidadezinha há décadas. Entretanto, não sou como as mulheres

daqui que estão acostumadas abaixar a cabeça e acatar essas Leis primitivas.

Encarei os olhos pesados do Kaled. Era assustador a maneira

dominante que sua presença causava. Quando o vi ontem, jamais passou pela

minha cabeça que ele era o meu noivo. O homem que comanda essa cidade

baseada em um livro cheio de regras absurdas.

Desviei de seu olhar, e me xinguei de todos os nomes possíveis. Eu

guardei aquela rosa com tanto carinho para descobrir que foi presente de um

homem indecoroso. Passarei o resto da minha vida ao lado dele, mas vou ser

uma verdadeira pedra no seu sapato. Ele nunca vai ter nada de mim.

—Espero que o Pierogi esteja do agrado. Foi preparado com muito

cuidado pelas mãos da Carola, a melhor chef da cidade. —  
Dona Valéria

parecia muito solícita, e contente pela união do seu único filho, comigo.

— Está muito gostoso. — Comentou minha mãe.

Sempre tive muito apetite, porém a comida não descia.  
Estava

contando os minutos para esta noite acabar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

\*\*\*

Após o jantar, voltamos para a vistosa sala. A mansão era de uma

arquitetura antiga, lembrava um castelo medieval, contudo, com toques

modernos.

—Bom, sabemos que esta união de famílias será um laço eterno a

partir do momento que nossos filhos oficializarem a união.  
—Discursou o seu

José Antônio. — Acho que está na hora, meu filho.

Kaled com seu porte alto, levantou-se e esperou que um dos  
empregados entregasse uma caixinha de veludo branco.  
Ajoelhou-se diante

de mim, e engoli em seco. Abriu a caixinha revelando duas  
alianças de ouro,

sendo que uma era menor e tinha uma pequena pedra  
brilhante no centro.

—Estou disposto a entregar meu coração para você, Emília.  
Espero

que nosso casamento seja próspero, farei de tudo para vê-la  
feliz. Aceite essa

aliança como o elo dessa nova fase que estamos vivendo.

Fiquei sem ar, sem fala. *Tudo não passava de um teatro,*  
pensei

sentindo dor no coração. Kaled era um homem inteligente,  
sabia usar as

palavras. Era óbvio que ele não faria um pedido sendo que  
nós dois estamos

cumprindo uma regra que impuseram.

Deixei que ele tocasse minha mão, e rapidamente encarei  
meu pai que

segurava a mão da minha mãe forte. Estava tremendo, todos viram. E quando

o anel escorregou pelo anelar, pisquei longamente. Sua mão grande e pesada

cobriu a minha. Fiz o mesmo, no entanto, de maneira rápida.

—Amanhã mesmo vamos reunir os membros do clã e comunicar que o

casamento vai acontecer daqui um mês. —Informou o seu José Antônio, e

inquieta acabei pedindo licença para ir ao banheiro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

**KALED**

Quando pus o anel no dedo da Emília, imaginei que poderíamos ter um

casamento sólido. Talvez, Asaf tenha razão quando disse que esta moça seja

o que eu preciso.

Uma parte minha sempre vai amar Linda. Reconheço que preciso

seguir em frente, todavia, a culpa era algo que eu não conseguia esquecer.

Farei o possível para minha união com Emília dar certo. Vou lutar com todo

o poder que excesso sobre o clã para mantê-la longe do vil das minhas

decisões.

Fiquei desapontando quando notei sua falta de alegria. Mas como ela

poderia estar feliz? Afinal, está selando esse compromisso por obrigação. Ela

estava sendo o pagamento de uma punição, por culpa do seu pai.

Contive a vontade de ir atrás dela quando foi ao banheiro sendo guiada

pela Flora. Athos, o líder da equipe de segurança, veio me chamar.

Desconfiei que tivesse surgido algum problema. Sai da sala, deixando meus

pais e sogros conversando.

— O que aconteceu, Athos?

— Senhor, o Diego Matos estava fazendo um escândalo lá fora. Ele

estar chorando e suplicando para o senhor não punir a irmã dele.

Esse rapaz estava me causando uma tremenda dor de cabeça. Os

membros do clã haviam sugerido que a irmã dele fosse mantida presa para

aprender a nunca mais desobedecer as regras. Daniela Matos estava

prometida a Caio Bezerra, conhecido por ser magnata do petróleo.

Contudo, a jovem estava tendo um namorico escondido com um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

garoto da escola. Ela tentou fugir, mas foi pega. E agora estava trancada no

quarto da sua casa, esperando minha decisão. Nessas horas era necessário eu

congelar meu coração.

— Vou lá fora falar com ele.

Mandei os seguranças abrirem o grande portão de ferro, e Diego

ajoelhou-se aos meus pés. Nem tive tempo de impedi-lo, não gostava que

meu povo ficasse de joelho diante de mim. Escutei passos, e o perfume que

lembra erva doce, preencheu o ambiente. Porém minha atenção ficou no

rapaz.

— Por favor, senhor. Eu imploro pelo que mais ama que deixe minha

irmã livre. Ela vai acabar morrendo de tristeza. — Diego suplicou com as

mãos agarradas na minha calça de linho.

Quando pensei em agir, deparei-me com os olhos escuros da Emília

fixados no rapaz que estava se humilhando. Ela fitou-me e vi o desprezo

passando como fogo nos seus olhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 5**

### **EMÍLIA**

Apoiei minhas mãos na borda do mármore escuro, e respirei fundo

tentando me recompor. *Seja forte, Emília.* Parece que o anel estava

queimando minha pele. Eu sempre idealizei que usaria um anel de noivado,

contudo, que seria do Luan.

Sai do banheiro, e parei um pouco distante da entrada da sala.

Observei que Kaled não estava ali, pensei em aproveitar e ficar com os meus

pais e sogros. Infelizmente escutei que planejavam o grandioso casamento.

Grande merda que fui me meter.

Precisava de ar puro. Desci os degraus da entrada da mansão, e de

longe vi alguns seguranças e o meu noivo. O que realmente me chocou foi o

rapaz que estava ajoelhado diante do Kaled como se ele fosse algum Deus.

A voz da razão me alertava para eu não me aproximar, no entanto,

minha curiosidade sempre falava mais alto. Meu pai comentou comigo

diversas vezes sobre as regras desta maldita cidade, e principalmente que eu

como futura senhora Maldonado deveria cumprir minhas obrigações.

— Por favor, senhor. Eu imploro pelo que mais ama que deixe minha

irmã livre. Ela vai acabar morrendo de tristeza. —O medo saiu nítido na voz



do rapaz.

Estremeci quando encontrei os olhos cintilantes. Sem me importar,

aproximei-me do jovem e ele se assustou com o meu toque. Segurei seu

braço, e falei:

—Se levante, rapaz. Não tem porque está se humilhando para esse

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

homem. —Por ser mais forte que eu, não consegui ergue-lo.

—Emília, volte para dentro. Isso não é assunto para você. — Kaled

ordenou, mas não me afastei. — Diego, levante-se. —Como se voltasse a

escutar, assim o rapaz fez.

—Por que estava fazendo isso? — Indaguei, em choque com a

situação arcaica.

—Emília, já mandei entrar. —Ralhou Kaled, muito puto. Ignorei seu

olhar e me aproximei do rapaz.

—Você não manda em mim! —Ergui o rosto, desafiando-o.  
Ele era o

dobro do meu tamanho, todo grande e intimidador.

—Moça, eu estava...

— Você está diante da senhora do clã, Diego. —Avisou  
Kaled, depois

de interrompe-lo.

Os olhos do Diego faltaram sair para fora. Quando percebi  
que ele se

abaixaria, no intuito de ficar de joelho diante de mim, fui  
mais rápida e

segurei seus ombros.

—Jamais faça isso, entendeu? —Falei, agitada. Ele meneou a  
cabeça

positivamente sem me olhar. *Ah, ótimo, ele achou que era  
uma ordem.* —

Pode olhar pra mim. Estou querendo dizer que não precisa  
se humilhar desta

maneira e nem de qualquer outra.

Ouvi um rosnado, e logo fui afastada de perto do Diego. Os  
braços

fortes do Kaled circularam minha cintura, virei o meu rosto  
para encara-lo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

## PERIGOSAS

Mas que diabos ele pensa que estava fazendo? Ele olhou para frente, e disse:

—Ainda não decidi o que farei com a sua irmã, Diego. Espere o

veredito.

—O que aconteceu com a sua irmã? —Seu rosto estava banhado pelas

lágrimas, e ele fitou meu noivo como se pedisse permissão para falar.

—A irmã dele, Daniela, descumpriu uma regra. E vai pagar por isso.

—E o que ela fez? —Questionei, e sai de seu aperto. O perfume

almiscarado parecia ter ficado em mim. —Por acaso ela cometeu algum

crime, Kaled?

Impaciente, pôs as mãos firmes na cintura.

—Não. Ela infringiu uma das regras.

—Que absurdo. Essa moça tem quantos anos?

—16 anos, senhora. —Respondeu Diego.

—Por Deus, Kaled. O que pensa em fazer com essa menina?

—

Perguntei preocupada.

—Farei o certo. —Soou duro, áspero. —Leve-o para casa. —

Direcionou-se para o segurança, e continuou: —Amanhã  
apareça no meu

gabinete, Diego.

Tive vontade de abraçar aquele menino. Ele estava arrasado  
e com

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

medo.

—Você vem comigo. —A mão grande fechou-se ao redor do  
meu

braço. Tentei frear meus pés, mas o desgraçado era muito  
mais forte.

—Está louco? Para onde está me levando? Me solte!

Kaled continuou andando pelo caminho feito de pedras. E  
paramos

diante de uma linda estufa de flores. Ele abriu a porta de  
vidro, com detalhes

de madeira branca e fiquei calada, admirando a plantação  
de vários tipos de

flores.

Ele apertou o suficiente minha garganta, sem me fazer perder o ar,

porém o medo era nítido em meus olhos. Encostou meu corpo em uma das

prateleiras, e seu corpo grande e duro dominava o meu pela frente.

—Sua teimosia vai colocar nós dois em problemas, Emília. — Ele

fechou os olhos, e passou o nariz na lateral do meu rosto. A respiração quente

batia na minha pele, deixando-me...acesa.

Seu peito musculoso pressionou meus mamilos, e preendi um gemido.

Queria poder me afastar, no entanto, não conseguiria ser hipócrita ao ponto

de negar essa atração que estou sentindo pelo Kaled.

—É bom que seja obediente, menina. —Acariciou o meu rosto, com

muita ternura. Um toque que há muito tempo eu não recebia. —Como seu

marido farei de tudo para mantê-la segura e feliz. Mas isso não vai depender

só de mim, Emília. Eu olho nos seus olhos e vejo o quanto luta contra mim.

Pare de lutar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 6**

### **EMÍLIA**

Seus lábios másculos tocaram os meus, e automaticamente fechei os

olhos. E então me beijou. Sem poder controlar o desejo, agarrei seus cabelos

escuros e lisos com força. Esfregou-se em mim, e gemi. Kaled continuou

movendo seus lábios contra os meus.

Estava sedenta, louca pela paixão absurda que surgia. A poucos

minutos eu estava enfrentando o meu noivo, sentindo raiva e até medo. E

agora...estava como uma massa sôfrega em suas mãos. Sua língua me

penetrou e buscou a minha, não era um beijo simples. Kaled estava me

consumindo, sua pegada de macho estava fazendo meu corpo tremer.

Quando pensei que soltaria a minha boca, fui surpreendida com a sua

exigência. Kaled me fez abrir mais a boca, e entreguei-me totalmente. Sua

saliva embriagante, seu gosto...tornava o beijo mais profundo, quente e

íntimo.

Ele foi parando o beijo aos poucos. Suas mãos estavam firmes no meu

quadril. Eu literalmente estava estalando de tesão. Mas que cacete. Como

consigo deixar a raiva de lado para me entregar ao desejo?

—Sua boca é tão gostosa. —Murmurou, e fiquei hipnotizada.  
—Não

quero que pense que sou um ditador filho da puta. O que precisa saber e

entender é que eu sou líder do clã. Fomos criados para seguir as regras,

somos rígidos. Preciso de você do meu lado para apoiar minhas decisões por

mais difícil que seja, entende?

Neguei, balançando a cabeça.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—O meu pai me contou. — Fitei seus olhos. —Eu não concordo com

nenhuma dessas Leis arcaicas. E só aceitei casar contigo porque...já não

tenho motivo para lutar.

—Falando assim consigo ver em você um passarinho com a asa

quebrada. —Escovou os dedos, pelos os fios grossos do meu cabelo. —Estou

disposto a fazer o nosso casamento funcionar. Entretanto, preciso que faça o

mesmo.

—Como farei isso? Não vou seguir essas malditas regras. Assistir

aquele rapaz se humilhando nos seus pés, minha nossa, foi assustador.

Vivemos em um país livre.

—Aconselho que vá se acostumando. O clã é formado por integrantes

de famílias tradicionais. E Esperança provavelmente é a única cidade que

segue essas regras, por que nossos ancestrais se instalaram aqui e até hoje

vivemos baseado nas Leis que criaram.

Simplesmente não conseguia engolir o fato dessas pessoas viverem em



uma cidadezinha acatando tudo que o clã decide. Minha maior preocupação

era saber o que Kaled estava planejando fazer com a pobre menina.

—O que vai fazer com a irmã daquele rapaz?

—Isso não cabe a você, Emília.

Respirei fundo, disposta a abandonar o meu orgulho neste momento.

—Kaled, não faça nada com ela. Eu não a conheço, mesmo assim....te

peço que poupe esta menina. Na hora que for dar o veredito pense nela como

se fosse sua filha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Seu maxilar estava travado, e segurei seu olhar. Ele aproximou-se e

pegou minha mão, seu polegar começou a passar por cima da aliança de

noivado.

—Você é generosa. —Um breve sorriso brincou nos seus lábios, e

prosseguiu: —Mas também é teimosa pra cacete. Pensarei no seu pedido com

muito carinho. Agora vamos voltar para junto de nossos pais.

\*\*\*

Deitada na cama, virei de um lado para o outro tentando encontrar uma

posição confortável. As lembranças do beijo gostoso que Kaled e eu

trocamos não saia da minha cabeça.

Quando saímos da estufa, pedi para que ele esperasse enquanto

passava o polegar no canto dos seus lábios, tirando o excesso de batom. Em

seguida, pretendia fazer o mesmo comigo, contudo, ele fez com muito

cuidado.

Fechei os olhos em uma forma de conter a palpitação entre minhas

pernas. *Ah, céus, onde fui me meter?* Encarei a rosa vermelha que parecia

ficar mais forte e bonita. Por um momento quis despedaçá-la, mas não

consegui.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## CAPÍTULO 7

### KALED

Tudo estava quieto, menos o meu coração batendo no peito.  
Recordar

da noite de ontem trazia uma alegria, me deixava obcecado por mais e mais.

Ainda podia sentir o gosto da sua boca na minha, quando fecho olhos.

Emília era altruísta. Em momento algum ela pareceu ter medo de me

enfrentar. Simplesmente ergueu o rosto e arrebitou o nariz pequeno, fitando-

me como uma selvagem. Mesmo querendo dar uns bons tapas naquela bunda,

fiquei orgulhoso pra caralho. Ela era atrevida. E isso poderia ser um

problema.

—Senhor, com licença. —A voz do Athos chamou minha atenção, e

meneei a cabeça pedindo para prosseguir. —Diego Matos e a irmã já

chegaram.

Suspeitei que o rapaz iria trazer a irmã. Melhor assim.

—Mande eles entrarem.

Assim que os irmãos entraram no meu gabinete,  
pretendiam fazer a

típica saudação. Pegar minha mão e beijar, sem direcionar  
os olhos pra mim.

Rejeitei este gesto. Não gostava.

—Senhor, por favor tenha piedade da minha irmã. —  
Suplicou Diego,

e fitei a menina do seu lado, muito pálida, de uma maneira  
diferente.

Sem que eu pudesse controlar, meus pensamentos foram  
exatamente

no pedido da minha noiva *“Na hora que for dar o veredito  
pense nela como*

*se fosse sua filha.”* Ah, feiticeira.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Preste atenção. —Comecei. —Desobedecer os seus pais  
foi um erro

grave, Daniela. Principalmente quando já estava prometida  
para um outro

homem, e mesmo assim continuou se encontrando com  
aquele rapaz. Os

integrantes do clã querem que o seu casamento com o  
senhor Bezerra

aconteça o mais rápido possível.

—Não, não, por favor. —Desesperada, segurou os braços do irmão

como se ele tivesse o poder de mudar a decisão do clã.

—Calma, Dani. —Diego, afagou o rosto da irmã que estava marcado

pelas lágrimas.

—Caio Bezerra é um homem bom. Eu posso fazer os outros integrantes aceitarem o casamento, invés de outro castigo.

—Senhor, ele me causa medo. Eu quero poder escolher com quem vou

casar.

—Daniela, estou fazendo o certo. Você errou.

—Eu prefiro morrer do que casar com aquele homem. — Berrou, e

abraçou-se chorando.

Passei a mão pela minha barba cerrada, e caminhei até parar diante da

enorme janela de vidro. A cidade estava movimentada, trabalhadores indo e

vindo. O dia estava ensolarado, porém o vento batia frio. Típico de

Esperança.

Suspirei, prevendo que minha decisão seria motivo de os integrantes

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

do clã reclamarem. Eles sempre exigiram que eu fosse firme. Nunca quis

assumir esse trono, no entanto, a linhagem Maldonado está a anos na frente.

E assim será quando eu tiver meu primogênito.

—Tem certeza disso, Daniela? —Indaguei, e ela foi abraçada de forma

protetora pelo irmão.

—S-Sim.

—Darei este voto de confiança. —Diego encarou-me sem entender, e

continuei: —Vou lutar pela sua vida. Se você não quer se casar com o senhor

Bezerra, tudo bem. Aceitarei, porém vai ter que prometer que vai parar de se

encontrar com aquele rapaz. Precisa honrar e obedecer seus pais.

—Senhor, eu o amo. Estamos apaixonados. —Confessou, entre

soluços.

—Então diga para esse rapaz ir até seus pais e assumir o relacionamento de vocês. Farei com que o clã aceite. Não será fácil. E de

maneira alguma cometa alguma besteira.

—Eu juro, senhor. —Ela saiu dos braços do irmão, e veio até mim

querendo se ajoelhar. Segurei seus ombros, impedindo-a. — O senhor é justo.

Obrigada.

—Agradeça o seu irmão. —Encarei Diego, e ressaltei: — Fique de

olho, rapaz. Não deixe nada estragar o que pretendo fazer pela sua irmã.

—Pode confiar, senhor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **EMÍLIA**

Estava inquieta. Gostaria muito de saber o que aquele *reizinho* decidiu

fazer com a pobre menina. Onde já se viu ser julgada por namorar um rapaz,

isso tudo causava enjoo.

Tentei ler um livro novo. Mas nem concentração tive. Por fim, aceitei

o convite da minha mãe e da dona Valéria para irmos visitar uma promotora

de eventos especializada em cerimônias de casamento.

Sem animo algum para esse encontro, que para qualquer noiva seria

maravilhoso. Fui me aprontar. Pelo pouco tempo que estava nesta

cidadezinha sabia que muitos não aprovaram meus trajés. Foda-se. Trajei

uma calça de couro, e blusa chiffon branca, com pedrinhas nos ombros.

Deixei o cabelo solto, e calcei o par de botas cano curto. Apesar do sol brilhar

lá fora, o climinha frio predominava.

\*\*\*

—Joice, queremos o casamento do ano. É meu único filho, e desejo o

melhor tanto para ele como para minha nora.

Fazia pouco mais de 15 minutos que estávamos na *Santidade Café*,

que segundo dona Valéria esse lugar tinha o melhor café da cidade, depois do



dela. Não concordei ainda, pois nunca tomei do seu café.

—Estou muito animada para começarmos. —Falou a organizadora

com os olhos verde-claro brilhando. —Vamos agora mesmo na *Chic*

*Decorações.*

Nós nos levantamos, e iríamos a pé dali. Ficava apenas dois quarteirões, e como o clima estava gostoso andar não seria problema. De

repente comecei a me sentir sufocada, escutando o entusiasmo delas.

*Imaginei tudo diferente.*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Quando estávamos atravessando a rua. Vi Diego andando apressadamente segurando a mão de uma moça, muito parecida com ele.

Juntei as peças, deduzindo que era sua irmã. Oh, Deus. O que Kaled decidiu?

—Vocês podem ir na frente. Eu vou comprar outro cappuccino pra

mim, e logo encontro vocês. —Menti, querendo desviar o caminho.

—Tem certeza, minha filha?

—Tenho sim.

—Não quer que eu vá com você, querida? —Questionou dona Valéria,

sorridente.

—Não. Podem ir.

Afastei-me e segui em direção dos irmãos. Atravessei a rua, e gritei:

—Diego!

Ele parou rapidamente, e virou em minha direção. Cheguei perto deles,

e senti um aperto no coração por ver a menina pálida de olheiras enormes

debaixo dos olhos.

—Foi falar com o Kaled? O que ele fez? —Joguei as perguntas,

preocupada.

—Senhora. Perdão. —Não havia entendido, até que assustei-me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

quando pegou minha mão e quis beijar sem olhar pra mim.  
*Mas que diabos*

*era isso?* —Nem pense em fazer isso, garoto.

—Eu sou muito grato por ter ficado do meu lado, ontem.  
Algo fez o

senhor Maldonado mudar de ideia. Minha irmã não será  
punida e nem vai

casar com o senhor Bezerra, tenho certeza disso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 8**

### **EMÍLIA**

E o motivo do meu algoz, do nada passou ser um salvador.  
Tinha uma

pequena esperança que o Kaled não fizesse nada contra  
esta menina. Porém,

por outro lado tinha medo pela sua decisão. E cacete, ele  
realmente me

surpreendeu.

—Kaled ajudou você? —Questionei para a menina, que  
murmurou um

“*sim*” baixinho. Ainda estava assimilando o que o meu noivo  
fez. —Os

outros integrantes do clã estavam lá?

—Não, senhora. O senhor Maldonado disse que iria convencê-los.

Pelo pouco que sabia sobre esse bando de arcaicos. Era que a voz do

Kaled valia mais do que qualquer outra. Ou seja, o que ele dissesse estava

decidido. Entretanto, meu pai comentou a respeito que se os integrantes do

clã achasse que Kaled não estava fazendo o certo poderiam abrir uma votação

para tirar a liderança dele.

—Você está bem? Parece tão fraca. —Falei, e segurei sua mão.

Algumas pessoas que passavam por ali, olhavam para nós com

curiosidade. Nenhuma novidade até ai. Precisava ir me acostumando com

essa atenção desnecessária.

—Agora estou bem melhor, senhora. —Ela sorriu. —Agradeço

muitíssimo por ter ficado do nosso lado. Se você realmente vai ser nossa

senhora, estaremos feito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

## PERIGOSAS

—Eu não tenho poder para nada, Daniela. —Recordei-me do seu

nome, e dei o meu melhor sorriso.

—Tem sim. No coração do senhor Maldonado.

Fiquei sem fala. Seria possível ele ter feito isso por consideração? Eu

estava apavorada com a sensação que tinha toda vez que via ou pensava nele.

Sem dúvida era um homem viril, macho, extraordinário. Chamava atenção

pela beleza, voz, e altivez de um verdadeiro lorde.

Nós nos conhecemos a pouco tempo. E antes disso, meu destino estava

entrelaçado com o dele. Nunca tinha o visto antes, e muito menos surgiu

algum interesse. Continuei vivendo minha vida em Porto Velho, esperando

que Luan e eu conseguíssemos construir um futuro juntos, sem a perseguição

dos meus pais. Mas o inesperado aconteceu.

Ainda estava sentida por tudo que ocorreu, desde o falecimento do

Luan. Por alguma razão eu sobrevivi naquele acidente.  
Cheguei ao ponto de

culpar meus pais, pois nunca tive o apoio deles. Contudo, o  
que aconteceu

não teve se quiser um dedo de uma pessoa. Estava escrito.

—Estão vindo da empresa do Kaled?

—Sim. A verdade é que chamamos de gabinete, mas lá é a  
empresa do

senhor Maldonado.

—Pode me explicar onde fica?

—Claro. Não é muito longe.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

\*\*\*

O edifício era totalmente espelhado, demonstrava luxo desde  
a entrada.

Identifiquei-me na recepção e recebi um crachá de visitante.  
Foi só eu falar

que era noiva do *reizinho* que a mulher ruiva quase me  
pegou no colo. Até

onde esse poder ia? Absurdo.

Sai do elevador, no penúltimo andar. Era amplo, arejado e  
bem

decorado. Cumprimentei a secretaria que vestia um terninho rosa-claro que

combinava com seu cabelo loiro.

—Bom dia. Eu sou Emília Torres. Gostaria de falar com o seu chefe.

—Sei quem é a senhora. —Ela levantou-se, passando a mão pela saia

social, e disse: —O senhor Maldonado está sozinho. Quer que eu leve uma

água, café, chá ou qualquer outra coisa?

Falou enquanto, seguia ela e paramos em frente de uma porta ampla.

—Não, agradeço a gentileza.

—Se precisar, basta pedir.

Ela abriu a porta, e entrei. Puta merda, o que eu vim fazer aqui? Como

se notasse que estava sendo observado. Kaled, deixou de prestar atenção na

tela do notebook e sua feição mudou de sério...para seríssimo. Os olhos azuis

sombreados pelos cílios longos e densos despertava mistério. Por alguns

instantes fiquei perdida na sua beleza.

Ele levantou-se, e parece que eu diminuía cada vez que Kaled se

aproximava. Parou, e pôs as mãos no bolso da calça social. Vi pêlos ralos

pela abertura da falta de dois botões na camisa social preta. Era tão masculino

que mexia com a imaginação de qualquer mulher.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Não esperava ver você aqui. —Analisou-me de cima a baixo, e

apertou os lábios.

Provavelmente iria querer palpitar sobre minhas roupas. Ele que nem

pense nisso.

—Você está muito linda, Emília. —Espantada, continuei muda. —

Tenho certeza que veio para saber minha decisão sobre a Daniela Matos.

—Já estou sabendo que vai ajudar ela. —Um breve sorriso, ousou

surgir nos seus lábios, mas não concretizou. —Bem, estou aqui para

agradecer você. —Respirei fundo. —Obrigada, Kaled.



Ele aproximou-se de mim, e sequer mexi meus pés para tomar

distância.

—Ainda é cedo para agradecimentos. Não fiz nada. Vou tentar ajudar

aquela menina da melhor forma possível.

—Pra mim está de bom tamanho. Você não é o bambambã do pedaço?

—Indaguei com uma dose de escárnio.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 9**

### **EMÍLIA**

Eu realmente cavava minha própria cova. No entanto, não conseguia

manter os meus pensamentos guardados. Principalmente quando me sentia

desafiada. Estava tentando entender como esse homem tirava o pior de mim

em questão de minutos.

—Você não tem medo, *coelhinha*. —Assegurou com a voz mansa.

Criei forças, e tentei me afastar. Mas Kaled me segurou pelos braços.

—Não pense em ficar colocando apelidos ridículos em mim. Eu não

sou suas amantes.

—Amantes? —Indagou, com um sorriso irônico. Cretino filho da mãe.

—Nem por um segundo pense que sou boba. Aceitei esse casamento

pelo meu pai. —Falei amargurada. —Não vou me importar de você ter seus

casos. Mas se tem uma coisa que não vou aceitar é ser dominada, entendeu?

Sua mão grande soltou meus braços e foi para o meu rosto. Fechei os

olhos, e quis muito desviar de seu toque caloroso. Foi em vão. *Por Deus, o*

*que estava acontecendo comigo?* Eu queria xinga-lo e machuca-lo, porém

não conseguia. Era como se algo me puxasse para ele.

—E porque eu teria outra mulher, sendo que estou comprometido com

você? —Não respondi. —Jamais procuraria outra. Estando com você, tenho

tudo. Seja na cama ou fora dela. Quero muito que o nosso casamento der

certo. Porque não para de me afastar?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Estamos sendo jogados nesse relacionamento. Temos escolha,

Kaled? Eu tenho escolha? —Fitei o brilho azul intenso dos seus olhos.

—Sim. Você sabe que sim.

—Eu não tive.

—Poderia ter dito não. —Murmurou.

—Acho que está esquecendo do clã, querido.

—Vou explicar tudo que quiser saber referente ao clã. Já havia falado

que seu apoio é fundamental. E você não é obrigada a casar comigo. Posso

enfrentar os integrantes pela sua decisão. É isso que deseja?

Kaled estava me dando uma chance de sair dessa cidade e esquecer de

vez o que presenciei. Tenho certeza que ele poderia livrar o meu pai de

qualquer acusação que os integrantes do clã fizesse. E finalmente eu deixaria

de ser o “favor” que o seu José Antônio cobrou do meu pai.

Depois que saísse de Esperança, o que eu iria fazer? Voltaria para

minha cidade natal, e recomeçaria do zero? Não, acho que não. Estou tão

perdida e confusa que não conseguiria dar um passo. Contudo, se eu ficasse

minha liberdade acabaria.

Surgiu uma vontade enorme de tocar e cheirar o Kaled. Mesmo sendo

uma carrasca com ele, no fundo estava apenas me protegendo de uma

decepção. A incerteza era a verdadeira vadia da história.

Movi meus lábios contra os seus, e gemi quando senti suas mãos no

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

meu quadril. Não era um beijo simples. Era um beijo molhado, quente que

me fazia perder o ar. Sua língua buscava a minha, e a girou bebendo tudo de

mim. Parecia que a qualquer instante meus joelhos não aguentaria. Mas

Kaled me segurou, e voltou a me beijar profundamente.

Fomos parando o beijo devagar, sem pressa. Lambeu e mordeu meus

lábios, e levei minhas mãos para o seu cabelo denso e escuro. Kaled me

apertou em seus braços, e lamuriei sentindo a ponta da sua língua nos meus

lábios, e sua ereção esfregando-se no meu ventre.

—Seu gosto é tão bom, *coelhinha*. —Falou, passando a ponta do

nariz na lateral do meu rosto. —Diga que também vai fazer o nosso

casamento dar certo? Diz, Emília.

Pus minhas mãos no seu peito, buscando o equilíbrio.

—Tenho uma condição. —Engoli em seco, e revelei: —Eu não vou

mudar, Kaled.

Ele sorriu de lado, uma marca que se tornou dele. E fiquei mais

curiosa ainda para saber como era seu sorriso completo, sem ser sucinto.

—Não quero que mude. O que desejo é que me apoie, por mais difícil

que seja a situação vou sempre precisar da sua proteção. De você.

Quando ia beijá-lo, o meu celular começou a tocar. Sem graça, o

peguei no bolso traseiro. A foto e nome da minha mãe piscava na tela.

—Atenda. Pode ser importante. —Disse, amigável.

Deixei a chamada ser perdida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Nossas mães estão com a promotora de eventos que está cuidando

dos preparativos do casamento.

—Começaram hoje? —Questionou interessado.

—Sim. —Dei de ombros. —Não tenho muita frescura.

—Não se trata disso, Emília. —Encarou-me sério. —Você gostaria

que eu participasse?

—Não tem necessidade.

Eu ainda estava me habituando com a ideia do casamento e tudo que o

envolve. Ter Kaled participando seria demais. Pelos menos, agora.

Ignorando o que eu respondi. Voltou para sua mesa, e fechou a tela do

notebook. Buscou a carteira e óculos de sol *Armani*, e segurou minha mão.

Saímos do seu escritório e paramos na mesa da secretária loira.

—Estou indo almoçar com a minha noiva, Liu. Se acontecer algo

urgente passe para o Asaf.

Hmm...agora sabia como ela se chamava. Nome diferente.

—Sim, senhor. Bom almoço para vocês.

—Obrigada, Liu. —Agradei recebendo um sorriso dela.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 10**

### **KALED**

Tentei acompanhar o ritmo das três mulheres, muito empolgadas,

falando sobre o preparativo do meu casamento. Gostaria de ver minha noiva

na mesma animação, no entanto, Emília brincava com a comida.

—Elas estão animadas. —Puxei conversa, e ela encarou a sua mãe,

especialmente.

—Sim, é verdade.

Aproveitei a distração de nossas mães e da senhora Joice, e segurei a

mão macia da Emília, fazendo-a me encarar de imediato. Suas bochechas

começavam a corar, e apreciei.

—Você gostaria de sair hoje à noite para jantarmos? Adoraria que

conhecesse meu melhor amigo.

—Tem certeza? —Quase ri, de seu súbito nervosismo.

Emília era jovem, e pelo que parece não tinha muita experiência. E

saber disso fazia meu ego aumentar de forma absurda, assim como a posse

que desejo ter no seu coração, corpo e pensamentos. Louco, eu sei. Mas é

assim que estou me sentindo.



Asaf tinha razão. Talvez, Emília seja tudo que eu preciso.  
Estava mais

do que na hora de recomeçar, amar sem reservas e  
construir uma família com

a mulher que me fascina. Acredito que não vai demorar  
muito para o amor

surgir.

Sei muito bem que *minha coelhinha* vai causar grandes  
problemas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Principalmente se continuar sendo tão desafiadora e cheia  
de ideias. Ela é

uma mulher firme. Admiro isso, porém o clã sem dúvida irá  
ficar no meu pé.

*Como se já não fossem o bastante, pensei frustrado.*

—Não gostaria de sair comigo? —Indaguei parecendo um  
adolescente

com medo da rejeição.

—Vocês vão sair hoje, filho? —Questionou minha mãe,  
chamando

atenção das outras para cima de nós.

—Era o plano. —Fitei os olhos amarronzados.

—Eu aceito sair com você, Kaled.

—Que maravilha, meus filhos. —Disse dona Valéria, com um sorriso

enorme. —Tenho certeza que o casamento de vocês dois será muito

abençoado.

Beijei a testa da minha mãe, desejando que suas palavras fossem

ouvidas.

\*\*\*

Eu estava ciente que não seria nada fácil fazer os integrantes do clã

mudarem de ideia a respeito da Daniela Matos. Pedi para o Athos marcar uma

reunião com eles no domingo, na minha residência.

—Senhor, precisa de mais alguma coisa?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Não. Obrigado.

Esfreguei as pálpebras, sabendo que deveria encerrar o trabalho. Fazia

quase uma semana que eu não ia acompanhar de perto a produção do milho e

feijão. Sabia o passo a passo do cultivo. Era um ramo que estava acostumado

desde de pequeno, quando acompanhava meu avô e meu pai. Seguir esta

profissão estava no sangue.

\*\*\*

Coloquei a jaqueta de couro, e passei os dedos entre os cabelos. Estava

pronto. Nunca pensei que voltaria a ficar ansioso e tenso por encontrar uma

mulher. Quer dizer...já percorri esta fase. Quem diria que aos 41 anos,

voltaria a ser um moleque.

Cumprimentei a recepcionista, e pedi para ligar no quarto da minha

noiva, avisando minha chegada. Aproveitei e troquei mensagem com o Asaf.

*Já cheguei! Sofia não para de me encher de perguntas.*

Sorri, e mandei outra:

*Diga para ela, que logo vai conhecer a minha noiva. Ela continua*

*sendo a maior curiosa. Rsrs.*

Enviou outra mensagem:

*Ferrou, cara. Ela leu a porra da mensagem.*

Sofia era uma figura. Ela e o Asaf namoravam a quase 10 anos. Tempo

demais. Entretanto, ambos estavam felizes e moravam juntos. Quase um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

casamento. Meu amigo disse que vai pedi-la em casamento ainda este ano.

Antes ele planejava para o dia da formatura dela, porém Sofia havia deixado

claro que primeiro precisaria se acostumar com a rotina do hospital. Ela era

obstetra e ginecologista.

Desviei a atenção do celular no mesmo instante que a porta do

elevador abriu e de lá saiu...Ah, porra. Entreabri a boca e fitei

descaradamente *minha coelhinha*. Estava ficando duro, principalmente

quando lembrei as noites que passei febril entre os lençóis, pensando

naquela boquinha carnuda e no corpo pequeno cheio de curvas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 11**

### **EMÍLIA**

Cogitei em trocar o vestido tubinho preto de alcinhas, por outra peça

que não fosse sensual. Se eu fizesse isso estaria aceitando a opinião do povo

de Esperança sobre a minha pessoa. Sinceramente, não me importava.

Terminei a maquiagem, e pus o necessário na minha bolsa.

Estava ansiosa para ver o Kaled. Era surreal imaginar uma vida ao

lado do homem a qual fui prometida, depois de eu ter jurado que faria um

inferno da vida dele. Parece que agora meu plano estava tomando outro

caminho.

Aquela raiva que estava sentindo simplesmente evaporou. Bem, as

vezes quando lembro que as pessoas dessa cidade vivem baseadas em um

livro antigo cheio de regras absurdas, confesso que começo a agir como uma

cadela furiosa. Para mim não era normal viver assim.

Sai do elevador, e logo encontrei o olhar azul do Kaled. Ele estava

lindo demais. Gostoso demais. Respirei fundo, tentando conter a ardência que

aquele homem causava no meu pobre corpo.

—Você está lindíssima. —Murmurou, e tocou meu rosto. E lá estava o

azul rutilante dos seus olhos. Desviei minha atenção para o furinho marcado

no seu queixo.

—Obrigada. —Sussurrei quase encostando minha boca na sua.

—Meu amigo e a namorada dele estão esperando por nós. Vamos para

o clube *Scorpions*.

Ele segurou minha mão, e deixei que me guiasse. Adorava andar

assim, de mãos dadas. O gesto poderia ser inocente, no entanto, eu enxergava

como proteção, segurança.

*Deus do céu, as vezes eu parecia tão patética, pensei espantando os*

pensamentos bobos. Eu realmente precisava parar de sonhar como uma

romântica incurável. A vida mostrou da forma mais dolorosa possível que

não se pode sonhar com o *“felizes para sempre”* .

Como um perfeito cavaleiro ele abriu a porta do carona da Hilux preta,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

e a fechou. Durante o caminho, preferi ficar calada. Kaled manuseava o

volante com precisão e atento ao trânsito. A parada de cada sinal vermelho,

sentia seu olhar em mim. E evitei retribuir, pois estava embriagada pelo

tesão. Fazia muito tempo desde que estive com um homem. Ou melhor,

estive apenas com um durante a minha vida, enfim.

—Pensa se ocupar com alguma coisa? —Questionou de repente, e

entendi onde queria chegar.

A verdade era que eu também não tinha pensando o que faria do meu

tempo, agora que vou morar aqui nesta cidade. Como não tinha muito tempo

disponível, na época que eu modelava. Optei em fazer faculdade pelo EAD,

de Administração. Nunca trabalhei na área. Talvez fosse o momento.

—Sou formada em Administração. Posso ir atrás de um emprego em

alguma dessas pequenas empresas que tem por aqui.

—Sabe que não precisa trabalhar, Emília. —Falou baixo. Notei que

não gostou.

—A questão é que eu quero trabalhar.

—Quando perguntei estava me referindo se você gostaria de se ocupar

com projetos sociais da cidade.

—Sociais? Projetos que tem haver com crianças?

—Sim. Exatamente, *coelhinha*. —Enruguei o nariz, não gostando do

bendito apelido. Ele parecia não se importar. Ou nem se deu conta do que me

chamou. —Tem uma ala no hospital para crianças que fazem tratamento



contra o câncer. Minha família banca o tratamento, pesquisas e outras coisas.

Se quiser participar indo visita-los. Realmente não tenho muito tempo.

—Posso fazer isso. Farei de coração, Kaled. Mesmo assim, vou querer

trabalhar. Vou dar conta dos dois.

—Ah, cacete. —Resmungou, puto. —Vai trazer outro problema para

mim, *coelhinha*.

—Estou sendo sincera. E espero que aceite.

—Não quero estragar nossa noite. Podemos conversar sobre isso em

outro momento?

Já estávamos no estacionamento privado do clube. Assenti

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

silenciosamente ao seu pedido. Eu também não queria que nossa noite

terminasse de forma desagradável. Antes que pudéssemos alcançar a entrada

exclusiva da casa noturna, freei meus pés e puxei seu braço pesado.

Parecendo uma gata no cio, cheirei e mordi seu pescoço bronzeado.

Suas mãos se fecharam na minha cintura, e esfreguei propositalmente meu

corpo no seu, e olhei para baixo admirando a frente do seu jeans estufado.

Kaled foi para cima, beijando minha boca. Sugou minha língua, e me

esbaldei matando uma saudade que nem eu sabia que existia.

Kaled me pegava como se eu fosse só dele, e era. Sim, caramba. Eu

aceitava essa paixão, raiva e tesão mesclados. Estava entregue.

Sentia minha vagina latejando de tanto que eu o desejava. Kaled,

desceu a mão pela minha coluna, e parou na minha bunda. Apertou forte,

pressionando o corpo grande e musculoso no meu. Deixando o macho viril

falar mais alto, e esquecendo da delicadeza.

Ele foi parando o beijo, mas eu queria mais. Segurou minha nuca

firme, e quando pretendia roubar um beijo dele. Meu noivo, lambeu minha

língua e chupou meus lábios. Da forma mais erótica possível.

—Olha o que faz comigo, *coelhinha*. —Disse, com um sorriso brincando nos lábios. —É melhor entrarmos, se não daremos um show e tanto.

—Não me importaria... —Soprei sem conter as palavras.

—Emília, nem brinque com uma coisa dessas. —Passou os dedos entre

o cabelo denso. —Você vai acabar com a minha sanidade.

—Quero você, Kaled. —Confessei.

—Eu também quero você. Estou me apaixonando cada vez mais,

Emília. —Segurou meu rosto com carinho. —É muito bom saber que não

estou sozinho nessa relação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 12**

### **EMÍLIA**

Admito que não esperava que essa cidadezinha poderia ter um clube

tão moderno, e arrisco a dizer que era melhor do que muitas casas noturnas

de cidade grande. Curti o ambiente moderno, informatizado e climatizado.

Me lembrou clubes europeus.

Kaled, segurava minha mão firme, enquanto seguíamos em direção a

área vip. Parecia que o *reizinho*, tinha tudo aos seus pés. As pessoas abriam

espaço, e faziam questão de encara-lo com respeito. Meu noivo parecia

conhecer muito bem este clube.

—Finalmente chegaram! —Exclamou animado o homem ruivo, que

tinha ao seu lado uma loira lindíssima.

—Boa noite, amigos. —Disse Kaled, cumprimentando o seu melhor

amigo. O famoso Asaf. De cara já gostei dele. —Como está, Sofia? —

Indagou, beijando o rosto da loira.

—Estava morrendo de curiosidade para conhecer sua noiva.

—Ela me

puxou para um abraço apertado, e meio sem jeito retribui.

Fui pega de

surpresa. —É um prazer finalmente conhecer você, Emília.  
Asaf não

comentou o quanto você era linda.

Sorri, deixando suas palavras atropelarem meus  
pensamentos. Ela era

bem espontânea.

—Também estou feliz em conhecer vocês. Espero que  
sejamos

amigos. —Falei com sinceridade.

*Você já está caidinha, Emília.* Minha mente cadela falou com  
aquela

voz da razão. Encarei aqueles olhos cintilantes e conclui que  
não adiantaria

eu lutar pelo que estava sentindo. Eu queria ver até onde  
iríamos chegar.

\*\*\*

Acomodei-me perto do meu noivo, que fazia questão de  
ficar me

tocando. Seja acariciando sutilmente minha coxa e minha  
mão. Ou apenas

sorria daquele jeito sedutor. Kaled não estava bebendo nada  
alcoólico, ficou

apenas no suco e água.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

## PERIGOSAS

Cogitei em não beber, para ser solidaria. Mas ele disse que não tinha

problema. Afirmou que só não beberia porque estava dirigindo.

—Você vai gostar deste drink, *coelhinha*. —Falou, pegando o copo

cristalino. A bebida era na cor avermelhada e se via pedacinhos de frutas.

—Como se chama? E do que é feito? —Indaguei curiosa, arrancando

uma gargalhada rouca do Kaled.

—Chama-se Sangria. Contém vinho tinto seco, sumo de frutas e gelo.

Vai gostar.

Peguei o copo de sua mão, e pouquinho desconfiada levei um gole a

boca. Minha nossa...Era gostoso pra caramba. Vendo minha feição, o

*reizinho* sorriu. Completou:

—Eu disse que era bom.

—Tem certeza que não quer beber? Podemos voltar de táxi.

—Sugeri.

—Estou bem. Poderia pedir para algum dos meus  
seguranças levar o

carro, mas prefiro não beber nada hoje.

Olhei para o outro lado e vi o quanto Asaf e Sofia estavam  
se

divertindo dançando. Eu adorava dançar. Porém contive a  
vontade de

convidar o meu noivo para me acompanhar. Ainda conhecia  
pouco dele.

—Gostei dos seus amigos.

—Eles são incríveis. Asaf é como um irmão. Nos  
conhecemos desde

sempre.

—Imagino que os dois tem muito o que contar. —Comentei  
humorada.

—Temos mesmo.

Quase soltei um grito e por muito pouco não derramei a  
bebida do

copo. Kaled simplesmente segurou minha cintura e trouxe-  
me para seu colo.

Suas mãos grandes estavam deixando meu corpo febril na  
medida que

raspavam minha pele sob o vestido.

—Bebe mais um pouco, Emília. —Pedi, em um tom baixo.  
—Quero

sentir o gosto da bebida na sua boca.

Exatasiada, fiz exatamente o que pediu. Ingeri a Sangria, e a bebida

desceu trazendo alívio. Ele pegou o copo da minha mão e pôs na mesinha de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

centro. Segurou minha cintura pesadamente, e não me importei. Gostava o

quanto soávamos brutos. A palma da sua mão esquerda esquentou a lateral do

meu rosto. E então me beijou.

Quando enfiou a língua em minha boca, eu gemi baixinho. Kaled

rosnou, ainda com os lábios grudados nos meus, quando puxei o seu cabelo.

O queria mais que tudo. Estava louca. Estremeci em seu colo quando sugou

minha língua. Pouco me importava se tinha alguém assistindo a gente

daquela maneira tão íntima e proibida. Era gostoso.



—Bem melhor assim.... —Sussurrou, e mantive meus olhos fechados.

—Não devia ter parado. —Falei encarando os seus olhos que agora

estavam em um azul escuro.

—Ah é? Porque, *coelhinha*?

—Por que eu queria mais, Kaled.

—Sua sinceridade fode meus pensamentos, *minha menina*.

Encostei minha testa no seu ombro, e controlei a vontade que eu tinha

de agarra-lo. Suspirei quando a música Ginza do cantor J Balvin começou a

soar. Adorava essa música.

—Vamos dançar?

—Emília, eu realmente não sou bom com a dança. —Uma ruga se

formou na sua testa.

—Aprende comigo.

Ele contestou quando viu que não íamos dançar na área vip, e sim lá

embaixo. Ao contrário do que vi quando cheguei na cidade. As mulheres

trajavam roupas sensuais, nada formal. Estava curiosa a respeito. Será que

durante o dia tinha uma regra e de noite era outra? Realmente não sei. Mas

vou descobrir.

Aos poucos Kaled foi se soltando. E amava o fato de suas mãos nunca

deixarem meu corpo, assim como o seu olhar.

\*\*\*

Kaled fez questão de me deixar na porta do quarto, no hotel onde estou

hospedada. Perigo eminente, pensei, contudo não falei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Neste domingo marquei uma reunião com o clã. Quero que saiba

que vou fazer de tudo para livrar a Daniela Matos de qualquer punição.

Segurei a mão dele, e não pude conter o sorriso.

—Obrigada por isso.

—Estava planejando em passarmos o domingo juntos, mas creio que a

reunião vai ser longa.

—Será na sua empresa a reunião?

—Na minha... —Ele encarou-me sério e continuou: —Vai ser na nossa

casa, Emília.

—Certo. Gostaria que me ligasse para contar como foi. Salve meu

número...

—Eu já tenho. —Revelou, e ergui a sobrancelha.

*Era óbvio que ele tinha, pensei cheia de ironia.*

—Claro que tem. —Suspirei, e aproximei-me para beijar sua boca,

levemente. —Adorei nossa noite.

—Que bom que gostou. —Pegou minha mão, e a beijou. Parecendo

um perfeito cavaleiro. —Foi só a primeira de muitas, *coelhinha*. Boa noite.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 13**

### **KALED**

Conjeturo que essa reunião com o clã não será nada fácil. Tomei o café

da manhã que Flora sempre preparava com capricho, no entanto, a tensão já

estava no ar. Para evitar problemas com o meu pai, preferi manter esta

reunião oculta para ele. Depois conversaria com o seu José Antônio.

—Tem certeza que essa reunião é uma boa? —Questionou Asaf,

preocupado. Ele sabia o quanto os membros do clã eram irredutíveis.

—Prometi que iria ajudar essa menina, Asaf. Tenho palavra.

—Pelo que vejo sua noiva já andou mudando algumas coisas. —

Sorriu.

—Não posso negar isso. Estou me apaixonando por ela. Um sentimento tão forte que jamais pensei que voltaria sentir.

—Eu disse que a Emília poderia ser tudo que você precisava para ser

feliz por completo.

—Sim, você disse.

Asaf se despediu, pois havia combinado de passar o dia com os pais.

\*\*\*

Estávamos reunidos no meu escritório. Pelo olhar que recebia deles era

notável a curiosidade. Flora deixou chá e café perfeitamente organizado na

mesa de centro. Encarei os membros: Luca Avelar, Sergio Moreira, Lippo

Evans, Alfredo Burani e Isac Serpa, com serenidade.

Esses homens era os mais sucedidos do país. Grandes tubarões dos

negócios. A família deles se instalaram aqui em Esperança há décadas e

seguem as regras do livro. Tiveram uma criação rígida, e sabiam que algum

dia iriam ser integrantes do clã.

Poucas pessoas sabiam da existência do clã. Mas Esperança era

conhecida por manter residentes de famílias tradicionais. Aqui vivíamos nas

leis que nossos ancestrais criaram, confesso que algumas chegam a ser

primitivas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

As mulheres desde pequenas deviam aprender a fazer tudo para poder

cuidar do lar, do marido e dos filhos. Elas não tinham voz. Poderiam

trabalhar e estudar se assim os maridos permitissem. Sempre fui contra isso, e

ainda pretendo levantar esse questionamento. Contudo, preciso ter força e o

apoio do povo.

Eu poderia muito bem decidir e fazer com que todos seguissem minhas

regras. Entretanto, os membros do clã poderiam tirar minha “coroa” e

indicar outro, entre eles, para assumir. Por esse motivo preciso tomar

cuidado.

Iniciei a reunião e falei sobre o pedido do Daniel Matos. Eles estavam

atentos nas minhas palavras. Falei que não via problema que a Daniela Matos

rompesse seu compromisso com o Caio Bezerra, e que o rapaz que ela

gostasse pedisse permissão dos pais dela para namorarem. Ela ainda era

muito jovem para se casar.

—Se fizermos isso com essa garota, depois todos vão querer o mesmo

tratamento, Kaled. —Falou Isac.

—Tenho que concordar com o Isac. —Luca pausou, e fitou os integrantes. —Se começarmos abrir exceções, outro vai querer o mesmo

direito e assim por diante.

—É necessário que eu atenda meu povo. Essa menina tem direitos.

Não vejo problema ela romper com o Caio Bezerra, além disso já avisei a ele

sobre o fim do compromisso.

—Não acredito que fez isso. —Exclamou Alfredo com indignação.

—Liguei para o senhor Bezerra e avisei sobre minha decisão, e alertei

que ainda teria uma reunião com vocês. —Não estava mentindo...por

completo. Pedi para Athos informar ao senhor Bezerra sobre a minha decisão,

e depois eu marcaria uma reunião com ele. Só queria garantir a segurança da

Daniela Matos. —Ele aceitou o fim do compromisso de forma amigável.

—Tem certeza? —Indagou Lippo.

—Absoluta. Preciso que me apoiem. Só quero evitar uma confusão.

Respirei aliviado quando acabaram concordando com a minha decisão.

Vi que nem todos desejavam o mesmo, no entanto, aceitaram. A última coisa

que gostaríamos era de uma tragédia. A reunião se prolongou sobre outros

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

assuntos comerciais.

Flora informou que o almoço estava na mesa. Durante a refeição outro

assunto veio à tona: pessoas de outras cidades estavam querendo residir em

Esperança. Isso significava um balanço no clã e nas regras que seguimos.

—Precisamos por limite. —Comentou Alfredo.

—Não podemos negar que nossa cidade tem um turismo lindo, o que

ajuda na economia do nosso povo. O que eu não gosto é dos clubes estarem

chamando atenção das pessoas. —Discursou Sergio.



Tinha que concordar. Os clubes eram frequentados pelas pessoas de

municípios vizinhos. Ontem captei o olhar atento da *minha coelhinha* nos

trajes das mulheres. Normalmente as mulheres *esperancense*, usam

vestimentas formais. Recatadas. Era muito difícil ver alguma trajando uma

peça informal. Geralmente as adolescentes faziam de tudo para fugir dessa

regra que era coagida dentro da própria casa.

Recordei-me da Emília. Ela chamava atenção de longe pelo o cabelo

longo, cor-chocolate e ondulado. Tocar naquela pele alva, macia e

cheirosa...por Deus. Era uma paixão extraordinária que veio para acabar

comigo. Tinha plena consciência que nosso casamento não seria fácil. *Minha*

*coelhinha*, era teimosa, uma verdadeira gata arisca.

—Kaled estou feliz pelo seu casamento. —Disse Lippo, estávamos na

porta da minha casa. Os outros integrantes já haviam ido embora.

—Obrigado. Também estou muito feliz.

—Vejo no seu olhar o quanto sua noiva mexe com você. Isso é bom.

—É sim.

\*\*\*

Liguei para minha noiva, comunicando que a Daniela Matos tinha

ficado livre. Sem punição e sem casamento com o senhor Bezerra. Escutar a

felicidade na sua voz me fez ganhar o dia. Não prolonguei muito a conversa,

pois precisava me dedicar em um novo contrato comercial com uma empresa

alimentícia. Havia acabado de chegar a proposta no meu e-mail.

—Sempre trabalhando. —Ouvi a voz do meu melhor amigo.

—O que faz aqui? —Desviei a atenção do meu notebook.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Poxa, vejo que ficou bem animado com a minha visita. —

Resmungou irônico. —Decidi passar aqui, antes de ir buscar Sofia no

hospital.

—Quer beber alguma coisa?

—Não, obrigado. Seu primo vai vir para seu casamento?

Só de falar do meu primo sinto desconforto. Diógenes me odeia. E faz

de tudo para me irritar.

—Provavelmente. Meus pais são leais a família. Mesmo Diógenes e

eu tendo nossas diferenças.

—Nunca entendi por que ele sempre foi distante. Recordo que desde

quando éramos crianças ele sempre fazia de tudo para puxar confusão com

você.

—Ele é doente. —Passei a mão pela barba rala.

\*\*\*

Deitado confortavelmente no sofá, eu lia novamente o *Morro dos*

*ventos uivantes*. Sem dúvida um clássico. E o meu livro preferido, sendo

assim, Emily Bronte tornou-se minha autora preferida.

Escutei batidas leves na porta, e estranhei o fato de os seguranças não

terem avisado se tinha chegado alguém. Ou até mesmo ter deixado entrar sem

me avisar antes. Somente meus pais, Asaf, Sofia, Flora, e agora a Emília e os

pais poderiam entrar sem eu precisar saber.

Deixei o livro emborcado marcando a página que estava, e levantei

saindo da sala de estar e indo para o hall. Fiquei surpreso quando vi Emília.

Ela mordia o canto do lábio carnudo, e me olhava cheia de expectativa.

—Atrapalho? — Perguntou, com as mãos no bolso lateral do short

jeans.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 14**

### **EMÍLIA**

Estava inquieta. Passei o almoço calada, enquanto ouvia meus pais

falarem do meu casamento e em uma possível viagem romântica que

pretendem fazer. Apoiei, pois de maneira alguma quero que eles se sintam

presos.

Toda vez que olho nos olhos do meu pai vejo uma onda de tristeza

passando. No fundo o seu Denis, sente culpa por este meu compromisso com

o Kaled. O recrimei, falei coisas que o magoaram, no entanto, agora não

vivo com aquela angustia de antes. Mesmo assim guardo minhas

inseguranças.

Estava sentada na poltrona, com as pernas encolhidas, enquanto leio *E*

*o vento levou* minha obra preferida escrita pela *Margaret Mitchell*. Havia

ganhado este livro do meu pai no meu aniversário de 17 anos. Desde então

sempre que posso leio, sem me importar de saber a história toda, do começo

ao fim.

Meu celular tocou, e corri para atender. Não conhecia o número, mas

torcia para que fosse o Kaled. Atendi:

—Alô?

—Boa tarde, *coelhinha*.

Voltei a sentar na poltrona, e fechei os olhos. Adorava a voz gutural de

homem do Kaled.

—Estava ansiosa...Esperando sua ligação.

—Quero que saiba que Daniela Matos ficou livre da punição e do

casamento com o senhor Caio Bezerra.

Foi inevitável. Eu sorri de alegria.

—Kaled, isso é maravilhoso. Ela já sabe?

—Ainda não. Primeiro vou conversar com o senhor Bezerra, e depois

vou passar na casa da família dela. Mas não hoje.

—Está ocupado? —Questionei, pois desejava vê-lo ainda hoje.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Bem...Agora estou. Recebi um e-mail de negócio. Preciso adiantar.

—Suspirou, parecia chateado. —Amanhã podemos almoçar juntos?

—Adoraria, só que minha mãe e a sua vão me levar para experimentar

o vestido de noiva. Vai ser um dia longo.

—Tudo bem. Amanhã de qualquer forma darei um jeito de ir ver você,

*coelhinha*. Nem que seja só para entregar uma rosa.

Automaticamente encarei a rosa que ele tinha me dado no primeiro dia

que nos vimos. Era incrível como ela continuava forte, viva. Fazia questão de

trocar a água, e cuidar dela.

—Está certo. Aguardo sua visita.

—Sonhe comigo, *minha menina*.

\*\*\*

Pensei muito antes de ir até a casa do Kaled. Estava de noite passava

um pouco das 10h. O clima estava gostoso, por isso não vesti nada chique.

Trajava um sorte jeans e uma camisa *pulôver* de manga longa.

Paguei a corrida do taxista, e me identifiquei para os seguranças no

enorme portão da mansão, dizendo que era a noiva do patrão deles. Para

minha sorte, eles me reconheceram e caminhei até a porta da casa.

Bati três vezes na porta, esperando que Kaled estivesse acordado.

Quando pretendia continuar, ele apareceu. Lindo como sempre. Seu peitoral

estava nu, e cabelos ralos enfeitavam os músculos definidos do seu peito. A

calça de moletom preta e os pés descalços o deixava mais viril, bruto e

gostoso.

—Atrapalho? — Perguntei, tentando controlar a súbita timidez que

surgiu escondendo minhas mãos no bolso lateral do meu short jeans.

—Não, claro que não.

—Então...

—Desculpa, é que eu realmente estou surpreso pela sua visita.

Ela deu espaço, e entrei na mansão. O ambiente estava pouco

iluminado, apenas o abajures elegantes que davam uma luz sutil para o hall.

—Para ser sincera nem acredito que tive coragem de vim. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



Murmurei, e ele quase sorriu.

—Estou contente por estar aqui. Aceita beber alguma coisa?  
Ou comer

algo?

—Não, obrigada. —As ideias iam se formando na minha  
cabeça, e

sugeri: —Podemos ir para o seu jardim?

—Claro que podemos ir para o *nosso* jardim.

Ele segurou a minha mão, e nos encaminhamos para a área  
externa.

Adorava toda a decoração da mansão e o jardim era o que  
mais me fascinava.

Paramos diante da piscina. Era linda também.

—Me fala sobre o clã? —Pedi, encarando a água azulzinha e  
cristalina.

—Emília...

—Juro que estou tentando entender esse seu mundo, Kaled.  
Mas é tão

complicado e confuso.

—Acho que ainda não é momento de conversamos sobre  
isso.

Segurou meus braços, que estavam cruzados, e fitei seu  
rosto. Era mais

que evidente que estava apaixonada pelo Kaled. Meu Deus, como mudei.

Estava disposta a ser uma verdadeira pedra no sapado do *reizinho*, e no final

entreguei meu coração.

O sentimento era novo, afinal, fazia tão pouco tempo que nos

conhecíamos. E depois que perdi o Luan, pensei que jamais conseguiria

seguir em frente. Eu o amei. Tinha desistido de toda a vida que meus pais

tinham planejado para mim, para fugir com o Luan. E agora estava disposta a

recomeçar.

Eu enfrentaria todas as minhas inseguranças para ficar com o Kaled.

Sentia uma vontade louca de estar perto dele. Ser dele. E mesmo odiando o

motivo que realmente fez ele e eu estarmos juntos, agora já não me importava

mais.

Agarrei seu rosto, sentindo a barba cerrada na palma das minhas mãos,

e beijei sua boca. Quando enfiou a língua em minha boca, gemi esfregando

meu corpo no seu. Sem vergonha e sem pudor.

—O que está fazendo? —Indagou rouco, assim que soltou minha boca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Peguei a barra da minha camisa e puxei para cima, tirando-a.

—Vamos entrar na piscina. —Falei travessa, fazendo-o menear a

cabeça.

O silêncio da noite deixava o clima mais ardente. Os olhos do Kaled

estavam queimando minha pele. E então, engoli em seco, vendo que o mesmo

descia o moletom, escorrendo-o pelas coxas bem torneadas e pernas

definidas. Tentei não vacilar diante da sua masculinidade, contudo, seu pau

estava duro, excitado. Admirei a grossura e o tamanho.

Corajosa e ambiciosa, levei os braços para trás no intuito de destravar

o feixe do sutiã branco de renda, que eu usava junto com a calcinha de

lacinho.

—Deixa que eu tiro, *bebê*.

Ele pôs meu cabelo de lado, e senti seus dedos pesados tocando minha

pele sempre me fazia suspirar como uma boba apaixonada. Sua boca plantou

um beijo na minha nuca, e como se soubesse que ali era meu ponto fraco,

rodeou o braço em volta da minha cintura, me segurando. Desceu com os

dedos ansiosos e desfez o laço da minha calcinha, fazendo-a cair sob meus

pés.

Tremi sentindo sua dureza nas minhas costas. Sem dizer nada segurou

minha mão, e fomos em direção a escadaria da piscina feita de pedras.

Agarrei seu pescoço, e deixei ser enfeitiçada pelo azul dos seus olhos.

—Não tem medo? —Perguntou de repente.

—De quê?

—De mim. Disso que estamos tendo. —Sorri, negando com a cabeça.

Rodeei sua cintura com as pernas, e captei quando fechou os olhos.

Pois também senti quando seu pau raspou na minha vagina.  
Estava dopada de

tanto tesão e paixão.

—Confio em você, Kaled.

—Deus do céu, Emília. —Beijou minha boca levemente. —  
Estou

louco para foder você. Comer você. Mas também quero  
fazer amor, sabe

como?

—Diga? —Sussurrei hipnotizada pela sua boca. Amava o  
formato dos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

lábios dele.

—Vou segurar suas mãos com as minhas, e enquanto seu  
corpo estiver

debaixo do meu...Vou meter devagarzinho na sua bocetinha  
linda, beijar sua

boca...E sussurrar o quanto sou apaixonado por você,  
*coelhinha*.

Fitei o céu estrelado, e permiti apreciar cada palavra que o  
Kaled me

disse.

—Quero o amor com você, Emília.

—Eu também. Eu preciso de você.

Desci a boca pelo seu queixo sentindo a barba roçar minha pele. O

enchi de beijos, carícias na região do pescoço. Ele me pegou pelo cabelo da

nuca, e bruscamente tomou minha boca. Retribui na mesma fome. Gemi

agoniada quando senti sua língua descer pela minha clavícula, apertei mais

minhas pernas em volta do seu corpo quando ele começou a sugar meu

brotinho com força. Mamou em mim com tanta vontade e maestria que sentia

minha boceta ficando mais molhada, fazendo a palpitação entre minhas

pernas aumentar.

—Ah, Kaled...Por favor, eu...Ai.

Joguei a cabeça para trás, perdendo as forças. Kaled continuava, e

gozei sentindo a sensação dominar o meu corpo e mente. E sentir o seu pau

duro encostando na minha vagina, fazia eu querer mais. Não queria que

terminasse ali. Seus lábios deixavam beijos carinhosos pelo meu rosto.

—Eu quero...

—Não vamos foder e nem fazer amor. Hoje não. —Falou carinhoso, e

explicou: —Vamos aproveitar tudo em nossa lua de mel.

—Só você mesmo.

\*\*\*

Kaled preparou chocolate quente, assim que tomamos banho e

trocamos de roupa. Estava confortável usando sua camiseta. Enquanto

enxugava meu cabelo, sentia seus olhos estudando meus movimentos.

—O que foi? —Perguntei humorada.

—Estou apenas admirando. —Pôs a xícara na cabeceira da cama, e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

sorriu. Era pouca as vezes que o via sorrir. —Vem aqui, eu ajudo você.

Ele percebeu minha dificuldade em enxugar meu cabelo. Sentei entre

suas pernas, e entreguei a toalha. Confesso que estava me sentindo um pouco

estranha com sua demonstração de cuidado.

Quando terminou, agradei. E fui estender a toalha na poltrona que

tinha de frente para enorme janela que dava para a sacada. Voltei para cama,

e me aconcheguei nos braços calorosos do Kaled.

—Nem acredito que está aqui comigo. —Beijou minha cabeça.

—Pois eu estou, *meu amor*.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 15**

### **KALED**

Tive uma noite de sono tranquila com a Emília em meus braços. No

entanto, meu corpo estava aceso, excitado. Totalmente fissurado na beleza da

minha noiva. E por um instante quis leva-la para longe de Esperança, onde

ela e eu poderíamos ficar isolados em uma casinha no meio do nada. O amor



bastaria.

Ontem precisei me controlar muito para não toma-la, pega-la com

força. Mostrando o macho que eu sou. E ainda estou morrendo de desejo e

paixão. Seu corpo era perfeito. Gravei cada pedacinho dela. Os seios são

redondos, firmes e cheios para o corpo delicado, não existia nenhuma

mácula, a pele era naturalmente macia e cheirosa. O contorno de sua cintura

em conjunto com o quadril e bunda era de arrancar gemidos, de tão gostosa.

Passei o nariz pelo o cabelo escuro espalhado pelo travesseiro, e trilhei

os dedos sentindo o quanto é sedoso. Estávamos descobertos, e novamente

fitei as letras finas e suave que marcava sua pele na lateral do seu quadril

direito, li em voz baixa *“eu existo por você, porque você existe pra mim”* .

Admirei a tatuagem e sem querer soube que aquela frase tinha um grande

significado para mim.

Preferi não comentar sobre a tatuagem com ela. Parecia algo íntimo,

mas que no fundo estava muito curioso para saber em que passagem da sua

vida aquela tatuagem se encaixou.

Comecei a beijar a curva do seu pescoço, queixo e finalmente selei

nossa boca com um selinho demorado. Seus lábios foram se curvando

lentamente, formando um sorriso doce. E lá estava eu preso na sua teia de

sedução, mesmo sem ela saber.

—Bom dia, *meu amor*. —E sorri, cheio de entusiasmo e paixão por

escutar a forma carinhosa que me chamava. Ontem senti a mesma sensação

de júbilo, quando disse pela primeira vez “*meu amor*” .

—Bom dia, *coelhinha*.

—Vai continuar me apelidando de coelhinha?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Combina com você.

—Que horas são?

Procurei o relógio na cabeceira da cama, e respondi:

—Seis horas.

—Ainda bem que é cedo. Estou sem celular e se minha mãe me

procurar no quarto e eu não estiver lá...Vai ser uma loucura.

—Tome café comigo. Depois deixo você no hotel.

Ela agarrou meu pescoço e capturou minha boca. E beijei com

vontade, roubando seu ar. Apreciando seu gosto, ficamos ali um bom tempo

apenas nos beijando, deixando nossas línguas duelarem lentamente.

\*\*\*

Flora preparou uma mesa farta, no jardim. O dia estava lindo, e

esperava que continuasse assim. Emília parecia mais à vontade, as bochechas

estavam levemente coradas. Peguei seu olhar direcionado para a piscina,

obviamente se recordando da noite anterior.

—Quer mais alguma coisa?

—Por Deus, Kaled. Pelo visto quer me empanturrar de comida.

—Só quero ter certeza que está satisfeita. Essa casa é sua, *coelhinha*.

Fique livre para fazer qualquer coisa que desejar.

—Obrigada. —Sorriu, mas tentei não me incomodar com o desconforto que vi passar nos seus olhos.

—O que foi? —Perguntei cauteloso, com o dedo erguendo seu queixo.

—Nada. —Suspirou e disse: —Por favor não me entenda mau. Mas

estou aceitando essa nova etapa da minha vida com calma. Antes eu tinha

uma visão diferente do nosso futuro casamento, agora vejo de outra forma.

Entendi perfeitamente o que ela disse. Enquanto eu desde o início

tentei acalmar minha mente e coração afirmando que faria de tudo para ser

um casamento bom. Minha menina estava planejando o oposto.

—Desculpe, se estou sobrecarregando você com essa nova fase. É que

as vezes digo tudo de forma natural.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Sim, sim. Eu sei.

## **EMÍLIA**

Falta menos de uma semana para o grande dia. Na cidadezinha não se

falava em outra coisa, a não ser o meu casamento com o *reizinho*. Hoje pela

manhã tive a última prova do vestido. Sempre que Kaled podia vinha me

buscar no hotel, aproveitávamos um tempo juntos. Conversávamos

banalidades, trocávamos ideias sobre alguns livros que tínhamos lidos, e

assim ia.

Ele era um homem sério a maior parte do tempo. Um homem duro

sombreado pelos cílios densos e as sobrancelhas grossas. E mesmo assim o

desejava ardentemente, e quando conhecia mais sua personalidade e gostos,

mais o queria para mim.

Para não estragar o clima de alegria que estava cercado a família

Torres e Maldonado. Resolvi deixar o assunto sobre eu trabalhar, para

quando voltássemos de lua de mel. Andei pesquisando, e soube que tinha

uma vaga de administrador em uma pequena fábrica de porcelana na cidade.

Adorei passar o dia com meu noivo na fazenda. Onde fiquei

impressionada com a plantação de milho e feijão. Parecia não ter fim de tão

vasto que era. Infelizmente não pude conhecer mais da fazenda, pois Kaled

precisaria estar na empresa onde cuidava dos assuntos burocráticos, no outro

dia.

Troquei a água da pequena jarrinha, e pus novamente a rosa que havia

ganhado do Kaled, na festa da padroeira da cidade. Sorri, pensando que eu

nem sabia quem era aquele homem alto, misterioso e muito elegante que

tinha me presenteado com a rosa-vermelha.

Joice estava correndo com a finalização dos preparativos finais do

casamento. Seria uma grande festa realizada no centro da cidade, na praça

*“Bonita”*. A cerimônia aconteceria na catedral da cidadezinha, e seria

decorada na sexta-feira. O casamento vai acontecer no sábado as 5h da tarde.

Comecei a arrumar minhas roupas e objetos que trouxe comigo de

Porto Velho, outros que fui comprando na cidade, dentro das malas. No

sábado pela manhã o motorista e segurança particular do Kaled, iria vir

buscar e levar para o meu novo lar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Abri a caixinha que eu guardava bijuterias e joias, e lá estava uma foto

do Luan. Fui consumida pela comoção da culpa e saudade. Luan e eu fomos

muito felizes juntos, tivemos momentos inesquecíveis. E planejávamos mais,

antes da tragédia acontecer.

Eu fui muita amada pelo o Luan. Fiz promessas, pensando que nunca

mais iria me apaixonar ou amar de novo. Então lembrei que uma vez minha

mãe disse que quando uma mulher é amada verdadeiramente, e quando perde

o seu amor, ela pode sim voltar a amar novamente. Pois significa que o amor

que ela teve antes era real. Bonito.

—Nunca vou esquecer de você, Luan. As lembranças sempre ficaram

guardadas. —Murmurei emocionada, encarando a foto.

Estava entregando o meu coração para o Kaled. Estava pronta para

amar novamente. E ser amada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 16**

### **EMÍLIA**

Estava muito ansiosa. Novamente prendi e soltei a respiração tentando

acalmar meu corpo e as batidas do meu coração. Tive uma manhã de rainha

no spa do hotel. Fiz tudo que tinha direito, mas por nenhum momento Kaled

saiu dos meus pensamentos.

A cidade praticamente parou para o casamento do *reizinho* e da



forasteira. Flora ligou querendo saber onde deveria guardar os presentes que

não paravam de chegar. Disse que poderia colocar em um quarto vazio da

mansão. Depois Kaled e eu abríamos juntos.

Faltava meia hora para sairmos do hotel em direção a catedral. Dona

Valéria tinha avisado que todos os convidados íntimos estavam na igreja, e o

centro da cidadezinha estava começando a lotar. Acho que todos os

moradores resolveram comparecer.

Alisei novamente a lateral do vestido estilo sereia que abraçava meu

corpo sem deixar nada escapar. Nunca estive tão linda. Estou me sentindo

uma verdadeira princesa. O tecido era macio e a renda lindíssima seguia para

fora do decote pegando o tule ilusion tornando-o sensual e clássico.

—Oh meu Deus. —Fitei minha mãe pelo espelho, e sorri diante da sua

expressão de pura alegria. —Você é a noiva mais linda que já vi.

—Perdi a conta de quantas vezes a senhora disse isso hoje.

—Athos está esperando por você, querida. —Referiu-se ao motorista e

segurança particular do Kaled. —Seu pai também.

Caminhei em direção a mesinha e peguei a rosa vermelha que estava

com a cor mais viva do que nunca. Entraria com ela.

—Bem, estou pronta.

—Tem certeza, meu bem? Não quer atrasar mais um pouquinho? —

Falou humorada, e sorri.

Dona Aurora tocou meu rosto com ternura e declarou:

—Se eu não soubesse que você se apaixonou pelo Kaled, você não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

estaria aqui. Eu arrastaria você para fora dessa cidade como uma leoa. Pois a

última coisa que eu gostaria era de estragar sua vida, de novo.

—Mãe você não estragou minha vida.

Estava chocada com a sua revelação.

—Sim, querida. Você sabe que seu pai e eu nos intrometemos muito

na sua vida. Deveríamos ter deixado você seguir sua história com o Luan,

talvez...Aquele acidente jamais tivesse acontecido. Tivemos tanto medo de

perder você, meu bebê.

—Ah, mamãe... —Abracei-a com força.

## **KALED**

Tentei não me importar com a presença do meu primo, Diógenes. Era

um invejoso filho da puta que adorava palpitar sobre minha vida, além é

claro, de fazer piadinhas. Insuportável. Pelo bem da minha família resolvi

relaxar, afinal hoje era o melhor dia da minha vida, depois de tantos anos

sendo solitário e frio.

—Estou encantada pela decoração. Fizeram um ótimo trabalho, primo.

—Elogiou Samira, minha prima e irmã do Diógenes. Nem acreditava no

quanto os dois eram diferentes na personalidade. *Graças a Deus*, pensei.

—Realmente. O centro da cidade pareceu ter saído de uma daquelas

revistas de festa e decoração. —Ela sorriu.

—Escute, Kaled. Não deixa meu irmão estragar seu dia, ok?  
Você sabe

que Diógenes pode ser muito inconveniente, mas ignore.  
Prometo que vou

tentar manter os olhos nele. Ele disse que não ia vir. Mesmo  
assim ficarei

atenta.

—Obrigado, prima.

—Não agradeça. Faço tudo pela família.

Diógenes havia chegado em Esperança fazia cinco horas e  
eu já não

via a hora de ele partir.

—Querido, vamos nos posicionar. Sua noiva chegou. —  
Informou

minha mãe, e Samira foi para o seu lugar.

Foi inevitável. A emoção e o coração disparado parecia  
domar meu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

corpo completamente. Parecia que era o meu primeiro  
casamento. Todavia,

na época que casei-me com Linda, foi tudo muito rápido. E só durante o

casamento descobrimos a paixão. Fomos felizes até certo ponto. Seu suicídio

demonstrou que não era tão feliz assim, como julguei.

Afastei as lembranças, e olhei fixamente para a entrada da igreja

esperando a *minha menina*. E então ela veio linda, segurando no braço do pai

e com uma rosa-vermelha na mão. O cabelo escuro estava em um coque,

deixando toda a atenção para o pescoço e rosto perfeitos.

Quando pararam diante de mim. O senhor Torres estendeu a mão, e

apartei fazendo uma promessa silenciosa que cuidaria da sua filha até o meu

último suspiro. Beije a testa da *minha coelhinha*, e não pude me conter. Selei

rapidamente nossos lábios.

## **EMÍLIA**

—Pode beijar a noiva.

E parecia que as pessoas em nossa volta se tornaram um borrão. Kaled

segurou minha cintura, puxando-me para perto. E sorriu com os lábios

encostados nos meus, e finalmente tomou minha boca. Um beijo longo,

profundo e só nosso.

Quando saímos de dentro da igreja fiquei impressionada com a

quantidade de pessoas que estavam lá foram e não puderam entrar para

assistir à cerimônia. Havia muitas crianças jogando arroz em nós, e foi quase

impossível não rir.

\*\*\*

Fomos para o centro da cidade. A tarde estava agradável, favorável ao

clima de festa. A medida que íamos andando cumprimentávamos os

convidados. Muitos eu ainda não conhecia.

—Finalmente vou conhecer a mulher que roubou o coração do meu

primo. Prazer, Samira.

De imediato identifiquei-me com a moça de cabelos ruivos

esvoaçantes. Dona Valéria tinha comentado comigo que alguns parentes

distantes iriam vir para o casamento. Estes entes não moravam em Esperança,

pois não aceitavam as regras do clã. Mesmo assim não perderam o contato.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Lembrei-me da Samira. Minha sogra comentou que criou Samira e seu

irmão mais velho, Diógenes, desde os 13 anos, quando perderam os pais em

um acidente de carro. Porém a convivência do Kaled com o Diógenes sempre

foi muito regada em brigas e discussões.

Quando Diógenes completou 18 anos, foi morar em São Paulo.

Voltava apenas quando seu José Antônio exigia sua presença em algum

evento familiar. E Samira acompanhou o irmão, pois não queria fazer parte

das leis do clã.

—O prazer é meu. Eu sou Emília. —Abracei ela, sem largar a rosa-

vermelha da mão. —A dona Valéria falou muito bem de você.

Kaled encarou-me como se quisesse indagar algo. Contudo, preferi

não perguntar nada para ele sobre a relação nada afetuosa que tinha com o

primo.

—Minha tia exagera as vezes. —Sorrisimos.

A festa rolava, e parecia que não tinha hora para acabar. Meus pés

estavam um pouco doloridos de tanto que dancei com meu noivo, meu pai e

Asaf. Me diverti bastante com Sofia e Samira. As duas eram maravilhosas.

Na hora de jogar a rosa, a sortuda que a pegou foi Sofia. E pela primeira vez

desde que cheguei a cidade, notei que todos pareciam livres neste dia. Sem

olhares inseguros e repreensivos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 17**

### **EMÍLIA**

Estávamos a caminho de casa, e um friozinho no estômago demonstrava



o quanto eu esperava pela nossa noite de núpcias. O teso  
estava estalando

entre nós, os olhos azul-escuros do Kaled estavam sempre  
em mim.

Debaixo do vestido, minha única peça íntima era uma  
calcinha de

renda muito pequena e cinta longa que formava o conjunto.  
*Minha nossa,*

*estou tão nervosa.* Pensei debochando de mim mesma.

—Temos a casa só para nós, *coelhinha.*

*Oh, Deus. Calma, Emília.* Tentei soar mais serena possível:

—Isso é bom.

—É perfeito.

Quando Athos estacionou em frente à entrada da mansão,  
Kaled saiu

do carro e estendeu a mão para me ajudar sair. Quando  
íamos subindo o

degrau, de repente o pequeno sorriso que estava formado  
em seus lábios...Foi

desaparecendo e olhei para frente e vi um homem alto, de  
cabelos castanhos e

forte com um enorme sorriso de deboche. Suas roupas  
lembravam de um

motoqueiro rebelde.

—Desculpe, não ter ido ao casamento, primo. —Seus olhos escuros

me estudam com total perícia, e continuou: —Continua tendo um belo gosto,

Kaled.

—Saia da minha casa. Agora. —Encolhi meus ombros quando escutei

a voz gutural e dura do Kaled.

—Nada disso! Antes quero dar o seu presente de casamento.

—Saia. Agora.

Kaled ia se aproximar dele, e vendo sua fúria quis evitar o pior.

—Kaled, por favor, não brigue. —Meu marido encarou-me, e respirou

fundo.

—Vai embora! E só volte na minha casa quando minha esposa ou eu

convidarmos você, Diógenes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Peço apenas cinco minutos, primo. Tenho certeza que vai adorar o

presente.

## **KALED**

Eu poderia muito bem tirar o Diógenes da minha casa. Todavia, vi o

olhar assustado da minha esposa e quis evitar uma briga feia na sua frente.

Estava no meu escritório olhando a figura debochada do meu primo.

—Fale de uma vez. —Exigi, matando-o com o olhar.

—Nunca perdoei você por ter tirado a mulher que eu amava, Kaled. —

Declarou o que eu soube no dia do meu casamento com Linda. —Você

tomou a Linda de mim. Seu traidor desgraçado.

Continuei estudando ele. Diógenes nunca havia dito antes que era

apaixonado por Linda, desde seus 14 anos. Realmente eu nunca desconfiei.

Se eu soubesse com certeza teria evitado, principalmente o casamento. Não

por gostar e respeitar o meu primo. Mas simplesmente por honrar um amor.

Mesmo que não fosse o que eu queria. No entanto, o problema era que tudo já

estava planejado. Linda sempre mostrou interesse por mim,  
e assim fomos

levando nossa relação.

Meu primo queria que eu desistisse do casamento naquele  
momento

que me confessou seu amor pela minha noiva, no dia do  
casamento. Eu não

fiz. Então Diógenes passou a me odiar cada vez mais.  
Sempre achei que fosse

desavença de criança, entretanto, na medida que íamos  
crescendo notei que a

raiva continuava morando nos seus olhos.

—Posso continuar vivendo sem o seu perdão, Diógenes. —  
Pus o meu

pior lado para enfrenta-lo.

Ele riu, meneando a cabeça.

—Sei disso. Mas tenho certeza que não vai conseguir viver  
sabendo o

real motivo do suicídio da Linda.

Escorei na cadeira de couro, e analisei seu olhar cheio de  
rancor. O

sorriso agora era diabólico.

—Ninguém soube o motivo.

—Pois eu sei. —Levantou-se da cadeira, e soltou: —A Linda se matou

por sua causa, infeliz. Ela se matou porque não aguentava mais a pressão do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

clã, dizendo que ela deveria engravidar. Ela era estéril.

Gelei, sentindo meu corpo tremer. Ela não teria escondido isso de

mim.

Segurei o Diógenes pelo colarinho, batendo suas costas brutalmente na

parede. Ele riu.

—Seu doente, filho da puta! Eu mato você com as minhas próprias

mãos se estiver mentindo. Eu acabo com você!

—Não tenho medo de você! Se dúvida vai atrás dos pais da Linda.

Você não é o rei dessa porcaria de cidade.

O suor descia frio pelo meu corpo. Seria capaz de cometer uma

verdadeira loucura.

—Saia agora mesmo da minha casa.

E ele saiu, com aquele maldito sorriso no rosto.

Liguei para Athos, e ordenei que trouxesse os pais da Linda.  
Tiraria

essa história a limpo agora mesmo.

## **EMÍLIA**

Desconfiei que Kaled poderia demorar. Então aproveitei  
para tomar

um banho e tirar a camada fina de suor. Queria ficar  
perfeita para ele. Depois

do banho, hidratei minha pele, e trajei novamente a  
lingerie, deixando os

meus seios nus.

Vesti o roupão, e voltei-me para o espelho do banheiro.  
Comecei a

pentear o meu cabelo, em dúvida se deveria mantê-lo preso  
ou solto. Nunca

tinha ficado assim. Era algo tão especial e único que estava  
vivendo com o

Kaled.

—Meu marido. —Murmurei, me acostumando.

Tenho total consciência que o nosso casamento vai ser uma  
verdadeira

montanha russa. Principalmente por sermos tão teimosos e  
orgulhosos.

Espero que a paixão que sentimos amadureça e se transforme em um amor

pleno.

O quarto estava repleto de pétalas vermelhas. Os abajures deixavam o

clima romântico e as poucas velas espalhadas com cheirinho agradável

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

realçava a sedução que pairava no ar.

Escutei passos pesados, e sai do banheiro sorridente. Parei

instantaneamente quando vi o estado do meu marido. As roupas estavam

amarrotadas, o rosto claramente perturbado e os olhos...

Frios. Duas pedras

de gelo.

—Kaled, o que aconteceu? —Indaguei preocupada, e antes mesmo de

ficar perto dele, senti o cheiro de álcool forte.

Eu deveria ter descido para saber o motivo da demora. Mas preferi

esperar por ele.

—Vem aqui!

Segurou meus dois braços com força, e encostou-me na parede com

brutalidade. Soltei um grito assustada, nervosa pelo seu jeito.

—Está me machucando.

Kaled soltou meus braços, e rasgou sua camisa. Quase caindo,

tropeçando de bêbado. Quando pretendia sair do quarto, ele foi mais rápido,

me impedindo. Comecei a tremer, e as lágrimas foram caindo.

—Pare com isso. Veja o que está fazendo, Kaled. —Implorei, sentindo

um medo terrível.

—Quero você.

Neguei, tentando sair dos seus braços. Ele foi abrindo o roupão

rudemente com as mãos pesadas e desesperadas, e de repente fui engolfada

pelo nojo. Só queria sair dali. Eu não o queria daquele jeito. Ser dele sem eu

querer. Esse não era o Kaled. Ele segurou meu rosto e capturou meus lábios,

mordendo minha boca. E mesmo sentindo dor, busquei forças para tentar



empurra-lo. Comecei a chorar e gritar. A sensação que seria violentava me

causava pânico.

—Porra, Kaled! —Exclamou Asaf, que tirou o amigo de cima de mim.

Cai no chão, tremendo muito. Assustada.

Asaf o tirou do quarto, segurando-o com força. E levantei para passar a

chave na porta. Eu não perdoaria o Kaled.

Chorei tanto, que quase dei um pulo quando ouvi baterem na porta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Emília, sou eu Asaf. Abra a porta.

Ainda tremendo, e encolhida sentada no chão, falei:

—Não vou abrir.

—Emília, sei que está assustada. Já dei um jeito no Kaled. Ele errou, e

teve seus motivos para ficar desolado. Não estou acobertando ou desviando a

forma agressiva que ele estava, mas só procure conversar com ele amanhã.

Por algum motivo estava me sentindo envergonhada e violada. Nunca

tinha acontecido nada parecido comigo. E jamais pensei que pudesse

acontecer algo assim.

—Estou bem. —Forcei minha voz sair. —Quero ficar sozinha. Fique

com o Kaled. E deixe ele longe de mim.

—Farei isso. Descanse. E qualquer coisa me chame, Emília.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 18**

### **KALED**

Acordei assustado e suado. Estava sentindo uma dor de cabeça terrível,

além dos meus olhos estarem ardendo. Pus a mão no meu rosto, tentando me

lembrar de ontem. E o principal motivo de eu ter dormido no quarto de

hóspedes. Por Deus, o que tinha acontecido?

Recobrei as lembranças como um borrão, mas o suficiente para eu

entender o que tinha acontecido. Diógenes revelou que Linda tinha se

suicidado por ser estéril e pela pressão que o clã estava colocando nela para

gerar o meu herdeiro. O próximo Maldonado para ser o senhor do clã e do

povo.

Mandei Athos buscar os pais da Linda. E foi aí que recebi o baque.

Dona Ana admitiu que a filha era estéril e que esconderam de mim com medo

de serem punidos pela mentira. O seu marido confirmou tudo. Recordei-me:

*—Como puderam esconder isso? —Questionei irado.*

*—Minha filha estava com medo. Todos nós estávamos. —  
Explicou o*

*senhor Lindomar.*

*—Nada justifica.*

*—Estavam pedindo um herdeiro. Minha filha estava desesperada.*

*Passava os dias atormentada. E vivia com medo que o clã e o senhor*

*descobrissem.*

*—Jamais faria mal a ela.*

Diógenes estava certo. Ele não mentiu e foi o único que contou a

verdade. Passei 13 anos pensando no que eu tinha falhado para não ter notado

a depressão que minha esposa se encontrava, e que foi capaz de tirar a própria

vida.

A raiva e dor correram mais forte nas minhas veias quando o senhor

Lindomar admitiu que meu pai sabia o motivo do suicídio da Linda, e foi

ordem dele que ficassem calados. Nunca senti tanta decepção.

—Bom dia.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Fitei o Asaf que estava com a expressão séria. Como nunca vi antes.

Estranhei sua presença, afinal, esperava pela Emília...Ah, caralho. Senti meu

sangue parar de circular quando lembrei da covardia que fiz ontem com a

minha menina. Parecendo ter lido meus pensamentos, meu melhor declarou:

—Cheguei a tempo. Antes que você fizesse mais besteira.

Levantei rapidamente da cama, mas ele entrou na minha frente.

—Preciso pedir perdão da Emília. —Murmurei angustiado, com medo

que tivesse estragado tudo.

—Até agora ela não saiu do quarto. E não quis comer nada.

—Ele

suspirou visivelmente cansado, e continuou: —Está quase anoitecendo.

—Que merda! Eu...

—Athos contou tudo, Kaled. Mas nada justifica você ter perdido o

controle com a sua mulher, mesmo estando sob o efeito de álcool.

—Eu sei, porra. Não sabe como estou envergonhado. — Abaixei a

cabeça.

—Acredito em você, meu amigo.

—Preciso que ela me escute, Asaf.

Tentei passar, contudo ele me impediu de novo.

—Antes de ir tentar falar com a sua esposa. Sugiro que tome um banho

e tire qualquer vestígio do animal que foi ontem.

\*\*\*

Nem consegui me encarar no espelho. Por muito pouco não destruí

minha esposa. As olheiras abaixo dos meus olhos e, a feição de derrotada era

apenas a imagem de um homem aniquilado.

Busquei o molho de chaves que a Flora guardava dentro de um

pequeno armário embutido no corredor. Se eu batesse na porta Emília não

abriria. Abri a porta e meu coração batia mais forte.

O vestígio da noite de ontem estava bem claro. E senti mais culpa

ainda quando vi as pétalas de rosa-vermelha espalhadas pela cama. E quando

notei...alguns objetos caídos, a camisa social que fazia parte do meu terno de

casamento totalmente destruído no chão, senti mais remorso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Não pude evitar o choro. Simplesmente a compunção estava tomando

conta do meu corpo. Vi a minha esposa sentada na poltrona,  
com as pernas

encolhidas, de frente para a porta da sacada. Podia escutar  
seu choro

silencioso.

Aproximei-me em passos lentos, e agachei-me ao seu lado.  
Em

nenhum momento ela me olhou. Parecia longe dali. Pude  
ver que o seu lábio

estava inchado e ferido. Meu plangor foi maior ainda.

—Emília, eu... —Estava tão desolado que nem sabia como  
começar a

explicar e pedir perdão. —Se eu pudesse voltar atrás,  
jamais...Nunca teria

agido como um monstro.

Ela continuou quieta. Apenas as lágrimas desciam pelo seu  
rosto.

—Perdão, meu amor. Fui um monstro, um verdadeiro  
covarde.

Assumo minha culpa. Eu estava bêbedo e machucado, mas  
isso não é

desculpa. Estou envergonhado. Nunca me perdoaria se  
tivesse...Se tivesse

violentado você.

Toquei seu braço, e não recebi nenhum olhar. Nenhuma palavra. Nada.

—Diga o que eu preciso fazer, Emília?

Minha menina virou o rosto e fitou-me. Enxerguei o quanto estava

magoada, com medo e ferida.

—Nada. Quero ficar sozinha. —Exigiu em um tom cortante, baixinho.

—Asaf disse que você não quis comer nada. Eu...Não quero que

adoeça e nem fique fraca. Sei que está muito magoada, mas não me afaste.

—Saia, Kaled.

—Vou trazer uma sopa e cuidar de você...

—Não entendeu? Eu não quero olhar pra você e muito menos ouvir

sua voz. Sai daqui.

Peguei o resto que sobrou da minha vergonha e levantei. Eu respeitaria

o seu tempo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 19**

### **KALED**

Três dias haviam se passado. E nenhum momento Emília deixou eu me

aproximar. Estava sempre trancada no quarto. Felizmente Flora fazia ela

comer, além de fazer companhia também. Esses três dias mandei buquês de

lírios, pedindo seu perdão. Mas não tive nada como resposta.

—Não fique assim, Kaled. Vocês estão apaixonados e tenho certeza

que Emília vai perdoá-lo.

—Juro que se tivesse o poder de mudar o que fiz naquela noite, eu

faria.

—Acredito em você. Já disse isso.

—Para completar soube que Diógenes vai passar um tempo aqui.

Aquela merda deve estar rindo da desgraçada que sua notícia trouxe.

—Ele agiu errado em ter contado justamente no dia do seu casamento.

Diógenes revelou a verdade sabendo que causaria algum dano. Por outro

lado, ele contou o que você sempre quis saber.

—Isso não faz eu ter menos raiva dele. Se ele estar pensando que vai

atrapalhar a minha vida. Ele está muito enganado. Por que posso ser o próprio

demônio em pessoa. Cansei dele.

Passei o restante do dia, cuidando de assuntos da cidade e analisando

novas propostas de exportações. Por muitas vezes sentia que eu carregava o

mundo nas costas. A vontade de passar uma temporada longe de Esperança

com a minha esposa é tentador. Antes de qualquer coisa preciso do perdão e

confiança da *minha coelhinha*.

—Boa tarde, meu filho.

Estremeci quando vi o seu José Antônio na minha frente. Que Deus

pudesse me perdoar, todavia, eu estava sentindo uma decepção tremenda do

meu velho. No fundo eu sabia que o mundo do meu pai girava entorno do clã

e da cidade.

—Não atendeu as minhas ligações. Sua mãe pensou que você ia tirar a

semana para passar com a sua esposa, mesmo assim resolvi ligar para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

senhorita Liu e soube que estava trabalhando. E vim te ver.

—Estava evitado contato com o senhor. —Franziu o cenho, e proferi:

—Como o senhor teve coragem de esconder de mim que Linda se manteve por

culpa da pressão que estava recebendo do clã.

Ele empalideceu.

—Kaled, ninguém teve culpa.

—Mentira. Não me faça de idiota. Tiveram culpa sim!

—Ela confessou que era estéril para mim. Fui sincero com Linda

quando disse que você teria que tomar uma decisão.

—O senhor e aqueles doentes destruíram a vida de uma inocente.

Exaltado e com a feição séria, falou:

—Você, meu filho, foi criado nesse meio. Sabe que para tudo e todos

tem uma punição. Fazemos justiça com as próprias mãos. Somos os senhores

desse lugar. Então aceite o fato que de um jeito ou de outro, Linda teria que

desaparecer se não gerasse um herdeiro. Sinto muito por ela.

—Quero o senhor longe da Emília. Fui claro?

—Escute aqui, seu moleque. Eu sou o seu pai. Exijo respeito, meu

filho.

—Quem manda nessa cidade sou eu. O respeito que eu tinha pelo o

senhor morreu.

## **EMÍLIA**

Passei uma pomada no meu lábio machucado, e fechei os olhos

tentando espantar cenas daquela noite. Tive tanto medo. A sensação de que

seria tomada a força me causou pânico. Vesti um vestido longo de malha, e

fui comer o lanche que Flora trouxe, no quarto.

Ela estava sendo um amor de pessoa comigo. Seu jeitinho me

lembrava a minha avó. Flora fazia questão de me animar, seja trazendo os

pratos deliciosos que preparava ou simplesmente puxando conversa.

Evitei Kaled durante esses dias. Não estava pronta para vê-lo e

recordar da noite que se transformou em um monstro. Asaf veio ontem à

tarde me visitar, e ainda sentia vergonha por ter me visto naquele estado. E

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

fiz questão de agradecê-lo por ter tirado Kaled de cima de mim.

Entrei no closet e examinei todas as minhas roupas e objetos pessoais

que estavam devidamente organizados, do outro lado estava as coisas do

Kaled. Possuída pela raiva peguei o máximo de cabides que pude e sai em



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---



direção a porta do quarto, girei a maçaneta desajeitadamente. E joguei as

roupas penduradas no cabide, no corredor.

Virei para fazer o mesmo caminho, e quando disparei mais roupas no

chão, vi a expressão chocada da Flora.

—Senhora...Mas o que está fazendo?

—Não quero nada do Kaled nesse quarto.

Continuei fazendo o mesmo procedimento. Parecia que as roupas do

Kaled eram infinitas. No entanto, eu jogava as peças de roupas no corredor

com gosto e muita gana. Como se ali eu extravasasse minha fúria.

De maneira alguma vou me tornar uma mulher frágil.

—Senhora Maldonado, por favor, pare com isso. Seu marido vai...

—Eu proíbo você de recolher as roupas dele, Flora. Ele mesmo vai ter

que pegar peça por peça e levar para outro quarto, sei lá. Problema dele.

Revirei as gavetas da parte do closet do Kaled, e tirei tudo. Retornei a



jogar no corredor. Aquele *reizinho* do cacete veria que eu não tenho medo

dele.

—Senhora...

—Flora já falei que pode me chamar de Emília.

—Ai, menina...Eu sei que está com raiva do senhor Maldonado, porém

não continue fazendo isso. Não é melhor conversar com ele.

—Não Flora. Porque não me ajuda a jogar as coisas dele no chão. Vai

ver como é bom. Estou lavando a alma.

Finalmente cheguei nas últimas gavetas do closet de madeira branca. E

quando fui recolhendo as peças, vi uma foto minha. Peguei a fotografia

indagando por qual motivo ele mantinha aquela foto dentro da sua gaveta.

Kaled estragou tudo. Eu estava disposta a ser dele de todas as formas

que ele me desejasse. Tentaria controlar minha teimosia e rebeldia para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

darmos certo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 20 PARTE II**

### **KALED**

Liguei para Flora no finalzinho da tarde para saber da minha esposa.

Notei pelo seu tom de voz que algo estava a incomodando. Insisti

perguntando se estava tudo bem, e por fim disse que nada tinha acontecido.

Estava tão exausto emocionalmente que acabei descontando na pobre

da minha secretária. Coitada, a Liu nem sabia o que fazer, pois eu pedia mil

coisas ao mesmo tempo. Tendo consciência do meu ato, a liberei mais cedo.

—Oi, primo. —Desviei minha atenção do documento, e fitei Samira.

Pela sua fisionomia, como se tivesse culpa, ela sabia perfeitamente que

seu irmão inconsequente havia aprontado.

—Como está, Samira?

Encostei-me na cadeira, tentando encontrar uma posição confortável.

—Ai, Kaled, nem sei o que dizer. —Sentou-se na cadeira da frente. —

Diógenes me contou o que revelou a você. No primeiro instante pensei que

fosse invenção dele, mas então a ficha caiu.

—Ele estragou a minha noite.

—Sinto muito, primo. A verdade é que eu vim me despedir de você.

Estou indo para Curitiba, a trabalho. E depois vou voltar para São Paulo.

Chamei meu irmão, porém ele insiste em ficar enfurnado aqui.

—Espero que ele não atrapalhe mais a minha vida. —Soei rude.

—Nunca entendi essa desavença entre vocês...Até ontem. Tudo por

terem amado a mesma mulher.

—Eu não sabia que ele era apaixonado pela Linda. Soube no dia do

meu casamento. Não ia simplesmente acabar com tudo...Você sabe como é

nossa política.

—É por este motivo que nunca quis morar em Esperança.

Entendia perfeitamente a minha prima. Samira adorava viajar e ser

independente, nunca aceitaria viver presa ao marido. Sendo dona de casa.

Admiro a mulher que se tornou. Muito diferente do irmão metido a bad boy.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Levantamos e abracei-a com carinho. Não tive irmãos e Samira era

como se fosse uma irmã.

\*\*\*

Enquanto dirigia em direção a minha casa. Criava coragem para me

aproximar da *minha coelhinha* e implorar mais uma vez pelo seu perdão.

Planejava que saíssemos para jantar no restaurante mais caro e romântico de

Esperança.

Emília tinha que entender que era a minha rainha. E sem ela não sou

mais nada.

Entrei no hall, e deixei a chave na mesinha. Antes que eu fosse atrás da

Emília. Flora apareceu com os olhos esbugalhados. Indaguei:

—Por que essa cara espantada, Flora?

—Menino, bem, é que a senhora Emília...

—Diga, Florinha. Aconteceu alguma coisa com a minha esposa?

Nem esperei por sua resposta. Quando direcionei-me para o corredor

do nosso quarto... Parei perplexo por ver todas as minhas roupas e objetos

persoais em pilhas de frente para a porta do quarto.

—Escute, Kaled. A menina Emília estava apenas... — Comecei a

gargalhar.

Encarava as roupas e não pude conter a vontade de rir. Pelo visto

*minha coelhinha* era perigosa. Depois de passar os três dias mais sombrios da

minha vida, longe dela, mesmo dividindo o teto. Ver sua reação de alguma

forma foi um raio de luz.

—Está tudo bem, Flora. Amanhã você coloca as minhas roupas de

volta no closet.

—Mas a menina disse...

—Não se preocupa. Eu vou tomar um banho e depois irei jantar. Pode

se recolher.

—Tem certeza, Kaled?

—Toda a certeza do mundo.

\*\*\*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Depois do jantar, respirei fundo para encarar a fera lá em cima. *Que*

*Deus esteja do meu lado*, pensei esperançoso. Fui ao quarto de hóspedes.

Tirei todos os travesseiros e o edredom que cobria a cama de casal. Ergui o

colchão, levando-o de lado. Como era de esperar a porta estava trancada.

Precisei de equilíbrio para não tropeçar nas pilhas de roupas. Busquei o

molho de chaves no pequeno armário embutido, e fiz o caminho de volta.

Entrei no quarto empurrando o colchão. Emília estava sentada na

cama, e me olhou espantada. *É baby, eu sou mais teimoso que você, aceite*

*isso*. Pensei evitando matutar no quanto meu pau estava duro por vê-la

usando um conjuntinho de dormir.

—O que pensa que está fazendo? Fora do meu quarto! — Apontou para

porta que eu tinha fechado empurrando-a com o pé.

—Vou dormir no nosso quarto, *coelhinha*.

—Você perdeu seus direitos, *reizinho*. —Atrevida, fitou-me com os

olhos saindo faíscas.

—Somos casados e vamos resolver nosso problema juntos. Sei que fui

um monstro com você, mas é justo eu querer me redimir.

Senti culpa quando visualizei seu lábio. Notei que não estava mais

inchado, contudo, continha o pequeno machucado. Joguei o colchão no chão,

e quando pretendia me aproximar ela recuou.

—Não sei mais como agir com você. Senti um medo terrível... —

Murmurou baixinho.

A dor estava rodeando nós dois.

—Prometo que nunca mais vou machucar você. Estou com muita

vergonha do homem que fui naquela noite.

—Agora não importa mais. —Falou arisca.

—Importa sim, *meu amor*. Eu vou conquistar você, Emília.

—É melhor nem perder seu tempo. E nessa cama você não dorme.

Irônico e com um falso sorriso, proferi:

—Vim preparado, *coelhinha*.

Ela cruzou os braços, olhando para o colchão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Vou fazer da sua vida um verdadeiro inferno.

—Sempre gostei das garotas más, *diabinha*.

—E pare de me apelidar, idiota.

**EMÍLIA**



Deitei de lado, justamente o lado que o *reizinho* estava deitado no

colchão, no chão. Para meu tormento Kaled tirou a camiseta, e cruzou os

braços atrás da cabeça. E agora estava ali...Fitando o teto.

Agarrei mais a coberta entre minhas mãos. Era notável o estado de

confusão que eu estava sofrendo. O medo e a paixão que sinto pelo Kaled

estavam competindo dentro da minha cabeça e coração.

—Você gosta das músicas do *Rob Thomas*? —Questionou, ainda

fitando o teto, na penumbra. Permaneci calada, e ele falou: —Adoro a música

*Pieces* dele. Vou cantar um pedacinho da letra para você, *amor*.

E então começou a cantar me surpreendendo no quanto sua voz gutural

ficava bonita enquanto cantava baixinho:

*Run away, run away if you can't speak*

*Turn a page on a world that you don't need*

*Wide awake and you're scared*

*that you won't come down now*

*Didn't I tell you you were gonna break down*

*Didn't I warn you, didn't I warn you*

*Better take it easy, try to find a way out*

*Better start believing in yourself*

*We build it up, we tear it down*

*We leave our pieces on the ground*

*We see no end, we don't know how*

*We are lost and we're falling*

*Hold onto me*

*You're all I have, all I have*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

*Hold onto me*

*You're all I have, all I have*

—Então, Emília. O que achou?

Tentando espantar aquele ar romântico e fazendo de tudo para não cair

em tentação, respondi:

—Você canta horrivelmente. Ainda bem que não quebrou nada com

sua voz horrorosa.

Kaled começou a rir, e nos encaramos.

—Mentirosa. Tenho certeza que não imaginava que eu cantava tão

bem.

—Se acha isso, problema seu.

Virei para o outro lado, ainda desconfortável. Por mais que tentasse

não ia conseguir apagar essa paixão que sinto pelo Kaled.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 21**

### **KALED**

Acordei cedo, e meus olhos foram em direção a minha esposa que

estava dormindo, virada para o outro lado. Obviamente querendo me evitar.

Fui ao banheiro, e após escovar os dentes e lavar o rosto. Voltei a admirar

minha menina, enquanto enxugava minhas mãos na toalha.

Em passos lentos e silenciosos, parei ao lado da cama. Tirei uma

mecha do cabelo escuro que estava sob sua testa e bochecha, e beijei seu

rosto. Sentindo o quanto sua pele estava quentinha enrolada no cobertor.

Sai do quarto em direção a cozinha. Flora estava preparando as frutas e

outras coisas que serviria no café da manhã.

—Bom dia, menino. Não vai trabalhar hoje?

—Não. Hoje vou passar o dia com a minha esposa. E gostaria que

você preparasse uma bandeja com tudo que fez de gostoso para o café.

—Oh que maravilha! Então fizeram as pazes?

—Quase isso... —Menti passando a mão no cabelo.

—Sente ai, querido. Eu vou preparar tudo rapidinho.

\*\*\*

Com um equilíbrio danado consegui passar pela pilha de roupas com a

bandeja, sem derrubar nada. Ainda bem. Entrei no quarto sendo recebido pela

luz do sol que atravessa o vidro da enorme porta da sacada. Emília estava no

banheiro, deduzi escutando o barulho do secador.

Aproveitei para colocar a bandeja na mesa, e para acalmar a ansiedade

que me atravessava.

—Só pode ser brincadeira. —Resmungou minha esposa fitando a mesa

com o nosso café da manhã. —Não perca seu precioso tempo, *reizinho*.

Emília estava usando apenas um roupão curto na cor branco. E seu

cabelo caia sedoso sob os ombros. Descalça e sem nenhuma maquiagem

deixava claro o quanto é linda naturalmente. Do jeito que eu gosto.

—Estou começando a gostar desse apelido carinhoso, meu amor. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Brinquei, fazendo-a revirar os olhos. —Vou passar o dia com você.

—Só se for em pensamento.

Quando começou a andar em direção ao closet, puxei seu braço, sem

pôr força, colando seu corpo pequeno no meu. Novamente me senti culpado

por ter agido como um covarde. Eu sou o dobro do tamanho da minha esposa,

gosto nem de pensar que se Asaf não tivesse  
chegado...Deus, eu nunca me

perdoaria.

—Me solta, Kaled. —Exigiu com certo pânico querendo  
domina-la.

—Shii...Calma, Emília. Juro que nunca mais vou agir daquele  
jeito. Eu

quero que você escute a razão por eu ter ficado bêbado e....

—E ter perdido o controle. —Soltou-se, e cruzou os braços.

—Não sou

burra, Kaled. Se pensa que vai me levar na conversa, está  
perdendo tempo.

—Não é conversa, *coelhinha*. —Pus minhas mãos entre seu  
rosto, e

conclui: —Quero que você escute com atenção o motivo que  
me tirou do

sério naquela noite.

Ela finalmente concordou, e beijei sua testa.

## **EMÍLIA**

Eu saboreava a salada de frutas, enquanto Kaled tomava  
seu café com

leite, como um lorde. Levando a xícara a boca de forma  
centrada, e quase

sem piscar, me estudando. Esperando, que eu desse um passo.

—Não vai falar nada? —Indaguei, curiosa para saber o que tinha feito

ele perder a porra do controle.

Desconfiava que seu primo tinha alguma coisa a ver com isso. Afinal,

Kaled demonstrou o quanto estava descontente com a sua visita na nossa casa

justamente no dia do nosso casamento. Asaf não quis me contar nada. E eu

querendo me fazer de forte, como se não ligasse, acabei guardando minha

curiosidade.

—Bem, espero que entenda. —Pausou, e encostou na cadeira. —

Diógenes veio naquela noite para revelar que minha ex-esposa, Linda, se

suicidou porque era estéril e estava com medo da minha reação.

Sabia que Kaled era viúvo e que sua esposa tinha falecido de forma

trágica. Meu pai fazia questão de me manter informada da vida do meu futuro

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

## PERIGOSAS

marido. Nunca prestava atenção e muito menos fazia perguntas. Mesmo

assim era praticamente obrigada a ouvir.

—Tem mais, não é?

Não adiantava ele querer me esconder alguma coisa. Primeiro porque

mentira tem perna curta, o ditado mais certo. E segundo, eu o conheço bem,

apesar do pouco tempo. Sua boca se fechou, assim como sua feição.

Deixando o meu marido com cara de mau. No entanto, nada o deixava menos

atraente. Pelo contrário.

—Minha menina é esperta. —Sorriu sem muita vontade. — Linda se

matou com medo que fosse punida. Ela estava vivendo sob pressão do clã. E

eu não vi nada. Estava ocupado demais cuidando da cidade e dos negócios.

Pior ainda foi saber que meu pai manteve a boca de todos que sabiam do real

motivo do suicídio da Linda, calados.



Kaled apoiou os cotovelos na mesa, e suas mãos ampararam seu rosto.

A vontade de ir até ele estava dominando meu corpo. Foi importante

esclarecer a verdade e, o motivo de ele ter descontado na bebida.

A paixão falava mais alto. O receio e a lembrança daquela noite, era o

suficiente para eu me afastar dele. O casamento com o tempo se tornaria

insuportável e provavelmente iríamos nos machucar mais e mais. Todavia, eu

não queria isso.

Estava loucamente apaixonada. Não queria me tornar uma mulher

fraca ao ponto de desistir no primeiro problema que surgisse no matrimônio.

Quero ser o tipo de mulher que sabe lutar pelo casamento, que chora e

discute, mas que sempre toma o que é dela por direito. Anseio ter o pulso

firme.

Levantei da cadeira, respirando fundo. Peguei nos braços do Kaled, o

surpreendendo. E sentei no seu colo. Ficamos ali, ligados no olhar e na

paixão que dominava nós dois.

—Posso confiar em você, Kaled. —Declarei, pois no fundo pensava e

acreditava que o meu marido não seria capaz de me machucar. —Sobre sua

ex-esposa, nem sei o que dizer. Sinceramente ainda não entra na minha

cabeça que esta cidade viva a base de leis tão arcaicas. Espero saber tudo

sobre o clã, como você me prometeu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Ele pôs o rosto na curva do meu pescoço, e prendi o suspiro quando

comecei a sentir sua respiração quente ali.

—Como é bom sentir você, *coelhinha*. Foram os três piores dias da

minha vida. —Murmurou rouco, e ergui seu rosto. Ele estava chorando. Seus

olhos azul-acinzentado estavam mais claros do que nunca. Percebi que a cor

dos olhos do meu marido era aquele tom de azul que mudava. —Prometo que

depois falo tudo que você quiser saber. Promete que se algo incomodar você,

vai me contar?

—Prometo, Kaled.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 22**

### **EMÍLIA**

Eu estava disposta a lutar pelo Kaled. No fundo do meu coração sentia

aquele aperto que significava que as coisas entre nós dois não seria fácil.

Havia batalhas pesadas. A principal luta seria contra o clã.

Kaled tinha muito o que esclarecer sobre o clã. Eu entendia

perfeitamente que ele por ser o líder tem o poder de mandar e desmandar em

qualquer pessoa ou assunto da cidadezinha.

—Tem certeza que não vai trabalhar? —Perguntei, acariciando seu

cabelo.

—Não, prefiro ficar com você assim, no meu colo. —  
Murmurou, e

sorriu. —Além disso, minhas roupas estão totalmente  
amassadas. Vai dar um

trabalho da porra para a Flora.

Talvez, eu esteja um pouquinho envergonhada. Mas não me  
arrependo.

—Você mereceu.

—Sim, eu mereci.

—Ainda bem que sabe.

—Agora diga para o seu marido o que deseja fazer hoje.

Observei Kaled, e voltei a imaginar como nossa noite de  
núpcias

poderia ter sido de forma diferente. Do jeito que eu tanto  
tinha sonhado.

Preciso esquecer a forma agressiva que o meu marido agiu.  
Posso começar a

fazer isso tendo novos momentos de nós dois.

—Eu quero você. —Passei a ponta do dedo na sua barba  
cerrada. —

Quero fazer amor, Kaled.

—Emília, não quero que você se sinta pressionada. Sei o  
quanto

aquela noite poderia ter terminado em tragédia. Por esse motivo acho melhor

irmos devagar.

—É por esse motivo que quero fazer amor com você.  
Esquecer aquela

noite. Seguir em frente.

—Tem certeza, *coelhinha*?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Hmm...Absoluta.

—Tudo bem. —Fitou-me com carinho e paixão. Seus olhos estavam

pesados pelo tesão. —Vou tomar um banho. Quero estar cheiroso para você.

—Passou o nariz pelo meu pescoço, e concluiu: —Esse seu cheiro, é uma

delícia. Não demoro.

Saio do seu colo, com as pernas bambas. Segui seus passos, mordendo

o canto da boca. Kaled é um homem extremamente atraente, daquele de

deixar qualquer mulher babando. E pelo que vejo os anos só o fazem bem.

Para tentar relaxar, comecei a arrumar o quarto com o intuito de deixar

um pouco romântico. Fechei as cortinas, e pus o ar-condicionado em uma

temperatura ambiente. Aproximei-me da estante que continha uma pequena

coleção de cd's e fui colocando e tirando, até o momento que encontrasse

uma música que me agradasse. Por fim achei um cd do cantor *Miguel*.

Perfeito.

—Boa escolha. —Olhei em direção do Kaled e fui agraciada pela sua

beleza.

E lá estavam as borboletas fazendo a festa dentro de mim.

—Você tem bom gosto.

—Ah, com toda certeza.

Seu corpo estava coberto pelo roupão preto, e parou na minha frente.

Agarrou a minha cintura, e tive vontade de ficar nas pontas dos pés para

alcançar sua boca.

—Toda vez que estivermos fazendo amor ou fodendo, sempre vou

priorizar o seu prazer. E sempre vou querer honestidade da sua parte, Emília.

Se eu fizer algo que a incomode, e eu não perceber, chame minha atenção. Se

tiver curiosidade de fazer algo diferente, fale comigo, eu prometo que

atenderei seus desejos. E jamais tenha vergonha de mim. Adoro sexo. E com

você sempre vai ser amor com sexo. Eu sou louco por você, *coelhinha*.

—Peço o mesmo de você. —Murmurei.

Ele puxou o laço que prendia o seu roupão e meus olhos caíram para

cada pedacinho do seu corpo. Os músculos definidos, os ombros largos,

alguns pêlos ralos no seu peitoral. Engoli em seco, com um tesão latente

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

quando vi seu pau duro, grande e com a cabeça robusta que estava brilhando

e, os pêlos escuros muito bem aparados. Eu sentia minha vagina cada vez

mais melada.

—Mais perto, *coelhinha*. —Pedi rouco.

Colei meu corpo no seu, e estremei. Kaled guiou a minha mão

diretamente na cabeça do seu sexo.

—Veja, amor. —Olhei para o seu pau, e acariciei a cabeça que parecia

um cogumelo grande. —Estou babando por você, Emília.

Fiquei sem voz, hipnotizada. Ele segurou o meu rosto e tomou a minha

boca em um beijo lento. Sua língua sugava tudo de mim, rodeando-a dentro

da minha boca. Era um beijo gostoso. Kaled abriu os olhos, e deu um selinho

no meu lábio que ainda estava um pouco machucado.

Kaled puxou o laço do meu roupão e empurrou o tecido felpudo para

baixo dos meus ombros fazendo-o cair no chão. Querendo ele, agarrei sua

cintura e fiquei na ponta dos pés para poder beijar sua boca. Ele sorriu

quando soltou meus lábios.

—Deita na cama, *coelhinha*. No meio.

Fiz o que ele pediu igual uma cadela no cio, sem me importar com



nada. Aceitava o fato do meu marido querer mandar em mim, na cama. Mas

fora dela, a história era outra.

Kaled ficou de joelhos entre minhas pernas. Ele sorriu sacana, com

aqueles olhos penetrantes. O nervosismo me varreu, quando o meu marido

ergueu minhas pernas, por trás do joelho deixando-me totalmente aberta para

ele. Não estava acreditando naquilo.

Antes que eu pudesse falar alguma coisa, gemi vergonhosamente

quando ele começou a manipular o meu clitóris de vagazinho. Eu estava tão

sedenta que tinha certeza que não demoraria a gozar.

—Que boceta mais linda, *coelhinha*. Não sabe a visão que estou tendo

daqui.

Com a palma da mão aberta sobre o meu ventre, seu dedo indicador da

outra mão desceu para a minha vagina, penetrando profundamente. Kaled

inseriu o dedo do meio, e comecei a movimentar o meu quadril agoniada,

## ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

### PERIGOSAS

tonta de tanto prazer. Com mais agilidade começou a pressionar os dedos

perto do osso da púbis, arrancando mais gemidos e causando tremores no

meu corpo. Arregalei os olhos quando o vi enfiar a cara no meio das minhas

pernas, e gritei o seu nome quando deu uma chupada longa no meu clitóris

durinho e melado.

Parecia que eu não ia aguentar. Sentia minha boceta pulsando com

mais força. Tentei escapar, pois eu quase não conseguia respirar. Fiquei

assustada com o descontrole do meu corpo, o ar saía em jatos. Meu coração

parecia que ia soltar pela boca. Estava sem força para pedir que meu marido

parasse.

Kaled continuou movendo os dedos como se fosse capaz de puxar

aquele ponto de tanto prazer para fora. Sentia que meu ventre saíria do lugar,

o formigamento foi dominando a minha vulva. Por algum instante pensei que

minhas pernas desabariam estiradas na cama.

—Aii... Kaled. Pare! E-eu não aguento....

Parecia que eu ia fazer xixi de tão forte que veio o orgasmo. Não

entendia, e não suportei segurar, pois tinha perdido o controle. O líquido

quente e claro foi se espalhando, ainda chamando pelo meu marido, continuei

assistindo o creme sair de dentro de mim, melando a mão dele e espirrando

no seu pulso. *O que foi isso?* Indaguei, sem força.

Kaled tirou os dedos melados, e encarou o líquido com o olhar duro,

cheio de tesão. Pensei que daria uma trégua, mas então meteu-os de novo, no

mesmo lugar. O gozo veio mais forte, o líquido escorreu por toda a parte.

—Kaled...Ahh!

Pensei que ia desmaiar quando tirou os dedos e caiu de boca na minha

vagina. Sem se importar. Chupou o meu clitóris, e voltou a meter os dedos no

mesmo ponto. O orgasmo me varreu e o líquido veio novamente. Exausta e

dopada, ainda não entendia o que tinha acontecido.

—Parece que eu fiz...

Interrompeu-me selando seus lábios nos meus.

—Você ejaculou, amor.

—Como assim? Parecia que...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—É raro. Não são todas as mulheres que tem ejaculação.

—Pensei que ia morrer. —Ele riu.

—Tenho certeza que adorou.

Kaled deitou-se no meio das minhas pernas, sem permitir que seu peso

todo caísse sobre mim. Seus lábios percorrem meu queixo mordiscando,

depois lambeu e chupou a minha garganta. Meu marido estava me excitando,

me deixando louca. E sentir seu pau batendo na minha barriga fazia uma

corrente elétrica percorrer o meu corpo de cima a baixo.

Fiquei de olhos fechados, recebendo o seu carinho. Ergui as mãos,

desorientada, pelas suas costas, puxando-o mais para perto. Gemi baixinho

quando Kaled mordeu de leve o meu ombro. Meus mamilos estavam pesados

querendo sua atenção. No impulso, levei minha mão, no meu seio direito. E

comecei acaricia-lo.

—Nada disso. Eu cuido dos seus mamilos.

—Ah...Minha nossa! —Gemi rouca quando fechou a boca em torno do

meu peito esquerdo.

E então começou a chupar severamente, sem dó. Os dentes raspavam

pelo bico e a pele sensível. Kaled começou a mamar com sua boca gulosa, e

arranhei suas costas. Minha vagina começou a palpitar.

Ele soltou o meu peito, e foi para o outro. Estremeci e, as lágrimas

começava a salpicar dos meus olhos. Kaled largou o meu seio, e sua mão

ergueu a minha perna direita, deixando-me mais encaixada nele.

—Como está essa boceta? —Indagou, passando a língua pelo o vão

dos meus seios. —Vou comer você todinha, amor.

Sem coragem de responder ele. Permaneci calada. Kaled passou o

polegar pelo canto da minha boca, e não resisti. Lambi seu dedo e dei uma

leve chupada. Meu marido sorriu, e levou o polegar para minha vagina

encharcada. Soltei um ar pesado.

—Vai tomar o meu pau nessa bocetinha gostosa.

Com as coxas acomodadas entre as minhas, ele passou a mão grande

no meu rosto. Deitou-se mais um pouco e seu peito pressionou os meus seios.

Kaled afastou-se um pouco, e segurou seu pau pela base esfregando-o contra

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

minha vagina inchada. Meteu devagarzinho, e choraminguei. Meu marido era

grande demais, e minha vagina pequena para o seu tamanho todo.

—Ah, caralho. —Rosnou, avaliando-me. —Tão apertada e macia. Sou

louco por essa boceta.

Saqueou minha boca sem pressa, aproveitando o momento. E voltou a

me penetrar e gemi sentindo as lágrimas caírem pelo meu rosto. Começou a

mover o quadril fazendo seu pau me encher até o fundo. Cravei as unhas nas

suas costas, permitindo que nossa primeira vez juntos tomasse conta das

minhas emoções.

Alguns fios de cabelo estavam grudados na testa dele, e afastei

querendo o seu olhar. Sua atenção. E vi a paixão vencendo quaisquer dúvidas

que tinham surgido. Nossos corpos continuaram se encaixando e suando, um

vai e vem gostoso e bruto. Ficava mais doida ainda quando ouvia os gemidos

roucos do meu marido, e sua boca entreaberta.

Kaled me devorou. Eu desejava que ele continuasse me comendo.

Colou os lábios nos meus, e continuei mexendo o meu quadril de encontro ao

seu. Comecei a gozar, chorando e chamando pelo o seu nome. Kaled voltou a

me beijar, sugando a minha língua. Meu marido continuou me comendo,

senti seu pau inchar e gemeu rouco gozando dentro de mim. Minhas

pálpebras estavam pesadas, assim como as deles. Todavia, a fome e desejo

continuavam acesos no olhar do Kaled. E eu não estava diferente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 23**

### **KALED**

Estávamos deitados, nus, na cama. A música *Coffee* preenchia o

ambiente. Meu corpo estava relaxado e melado de sêmen. Assim como minha

esposa, não me importava. Pelo contrário, gostava.

Meu coração batia no peito em um ritmo mais calmo. Nunca pensei

que me sentiria tão completo, como jamais estive antes. Foi tão forte e



perfeito. E só pensava em querer mais. Voltei a fazer cafune na cabeça da

*minha coelhinha*, sentindo a maciez do seu cabelo escuro e ondulado.

Vi como Emília ficou tensa com o tamanho do meu pau. Minha esposa

tinha uma altura mediana, comum. No entanto, sua anatomia era

naturalmente pequena. E para um homem grande como eu, não tinha nada

mais prazeroso.

—Você é lindo.

Eu a olhei admirado. Emília se apoiou em um cotovelo, e começou a

passar a ponta das unhas no meu peito. Seus olhos estavam brilhando,

expressivos. Ela subiu mais e começou a cheirar o meu pescoço, que tinha

nosso cheiro de sexo e suor. Ela esfregou o rosto no meu parecendo uma

gatinha manhosa, e fechei os olhos extasiado. Passou a mão no meu cabelo e

beijou a ponta do meu nariz.

Gemi rouco quando começou a espalhar beijos pelo meu peito, e levei

a mão na sua nuca quando lambeu o meu mamilo. Seu cabelo se espalhou

pelo meu peito quando foi descendo a boca pela minha barriga. Minha

respiração começou a ficar pesada. A vontade de pega-la e domar a situação

era forte, contudo, preferi ficar subjugado.

Emília tocou no meu membro duro, e umedeceu os lábios. Encarou-me

e suspirou. E começou a me provar, todavia, evitando o meu pau. Passou a

língua pelas minhas coxas, deixava beijos delicados. Estava aos seus pés de

tanta paixão, da sua maneira doce, da sua teimosia e agora hipnotizado pela

devoção que estava demonstrando.

Os gemidinhos que estava deixando escapar estava acabando comigo,

com o meu controle. Fitei suas bochechas coradas, achando uma graça ela

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

sentir qualquer vergonha depois de tudo que fizemos.

Meu pau estava doendo de tanto que a queria, porém a deixei no

controle. Ela montou nas minhas coxas, e foi impossível não me apaixonar

mais com a visão que eu estava tendo dela. Seu cabelo longo estava jogado

nos ombros e cobrindo parcialmente os mamilos. Emília abaixou a cabeça e

capturou os meus lábios. Sem poder me conter, agarrei firme a sua cabeça e

tomei posse do beijo.

Paramos o beijo, e ficamos ali nos encarando. Pus minhas mãos em

sua cinturinha, sentindo a quentura da sua vagina quase em cima do meu pau.

Espalmou as mãos no meu abdome, e continuamos em silêncio. Apenas o

cantor *Miguel* soava pelo ambiente com as suas músicas.

—Foi gostoso? —Indaguei baixo.

—Muito mais do que imaginei...Incrível. E eu quero mais.

Eu ri, pois gostava do fato de minha esposa ser fogosa. Isso com

certeza não seria um problema.

—Só estamos começando, *coelhinha*. Ainda quero te ensinar muitas

coisas.

—Hmm...É mesmo. Estou lidando com um perito em sexo?  
—

Humorada, continuou: —Pelo visto já teve muitas experiências, senhor

Maldonado.

—Isso não vou negar.

—É um safado.

—Na cama sempre fui mesmo. Não precisa ficar com ciúmes.

Ela sorriu, e seus dedos começaram a acariciar meu peitoral.

—Não seja tão convencido, *reizinho*. Confesso que não tenho

experiência, mas um bom filme pornô e a pratica pode resolver o meu

problema. —Provocou, fazendo eu gargalhar.

Essa mulher não existia. De repente parou de fazer carinho no meu

peito, e disse com a voz baixa:

—Não usamos camisinha, Kaled.

Eu sinceramente não usei porque não queria. E pensei que para ela

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

também não seria um problema.

—Eu sei.

Emília abriu e fechou a boca uma, duas...Três vezes.

—Kaled, eu não uso nenhum método contraceptivo. Eu realmente

posso ficar grávida.

—Eu também sei disso. Não sou nenhum adolescente inexperiente.

—E porque porra não colocou a camisinha?

Dei de ombros, dando a mínima de importância.

—Por que não quis, *coelhinha*. Se você tiver grávida vai ser uma

verdadeira bênção na minha vida.

—Eu não estou preparada para ser mãe, Kaled. Principalmente agora

que estamos vivendo em base de leis arcaicas.

—Emília, prometo a você que aos poucos vou mudar algumas coisas.

Mas é necessário ter paciência. Preciso ser inteligente e cuidadoso. E sobre

você sentir que não está preparada para ser mãe, eu entendo. Porém estou

aqui para você e por você.

—É muito bom ouvir isso, amor.

—Já que não tivemos uma noite de núpcias e uns dias juntos de lua de

mel. Então faremos agora. Vou providenciar nossa viagem para nossa ilha. A

famosa ilha do Mel.

—Nossa?

—Sim, *meu bebê*. Nossa. E tenho certeza que vai gostar. Passaremos

uma semana.

—E o seu trabalho? Podemos viajar depois, Kaled. Eu espero.

—Deixarei tudo nas mãos do Asaf. Ele sabe o que fazer. Nada de

adiar.

Meus músculos se contraíram. Inalei seu cheiro gostoso quando

abaixou o tronco, deixando o cabelo ondulado roçar no meu rosto

suavemente. Os mamilos encostaram no meu peitoral, e agarrei sua bunda

empinada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Acho que vamos aproveitar muito essa ilha. —Insinuou, e sorri

antes de beijar sua boca.

—Com certeza. Mas não fique com ideia de querer se exhibir ou me

provocar demais, pois a ilha não é deserta.

—Que pena.

—Vamos tomar um banho, *coelhinha*.

**EMÍLIA**

Kaled entrou no box primeiro. Aproveitei para olhar na nova mulher

que decidi que seria daqui para frente. A teimosia sempre fazia parte de mim,

mas decidi ser mais confiante.

Encarei meu corpo no espelho, e algumas marquinhos estavam

espalhadas pela minha pele. Nada daquilo me incomodava. Kaled não foi

meu primeiro homem. Antes dele vivi uma história de amor muito bonita

com um final triste, no entanto, eu já não questionava a Deus.

Juntei meu corpo ao do meu marido, que estava molhado e me arrepiei

toda. Kaled me encostou no ladrilho e beijei sua boca. Ficamos ali presos em

nossa bolha de sedução.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 24**

### **EMÍLIA**

Na manhã seguinte acordei me sentindo diferente. De uma maneira

boa, claro. Eu estava feliz. Busquei a camisa do meu marido caída no chão e

vesti, adorando sentir seu perfume no tecido amarrotado.

Kaled estava deitado de bruços, totalmente nu. Mordi os lábios

admirando seu traseiro musculoso, as pernas bem feitas com ralos pêlos

escuras cobrindo-as, as costas largas com alguns sinais de nascença, os



braços bem definidos. Um completo macho alfa que deixava qualquer mulher

de boca aberta.

Respirei fundo, antes de sair do quarto. Quase me joguei ao seu lado

na cama, novamente. Por fim decidi fazer um agrado. Na cozinha encontrei

Flora, cantarolando uma música gospel e fiquei cativada. Quando virou e me

viu encostada na bancada arregalou os olhos.

—Nem ouvi você chegar, menina. —Disse, depositando uma travessa

de vidro cheia de frutas.

—Não queria assustar você. Eu gostaria de uma xícara de café bem

forte. Do jeito que o Kaled gosta. —Falei, e ela não conteve um sorrisinho.

—É pra já.

—Flora, desculpa por ter jogado aquelas roupas no corredor, sei que

dei trabalho.

Ela sorriu, e encolhi os ombros.

—Confesso que na hora que vi o que estava fazendo fiquei bem

surpresa, e depois fiquei rindo aqui na cozinha sozinha. Que bom que se

resolveram.

—Sim, ainda bem. Você mora em Esperança a muito tempo?  
—

Questionei realmente interessada.

—Nasci aqui, menina. Amo essa cidade, apesar de não concordar com

as leis do clã. Mas enquanto o senhor Maldonado for o líder tenho certeza

que estaremos seguros.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Acho estranho essa cidadezinha não ter um prefeito e não seguir a

lei correta e Legal.

—Estamos localizados como um município de Curitiba, no entanto,

para chegar aqui é necessário conhecer o caminho. Além disso, esse lugar

sempre foi governado por senhores. E ninguém se atreveu a se intrometer.

Por serem extremamente poderosos não precisam do apoio do governo.

Sinceramente, acredito que isso seja o segredo da boa economia e qualidade

de vida.

—E os turistas não são um problema?

—Os turistas fazem bem a economia da cidade. Porém é tudo muito

fiscalizado.

—O que me incomodou quando eu cheguei aqui, foi o olhar de

censura que a maioria me direcionava. E percebi que boa parte das mulheres

usam roupas formais.

—Imagino, querida. As mulheres não são obrigadas a vestir roupas

formais, no entanto, a maioria dos maridos delas exigem e por obediência

elas acatam as ordens.

—Kaled vai ter muita dor de cabeça comigo. —Pensei alto, fazendo-a

rir. Ela me entregou a xícara de café.

—Tenho certeza que vocês dois vão encontrar um equilíbrio. E

lembre-se, nem sempre bater de frente vai ajudar resolver um problema. Vou

arrumar a mesa do jardim para vocês tomarem café lá.

\*\*\*

Pus a xícara de café na cabeceira da cama, e sentei  
pertinho do meu

marido. A possibilidade de eu ficar grávida é grande, e uma  
felicidade doma

o meu coração fazendo-o inchar só de imaginar um  
garotinho...Sendo o meu

filho. Uma parte minha e do Kaled em um ser tão inocente.

Todavia, a sensação de impotência me atinge, pois o meu  
filho seria

mirado pelo clã. E de maneira alguma quero que meu bebê  
seja criado para

ser o novo Senhor desta cidade. Se isso acontecer preciso  
pelo menos garantir

que essas porcarias de leis sejam quebradas.

—Vai só ficar olhando, *coelhinha*? —Sai de meus devaneios  
com a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

voz rouca de sono do meu marido. Sorri, e beijei sua  
bochecha.

—Sim, amor. Depois faço mais que ficar olhando. —Pisquei,  
e ele

sorriu de lado com malícia. —Trouxe café.

Ele sentou, sem se importar com a nudez, e entreguei a xícara de café.

Levou a boca na borda e tomou um pouco com toda aquela elegância de um

rei.

—Depois do café vou fazer algumas ligações, além de deixar algumas

recomendações para o Asaf. Partiremos antes das quatro horas da tarde.

Pedirei para Flora arrumar nossas malas.

—Eu arrumo as malas. Vai ficar surpreso com essa minha habilidade.

—Brinquei.

—Como quiser então.

\*\*\*

Por mais que eu tivesse afirmado que não precisava de ajuda para fazer

as malas. Flora, não quis me deixar fazer essa tarefa difícilíssima. Tive que ri, e

no final sua ajuda agilizou mais.

—Nem eu saberei como colocar tudo que vão precisar em duas malas.

—Na minha época de modelo aprendi com a correria.

Aproveitando que estávamos sozinhas, decidi sondar mais a Flora, a

respeito dos costumes dessa cidade.

—Todas as mulheres podem trabalhar e seguir uma profissão?

—Nem todas. As que são casadas sempre precisam obedecer as ordens

dos maridos.

—Que machismo, não?

Flora olhou para os lados como se a qualquer momento alguém

pudesse entrar e impedir que ela dissesse algo.

—Também acho, mas...

—Existe algum registro de violência, Flora?

Ela abaixou a cabeça, meneando.

—Teve dois casos, mas o senhor Maldonado resolveu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Como?

—Ninguém sabe. A única coisa que sabemos é que as duas vítimas

assinaram o divórcio sem a presença dos maridos agressores. Algumas

peessoas dizem que até hoje eles estão sofrendo no castigo. Que é uma cadeia

onde as pessoas sofrem a punição.

—E- e onde fica?

—Não sei e nem quero saber. Deus me livre e guarde. —Fez o sinal da

cruz, tão rápido que quase não vi.

—Estou pensando em ajudar todas essas mulheres que tem vontade de

trabalhar e são impedidas pelos maridos. Na festa da padroeira vi muitas

barraquinhas, e os artesanatos chamavam muita atenção. Esse talento não

pode ser jogado fora. Essas mulheres precisam ser reconhecidas.

—Ai, menina...Você vai arranjar encrenca.

—Eu preciso fazer alguma coisa para ajudar essas pessoas.

—Infelizmente nem tudo depende do senhor Maldonado. Pois antes de

qualquer decisão, é necessário que haja uma votação com os líderes do clã.

—Mesmo assim, preciso tentar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 25**

### **KALED**

Chegamos no Paraná e, o iate particular estava aguardando. Combinei

com o piloto do meu jatinho que era para ele estar nos esperando daqui sete

dias por volta das cinco horas da tarde, quando retornaríamos para casa.

Cumprimentei Brito, o capitão, e um velho funcionário que morava na

ilha. Gostava muito dele como pessoa e profissional. Ele pegou as duas malas

grandes, e ajudei minha esposa a subir no iate.

Emília estava linda, trajando um vestido longo ajustado ao corpo e

com amarrações na parte das costas. Ela vivia testando meu autocontrole.

Enquanto ela conhecia os cômodos, fui ao frigobar pegar dois refrescos.

Busquei um limão, lavando-o em seguida e cortei em rodela finas. Em



seguida peguei pedrinhas de gelo, enchi os dois copos com o frescor e pus as

rodela.

Já estamos indo em direção a ilha. A vista do paraíso podia ser

admirada de longe. A arquitetura natural que a natureza fez em volta era de

tirar o fôlego. Aproximei-me da minha coelhinha que estava de olhos

fechados e com um sorriso sereno nos lábios carnudos. O vento batia em seus

cabelos deixando os fios grossos e longos se espalharem para trás.

Beijei o canto da sua boca. Ela abriu os olhos, e sorriu pegando o

copo.

—Esse lugar é incrível.

—Isso porque você nem chegou na ilha.

Fizemos o restante da pequena viagem abraçados. Sendo agraciados

pelo sol maravilhoso do fim de tarde, e uma vista magnífica. Uma verdadeira

obra de Deus.

\*\*\*

Brito tinha deixado minha Ford Ranger estacionada.  
Coloquei as malas

dentro da caminhonete e abri a porta para minha esposa  
entrar. Enquanto

dirigia devagar, contava um pouco da ilha. Passamos em  
frente a pousada e

no centro do pequeno vilarejo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Tem muitas crianças aqui. —Comentou assistindo os  
meninos e

meninas brincando, em quase toda esquina que  
passávamos.

—É verdade. Por esta razão decidi fazer uma escola para  
eles aqui.

Para não ficarem indo e vindo. Assim os pais também ficam  
mais tranquilos.

—Foi maravilhoso o que você fez. —Pôs sua mão na minha  
coxa,

apertando-a de leve. —Estou orgulhosa.

Estacionei em frente ao casarão. As flores ao redor estavam  
muito bem

cuidadas. Sem dúvida dona Carmela, esposa do Brito e  
também minha

funcionária, se dedicava muito cuidando da plantação de rosas entre outras

coisas.

Enquanto tirava as malas, *minha coelhinha* foi em direção a entrada.

Carmela a recebeu com um sorriso enorme carregado de simpatia e ternura.

Era uma senhora muito amável.

—Que honra conhecer a senhora do clã. —Expressou dona Carmela,

puxando Emília para um abraçado.

—Eu não sou senhora de nada...

—Carmela. Me chamo Carmela. E trabalho a muitos anos para o

senhor Maldonado.

—Que bom ver você, Carmela. —Beijei a testa enrugada, fazendo-a

ficar sem graça.

—Também estava com saudades, menino. Vem, vamos entrando. Vou

terminar de preparar o jantar. Desejam algo em especial? Posso preparar

rapidinho.

Para deter um pouco da afobação da dona Carmela, *minha coelhinha*

se aproximou dela capturando as duas mãos gordinhas da senhora.

—Fique tranquila, dona Carmela. Pode terminar de preparar o jantar, e

nem precisa arrumar a mesa. Faço questão de fazer isso. Depois pode ir para

casa descansar com o seu marido.

Carmela olhou para mim como se eu fosse dizer algo contra. Não ia

mesmo. Minha rainha estava no comando.

—Certeza, senhora...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Apenas Emília. E sim tenho certeza.

—Tudo bem então.

**EMÍLIA**

Assim que entramos no quarto. Kaled me agarrou por trás, beijando

minha nuca de um jeito...Que me faltava o ar. Tomei sua boca, cheia de

paixão, forte e duro. Suas mãos estavam por toda parte do meu corpo, e um

fogo ia crescendo dentro de mim.

Mesmo com a penumbra do quarto, eu consegui ver seus olhos

transtornados pelo tesão e paixão. Puxei a barra da sua camisa para cima e ele

me ajudou a se livrar dela. Desabotoei sua bermuda, e suas mãos grandes

afastaram a cueca e finalmente o pau veio ereto, cheio de veias e com a

cabecinha brilhando.

—Não aguento mais, *coelhinha*. —Murmurou rouco, sua respiração

parecia de um animal selvagem. E eu gostava disso.

Abaixei as alças do vestido, enquanto meu marido levantava o tecido

até a minha cintura, largando a malha enrolada. Ele ficou de joelhos de frente

para minha vagina melada, e respirei fundo quando sua respiração bateu ali.

Kaled esfregou o nariz e queixo por cima do tecido da calcinha fina, e

capturou o lacinho da frente descendo a lingerie com os dentes. Meus joelhos

falharam e gemi alto quando meu marido lambeu minha boceta.

Não aguentaria muito tempo em pé. E então ele levantou, e passou o

braço direito por trás das minhas costas, e buscando forças da alma, montei

em seu colo e logo encostei a cabeça na parede do quarto. Sentia o suor

brotando no meu corpo. Era um suor misturado com o prazer...Sujo,

salgado...Quente. Nem o vento que invadia o quarto pela janela francesa

fazendo as cortinas finas e brancas balançarem era capaz de amenizar o calor.

Kaled gemeu, e veio. Sua glândula roçou meus lábios vaginais e tremi.

Seu pau me penetrou em uma estocada funda, entrando apertado. Era grande

e grosso. E quando entrava dentro de mim sempre vinha uma dorzinha

mesclada no prazer. Agarrei seu cabelo com muita força quando afastou o

sutiã e mamou no meu mamilo.

—Isso, *coelhinha*. Suga o meu pau pra dentro. Engole tudo, amor.

Comecei a mexer o meu quadril, deixando o atrito mais gostoso e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

duro. Lambi sua boca, e segui para o sua orelha. Mordi e lambi, deixando o

meu marido louco. Ele segurou firme na minha nuca, e tornou a moer o seu

pau dentro de mim, e não desviei meu olhar do seu.

—Espere que aguento tudo, *coelhinha*. —Disse rouco com um ar

malicioso.

—Ai, Kaled...Acho que não vou aguentar muito.

—Vai sim, meu amor. Vou te fazer gozar tanto...Como uma putinha,

como minha putinha...Minha esposa, minha mulher...Minha rainha...Minha

coelhinha...E como meu amor.

Kaled continuou me comendo, cada apunhalada empurrando meu

útero. Comecei a estalar, delirar...Chamando o seu nome. Encostou a mão

livre na parede e buscou mais forças para meter fundo e gostoso. Segurei

firme nos seus ombros, e voltei a rebolar e mexer conforme seu pau me

penetrava. E me debatia quando sentia seu pau me enchendo. Mordi seu

ombro quando o orgasmo foi tomando o meu corpo, mas meu marido

continuou me fodendo. Fiquei mais doida ainda quando ele gozou e seu

esperma se derramou denso e quente dentro de mim.

Sem forças, encostei meu rosto na curva do pescoço dele. Kaled me

segurou, e fui levada para cama, ainda encaixada no seu pau. Parecia que eu

estava flutuando.

## **KALED**

Uma languidez gostosa nos envolvia. Sem querer, precisei sair de

dentro da bocetinha da minha esposa. Emília estava com o corpo mole, e tirei

seu vestido e o sutiã. Puxei ela para se aconchegar no meu peito.

Espalmei uma mão na sua bunda, e fechei os olhos sentindo seus

dedos acariciando a minha barba cerrada. Ainda de olhos fechados, fiquei



agoniado quando minha coelhinha encostou a vagina no pau, e entrei nela, de

ladinho. Gemi como um animal perdendo as forças, estávamos em um clima

calmo.

—Ah *coelhinha*...Você está brincando com fogo.

—Podemos brincar muito mais, meu amor. —Sussurrou antes de

morder minha orelha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Então vem, amor. Deixa meu pau mamar nessa boceta gostosa.

Mesmo com os olhos escuros e pesados, ela fazia questão de me

encarar. E eu gostava disso. Comecei a comer sua vagina apertadinha de

vagar, e adorava escutar os seus gemidinhos.

Deslizei os dedos por dentro do seu ânus, e fiquei mais excitado

quando passei por nossos sexos se encontrando e acariciei seus lábios

melados que ainda tinha minha porra. Beijeii sua boquinha, sugando sua

língua e continuei fazendo amor com a *minha coelhinha*.  
Passei a boca nas

lágrimas que desciam dos seus olhos, de tão grande que  
vinha o orgasmo. E

jorrei quente na sua boceta.

Suados e saciados, ficamos bem agarradinhos. Sentindo o  
frescor do

vento secar o nosso suor.

—Começamos bem. —Rimos, e beijei seu anelar onde  
estava nossa

aliança de casamento e de noivado, juntas.

—Ainda bem que sabe que só estamos começando, *bebê*.  
Quero te

ensinar muitas coisas. —Apoiei o cotovelo na cama e, a  
cabeça na mão.

—Tarado! —Ela sorriu. —Eu sou uma aluna muito aplicada. E  
você é

um cara mais velho...Então realmente tenho interesse em  
aprender umas

sacanagens.

*Eh minha coelhinha entrou na brincadeira, pensei  
descontraído.*

—Sexta-feira vai ter um luau na parte da praia da pousada.  
Tenho

certeza que você vai gostar muito.

—Nunca fui em nenhum. Parece legal.

— Amanhã podemos fazer caminhada na trilha, o caminho todo é

muito lindo. Também podemos conhecer a cachoeira, além de aproveitar

nossa parte da praia particular. E, o centro do vilarejo é muito rico em objetos

artesanais.

—Quero aproveitar cada minuto aqui nesse paraíso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 26**

### **EMÍLIA**

Os dias que se seguiram foram inesquecíveis. Tirei muitas fotos das

paisagens naturais. E claro, do meu marido. Kaled estava me esperando na

sala de estar, enquanto eu terminava de me arrumar para o luau.

Trajei um vestido estampado, estilo moderno com aberturas laterais e

detalhe muito delicado nas costas. Fiz uma maquiagem básica, mas não abri

mão do batom vermelho. Deixei meu cabelo solto, e calcei uma rasteirinha

que comprei ontem no vilarejo.

Hoje pela manhã liguei para dona Aurora, e contei que estava em lua

de mel. Meus pais nem desconfiaram que meu marido e eu tivemos uma

briga. E nem queria. O importante era que tínhamos nos acertado.

Parei no último degrau de madeira, e fiquei admirando Kaled, que

estava de costas conversando com alguém pelo celular. Ele estava lindíssimo

usando uma camisa de tricoline verde-água, modelo bata com as mangas

puxadas até os cotovelos e uma bermuda caqui preta. *Ai, céus como é difícil*

*me manter neutra na presença desse homem.* Pensei mordendo o canto do

lábio.

—Tudo bem, Asaf. Entendi perfeitamente. Enquanto eu estiver fora

fique de olho em tudo. Sabe que só confio em você, amigo. Está certo.

Mande outro para ela. —Ele virou-se e notou minha presença. Fui cativa pelo

seu sorriso tímido. —Está ai a muito tempo, amor?

Forcei os meus pés a andarem, pois eu precisava quebrar o encanto

que esse feiticeiro jogou em mim. Rodeei meus braços ao redor do seu

pescoço, inalando aquele cheiro de macho natural e do seu perfume

amadeirado.

—Faz poucos minutos, mas nem prestei atenção na conversa. —

Confessei, sendo agarrada por ele.

—Eu percebi, pois você estava me engolindo com esses olhos lindos.

—É a pura verdade.

Ele sorriu, e beijei rapidamente a sua boca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Asaf e Sofia mandaram um abraço para você. Pensei que quando

saíssemos daqui iríamos direto para casa. Entretanto, aconteceu um problema

na filial da minha indústria em São Paulo e preciso resolver pessoalmente.

—Quanto tempo?

—Acredito que no máximo dois dias. Mas como você vai comigo,

podemos aproveitar e curtir lá.

Me animei e enchi seu rosto de beijos.

—Para mim parece ótimo, amor.

Ele tirou suas mãos de mim, e me fez afastar um pouco. Só então notei

seu olhar passeando por cada detalhe do meu corpo. Kaled assobiou e ri.

—Está uma gata, *bebê*. —Puxou-me pela cintura colando nossos

corpos. — *Minha coelhinha*, você está muito linda e cheirosa.

Para provocar o *meu reizinho*, descii minha mão pelas suas costas e

parei no seu traseiro musculoso apertando-o.

—Você também está muito gostoso.

## **KALED**

Quando chegamos na praia da pousada, logo se via a animação e

alegria das pessoas que estavam no luau. Antes mesmo de chegar para parte

da festa, fomos parados pelos moradores e cumprimentamos todos.

Por um momento pensei que *minha coelhinha* fosse ficar chateada,

entretanto, ela me surpreendia cada vez mais mostrando simpatia. E como

imaginei, se tornou o centro das atenções sem querer e perceber.

Seu Mauricio, dono da pousada, veio se sentar conosco. E trouxe

consigo uma coroa de flores para minha esposa e para mim um colar de

flores. No fundo da tenda branca, foi montado um palco improvisado para a

banda tocar.

Não demorou muito para Emília querer se juntar as mulheres que

fizeram uma roda entre elas para dançarem uma dança que lembrava o ritmo

do Havaí. Enquanto seu Mauricio e sua esposa, que veio depois, continuavam

conversando. Eu estava com os olhos de um falcão em cima da minha

mulher.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Estamos conversando sozinhos, querida. Nosso amigo aqui está

babando de tanto amor. —Seu Mauricio tirou minha atenção, e riu.

—Está escrito na minha cara, não é? —Indaguei, humorado.

—Ainda pergunta, Kaled. —Dona Sol revirou os olhos, sorrindo. —

Está escrito com letras garrafais. Mas entendo perfeitamente.

Ela olhou com muito amor para o marido, e trocaram um sorriso.

—Com licença, amigos. Vou buscar a minha esposa.

Antes de ir até a Emília, fui na mesa de bebidas e peguei um drink para

ela. *Minha coelhinha* já estava dançando fazia um bom tempo, e quando



tomasse esse *Mai Tai* ia sentir o quanto a bebida era refrescante.

Aproximei-me dela e beijei seu pescoço, antes de ela se virar de frente.

Estava linda usando a coroa de flores. Parecia uma princesa, sereia...Alguma

deusa grega.

—Tome um pouco. Vai gostar.

Pegou o copo e tomou um gole longo da bebida. Sutilmente passou a

língua nos lábios, saboreando mais.

—Tem limão, laranja e.... —Completei:

—Calda de açúcar e rum Bacardi 151.

—É muito bom. Não quer?

—Estou dirigindo, mas posso ficar experimentando da sua boca, amor.

—Segurei sua nuca, e deslizei meus lábios sob sua boca, apenas encostando.

Depois passei a língua por cima sentindo o gostinho do drink. —Mais

gostoso ainda. —Murmurei, fazendo-a rir.

A banda começou a tocar os instrumentos fazendo o típico som de

luau. Muitas crianças também se divertiam na pista de dança, assim como os

adultos. Emília segurou minha mão e fomos para a pista. Não resisti, e dancei

com a minha esposa.

## **EMÍLIA**

Fomos obrigados a sair do luau sem realmente querer, pois começou a

ventar muito, além do chuvisco que alertava que não demoraria muito a vir

chuva. Meus pés estavam doendo um pouquinho de tanto que dancei. Foi

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

uma noite perfeita.

—Preciso de um banho. —Falei sorrindo, quando entramos em casa.

—O banho seria mais perfeito ainda se você esfregasse minhas costas. —

Kaled, riu abraçando-me.

—Pelo visto está com muito pique, *coelhinha*. —Dei de ombros me

fazendo de inocente. —Eu coloquei na minha mala, sem você saber aquela

sua lingerie que usou e escolheu especialmente para nossa noite de núpcias.

Quero que você tome um banho bem gostoso e depois vista a lingerie. Estarei

esperando aqui.

Entendi perfeitamente que Kaled queria apagar o que tinha acontecido

e que pudéssemos criar uma nova memória da nossa noite de núpcias. Foi

impossível não ficar emocionada. Não tinha nada mais satisfatório que

receber da pessoa que você é loucamente apaixonada demonstração de

carinho. Murmurei:

—Obrigada, Kaled. Significa muito para mim.

—Eu que agradeço por estar me dando a chance de fazer o certo. —

Beijou a ponta do meu nariz, e continuou: —Não poderia estar vivendo um

amor melhor que não fosse este que sentimos um pelo outro.

Abracei Kaled, e fechei os olhos sentindo toda aquele aura divina.

\*\*\*

Parecia que Kaled e eu faríamos amor pela primeira vez, de tanto que

era o meu nervosismo. Depois do banho me enxuguei bem, e passei o meu

hidratante de pêsego. Só então fui buscar a lingerie que escolhi

especialmente para a noite de núpcias.

Olhei-me no espelho tendo certeza que a calcinha fina de renda branca

e cinta liga estavam sexy o bastante. Peguei o robe de seda preto, e respirei

fundo uma, duas...Três vezes antes de sair do quarto.

Vi Kaled em pé diante da lareira. O único som que se ouvia era da

chuva lá fora. Meu marido estava usando uma calça de moletom, e nada

mais. Tinha tomado banho, pude ver algumas gotinhas de água na sua nuca e

costas.

—Estou pronta. —Falei baixo, sentindo minhas bochechas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

esquentarem.

Ele se virou. Abalada, fiquei admirando os músculos bem definidos e

duros do seu peito e de seus braços. Seu olhar estava quente. Estremeci

quando andou em direção a mesinha ao lado da poltrona.

—Quero que se sinta relaxada, segura...Principalmente amada, Emília.

Parou diante de mim e peguei a taça de champanhe da sua mão. Quase

deixei a taça cair quando sua boca desceu para curva do meu pescoço, era

uma sensação deliciosa. Suas mãos foram subindo pelo meu quadril e

pararam nos meus ombros, afastando o robe que caiu nos meus pés. A única

luz que iluminava a sala era a lareira e o abajur no canto. E estava grata pelo

ambiente romântico e sensual.

Kaled tirou o copo da minha mão depositando no chão, e ajoelhou-se e

agarrou minhas bunda com as mãos. Gemi quando beijou minhas coxas e foi

subindo para o meu ventre, evitando minha vagina que estava latejando,

ansiando por ele.

—Vem, amor. —Disse quando ficou de pé, e segurou minha mão.

Só então notei que o tapete felpudo de frente para lareira estava

cercado de almofadas. Kaled segurou no cós do moletom e puxou para baixo.

Arregalei os olhos excitada, vendo seu pau bater contra a barriga, imenso e

com a cabeça avermelhada...Lindo.

## **KALED**

Daria para Emília a noite que não tivemos, naquele noite trágica.

Antes de deitarmos, fui até o som e coloquei para tocar um cd do Hozier.

Nus, e deitamos no tapete, admirei o corpo da minha mulher.

Fiquei louco de tesão vendo sua pele branquinha, que agora estava

com requisitos de um leve bronzeado, os mamilos altos e arredondados...Os

seios mais lindos que eu já tinha visto na vida.

Passei os dedos na lateral direita do seu quadril e descii até o fim da

frase da sua tatuagem. Sou um homem muito possessivo, sinto tudo com muita

intensidade. Seja ódio, amor, ciúme. Abaixei meu tronco, e lambi aquela

parte do seu quadril.

Passei a mão na cabeça do meu pau que estava babando na ponta,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

doido para ser engolido pela bocetinha apertada da minha esposa. Rosnei,

quando a vi afundando o dedo na sua vagina rosada. Não suportei, e afastei

seu dedo, dando lugar aos meus. Alucinado, escorreguei entre seus lábios

vaginais encontrando-a melada. Tirei meus dedos da sua boceta, e levei a

boca. Adorava provar do gosto da minha mulher.

—Sabe o quanto é linda, *coelhinha*? —Perguntei, deixando o desejo

me ruir. —Depois quero comer você de outro jeito, amor. Vai deixar eu fazer

tudo?

—Sim, amor... —Suas mãos foram para minha nuca, quando meti

lentamente dentro da sua bocetinha. Era tão apertadinha para o meu tamanho

todo... *Ah, caralho. Muito gostoso.* —Ah....

Beijeii sua boca com paixão. Movi meu quadril para frente e para trás,

entrando todo, fodendo com vontade. Sentia os tremores do seu corpo, e gemi

rouco quando sugou minha língua. Deixei sua boca, e passei os lábios pelos

seus seios, fazendo-a delirar e chorar de tanto prazer.

Estoquei com mais força. Enfiei tanto, tão duro, inchado e grosso, que

minha esposa começou a se debater e morder o meu ombro. Sai de dentro

dela, contendo um pouco da minha tara.

—Volte, Kaled....

—Vire, *coelhinha.*

Olhei sua bunda redondinha e as costas bem feitas afastando aquele

cabelo de sereia. De joelhos, montei em suas coxas, e abri sua bunda vendo

seu ânus rosado e pequeno. Cheio de tesão, passei a língua pelo seu rabinho.



—Vou comer aqui, amor. Sei que sua bocetinha está ardendo.

—Ai...Kaled... —Começou com a voz trêmula. —Faça o que quiser,

amor. Tudo que quiser.

Espalhei o creme da sua bocetinha para o seu ânus, tentando-a deixar o

mais lubrificada. Antes de entrar nela, chupei seu buraquinho.

—Fique de lado, meu amor.

Ela obedeceu, deitado atrás dela, ergui um pouco sua coxa. Penetrei

devagar, passando pelo anel apertado. Emília choramingou, e beijei sua nuca

e ombro. Rosnei muito sentindo seu canal estrangulando o meu pau.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Tomando tudo de mim. Meti mais. Minha esposa forçou a bunda contra mim,

tornando a penetração mais profunda e gostosa.

Ela virou o rosto e alcancei sua boquinha. Ondulamos, gozando,

engolfados pela paixão. Continuei metendo, e jorrando forte dentro dela, até

perder as forças. Emília desabou, mas não permiti que parasse o beijo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 27**

### **EMÍLIA**

Cada parte do meu corpo estava dolorido, consciente de tudo que meu

marido e eu fizemos. Kaled subiu a mão pelo meu ventre até chegar no meu

seio, fechando-o dentro da sua mão. Vibrei, quando lambeu minha orelha,

arrancando mais gemidos de mim. Seu corpo estava colado no meu, e podia

sentir seu pau batendo nas minhas costas.

—Jurava que você tinha dormido. —Resmunguei sonolenta.

—O que posso fazer se não resisto você? —Virei de frente para o

Kaled, e busquei o calor dos seus braços me aninhando. — Quer ir para o

quarto?

Sussurrei um “*não*” . Ele riu.

—Então durma, *bebê*.

\*\*\*

Acho que não aproveitaríamos muito São Paulo. O dia estava chuvoso

e frio. Viemos no jatinho particular do meu marido, e graças a Deus

chegamos antes da tempestade. Minha vontade era de ficar naquela ilha

maravilhosa e viver lá. Por outro lado, sabia que Kaled não podia ser

negligente com seu trabalho.

—Gostou da suíte, amor? —Perguntou quando entramos no quarto

luxuoso.

Meneei concordando, enquanto ele atendia o seu celular que tocou.

Tirei da mala um blusão de banda de rock, que eu cortei as mangas

deixando bem cavadas, para vestir quando saísse do banho. Após o banho,

pus a camisa e busquei uma calcinha. Peguei meu celular na bolsa, e de

repente tive vontade de falar com os meus velhos amigos.

Eu fui egoísta quando me afastei deles. Estava sofrendo com a morte

do Luan, e pensei que o certo seria me afastar de todos que fizeram parte da

nossa vida. E com o meu possível casamento arranjado e a pressão dos meus

pais, acabei me distanciando mais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

*Por Deus, o que eu estava fazendo?* Divaguei nas boas recordações e

do quanto era feliz ao lado dos meus poucos amigos. Eles não tiveram culpa

de nada. Eu não tive.

Agora percebo que lembrar ou falar do Luan, não trazia mais aquela

onda de nostalgia. Tenho certeza que ele estava feliz por mim. E que Kaled

surgiu na minha vida porque era para ser.

Passei o dedo pela lista de contatos. Parei no nome Andrielle, minha

amiga mineira que também era modelo. Fomos colegas de trabalho por muito

tempo, e fazíamos parte da mesma agência. Depois que Luan faleceu, ela

veio de Londres para poder ficar comigo. Eu fui uma idiota afastando-a.

Rolei para baixo e parei no nome Fernando, o melhor amigo do Luan. O que

mais doeu foi ficar perto dele, rejeitei todas suas ligações e mensagens.

Suspirei e pausei em cima do nome Sara, minha melhor amiga. *Como será*

*que eles estão?*

—Emília? Oi...

Kaled estava no meio do quarto, desabotoando sua camisa social.

—O que você disse?

Ele se aproximou. Com um ar desconfiado e curioso.

—Você realmente estava concentrada olhando para o celular. —Sorri,

e deixei o celular de lado. Fiquei de joelho na cama, puxando-o pela camisa.

—Estava pensando em como meus amigos estão. —Dei de ombros. —

Imaginei que seria bom eu me aproximar deles.

—Vou adorar conhecer eles.

Beijei sua boca rapidamente, antes de levantar e ir procurar o controle

da televisão.

—Mas que caralho de camiseta é essa? —Indagou, e ri.

—É como qualquer outra.

—Espero...Eu espero no fundo do meu coração que você só use esse

tipo de camiseta quando tivermos a sós.

—Nem precisa fazer cena, Kaled. Gosto de usar esse tipo de camisa

em casa. Me sinto à vontade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Preciso de muita paciência. —Resmungou indo para o banheiro.

\*\*\*

Iriamos almoçar no restaurante do hotel, junto com a advogada da

empresa, Fiorella, e Júnior, o diretor da filial da empresa do meu marido,

daqui de São Paulo. Kaled desceu primeiro, pois havia aceitado tomar um

drink com Júnior antes de almoçarmos.

Depois do almoço estava pensando ir na avenida paulista, passar em

algumas lojas e pontos turísticos. A chuva já tinha passado, e ia arriscar.

Acredito que Kaled não vai se ocupar e vamos poder aproveitar juntos.

Terminei de fazer a maquiagem, e trajei uma calça jeans claro estilo used e

blusa na cor vermelha com mangas 3/4 vazadas, ligadas com fivelas

posicionadas nos punhos e nos ombros, com decote canoa.

Entrei no restaurante e caminhei em direção ao bar que ficava do outro

lado. Parei na entrada quando vi uma loira alta e muito elegante rindo com a

mão apoiada no ombro do Kaled. Ele parecia descontraído, devo dizer que

era algo muito raro de se ver, eu só o via assim quando estávamos sozinhos e

entregues.

*Vamos lá Emília, não deixe a menina infantil dominar você.*  
Repeti

mentalmente.

—Boa tarde.

Cumprimentei forçando um sorriso para o homem que suponho que

seja o Júnior e a loira que deve ser Fiorella. Ela que a pouco sorria, fechou a

feição me estudando dos pés à cabeça.

—Essa é minha esposa Emília. —Kaled apresentou-me aos seus

colegas de trabalho. —Esse é o diretor da empresa Júnior. E esta é Fiorella,

advogava da empresa.

—Que bom conhecer você, Emília. —Disse Júnior simpático.

—Também estou contente em finalmente conhecer a mulher digna do

Kaled. —Falou Fiorella, neutra.

Busquei os olhos do Kaled. E ali encarando seus olhos azuis tão

penetrantes e que pareciam mais claro durante o dia, constatei que Fiorella

não era apenas sua funcionaria. Eles tiveram algo no passado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Minha vontade era de perguntar, entretanto, eu estaria agindo



dominada pela puta insegurança. E isso não faria. Oprimi um sorriso, e falei:

—É bom conhecer os velhos amigos e colegas de trabalho do meu

marido.

Notei que a loira não gostou do meu comentário.

## **KALED**

Durante o almoço, conversei com Júnior e Fiorella sobre o problema

que teve na exportação e num contrato. Amanhã teríamos uma reunião com o

cliente, que era um dos maiores. Também fui convidado para um evento

beneficente, só iria se minha esposa quisesse ir.

De início capturei e entendi o olhar que Emília me deu. Minha mulher

soube naquele instante que Fiorella e eu não tivemos apenas uma relação de

colegas de trabalho, mas um breve romance. Foi muito antes de eu começar a

me envolver com Emília.

—E você, Emília. Tem graduação em alguma área? —  
Indagou

Fiorella.

Já havíamos encerrado o assunto de trabalho. Me certificaria de deixar

claro que não ia admitir qualquer falta de respeito com Emília.

—Administração. —Respondeu orgulhosa.

—Veja só, meu amigo. Além de ter uma esposa linda e simpática,

também é inteligente.

Relevei o elogio do Júnior, pois ele era muito bem casado e estava

sendo agradável com a minha esposa.

—Sou um homem de sorte. —Sorri para Emília, e ela devolveu, porém

as covinhas não apareceram como de costume. Deixando evidente que não

era um sorriso verdadeiro.

—Pretende trabalhar? Ou ser apenas dona de casa?

—Farei os dois. Ser dona de casa é trabalho e um prazer para mim,

Fiorella.

—Vai querer trabalhar na empresa Maldonado?

—Na verdade não. Tem uma vaga de administrador numa pequena

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

empresa em nossa cidade, se ainda estiver disponível...Vou tentar.

Novamente a questão “*trabalho*” entrou no jogo. Seria algo que os

líderes do clã não iriam gostar. Emília agora era a Senhora do clã, primeira

dama da cidade. *Ah, cacete.* Eu ia enfrentar a porra toda para fazer as

vontades da minha mulher.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 28**

**KALED**

Nós nos despedimos do Júnior que iria voltar para empresa junto com

Fiorella. Amanhã visitaria setor por setor, depois da reunião com um de

nossos maiores clientes, o senhor Albuquerque.

Emília estava calada, séria. Entramos no quarto, e pensei que ela

começaria com os questionamentos. Ela tinha direito de saber sobre tudo da

minha vida. Sou o homem dela e o meu dever era deixá-la totalmente segura

em nossa relação.

—Vai sair? O que planejou? —Indaguei, quando vi ela pegando a

bolsa e colocando-a no ombro esquerdo.

—Como não está mais chovendo, vou aproveitar para dar uma volta.

—Não estou convidado?

—Se quiser.

—Claro que vou querer. Mas antes, precisamos conversar, *coelhinha*.

—Sobre a Fiorella?

—Sim, meu amor. —Peguei na sua mão, conduzindo-a para o sofá. —

Notei como me olhou. Fiorella e eu tivemos um breve relacionamento. Faz

pouco mais de um ano, apenas isso.

—E ela aceitou numa boa o fim desse romance?

Passei a mão na barba, lembrando que Fiorella não tinha aceitado

muito bem o nosso rompimento. Ela era uma mulher encantadora, bonita,

inteligente. Entretanto, sou uma pessoa que busca os defeitos também. E o

dela certamente era seu jeito agressivo e ciumento. Além disso, no fundo eu

sabia que uma hora teria que pôr um ponto final.

—No início não. Depois ela entendeu que não teria volta.

—Mesmo assim ela preferiu continuar trabalhando para você? —

Respondi que “*sim*”, e Emília sorriu sarcástica. —Pode apostar que ela

pensou que teria uma segunda chance com você, *reizinho*.

—Emília...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Escute, Kaled. Eu posso ter pouca idade e ser inexperiente, mas não

sou burra e sou mulher. As vezes o amor cega. E eu vi o jeito que ela ria e

olhava para você. Quero ela longe, entendeu?

Por dentro estava pulando de alegria. Afinal, era muito bom saber que

minha esposa sentia ciúmes de mim. E demonstrava da maneira certa, sem

joguinhos.

Puxei Emília para o meu colo, e selei nossos lábios demoradamente.

—Fiorella é mais uma funcionaria na empresa. Eu só penso em você,

*coelhinha*. Nenhuma outra mulher será capaz de colocar em dúvida o que

sinto por você.

Ela bufou, entregando-se.

—Eu acredito, Kaled. —Acariciou o meu cabelo, e disse: — Quando

voltarmos para casa vou atrás de um emprego.

—Não é tão simples assim.

—Ah é? E posso saber por quê?

—Emília seu papel como minha esposa é fazer caridade, e sei que vai

fazer de coração e não por obrigação. Além de cuidar da casa...É desta forma

que as mulheres devem se comportar.

—Não sou como as outras.

—Sim, meu amor. Eu sei.

—Nem pense que vou ficar em casa. Não toquei novamente neste

assunto, pois estávamos ligados nos preparativos do casamento, e depois

tivemos aquela noite...Enfim.

—Se você começar a trabalhar, outras mulheres vão exigir o mesmo de

seus maridos.

—Kaled, é preciso ter uma revolução. Pelo amor de Deus! —

Chateada, tentou se levantar do meu colo, porém não deixei.

—Calma, *gatinha*. —Falei humorado. —Por você eu faço tudo, ok.

Mas não posso simplesmente mudar as coisas da noite para o dia. Preciso

preparar o terreno. Vamos fazer assim, você vai trabalhar na minha...Ou

melhor, na nossa empresa. Você vai aprendendo e começando aos poucos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Vamos trabalhar juntos... —Parecia cogitar a ideia.

—Quase. Você ficaria em outro setor.

—Talvez trabalharmos juntos complique no dia a dia.

—Não ia não. Aceite, meu amor.

Emília encostou a testa na minha, e afagou minha nuca.  
Amava ser

alvo de seus carinhos.

—Está bem.

—Então estamos resolvidos, amor. —Beijei seu narizinho, e falei: —

Agora vamos aproveitar um pouco da grande São Paulo.

## **EMÍLIA**

Com certeza a única parte ruim da viagem foi desfazer as malas. Ainda

bem que Flora me ajudou. Ela como sempre disse que faria sozinha, porém

não quis dar tanto trabalho. Liguei para os meus pais, e combinamos que eles

viriam jantar conosco na próxima sexta-feira. Ontem haviam embarcado para

o Rio Grande do Sul, ficariam em uma pousada.

As ideias estavam fervendo na minha cabeça, no entanto, começaria

aos poucos. Amanhã seria apresentada como a nova funcionária da Indústria



Maldonado. Obviamente estava temendo a reação dos sócios e funcionários

de um modo geral.

Hoje, depois do café da manhã conheci o segurança e motorista

particular, Sirius, contrato pela equipe do Kaled especialmente para me

acompanhar toda vez que eu sair sem ele. Juro que por muito pouco não bati

o pé como uma criança mimada, entretanto, estava na hora de eu abrir mão

algumas vezes.

—Quer que eu entre com a senhora? —Indagou, Sirius quando

entramos na recepção do único hospital em Esperança.

—Pode me esperar sentado e relaxado, Sirius. —Tentei mais uma vez

arrancar um sorriso dele, mas foi em vão. Ele era muito durão.

—Sim, senhora.

Revirei os olhos, sabendo que não adiantaria eu pedir novamente para

ele me chamar apenas de Emília. Virei os calcanhares e pedi informação da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

recepcionista que prontamente me atendeu com um largo sorriso. Ela

explicou direitinho onde ficava a ala infantil e ainda se propôs me levar até

lá. Recusei, pois não queria atrapalhar o seu trabalho.

Parece que as pessoas estavam me vendo com outros olhos. Tudo isso

porque agora sou a senhora do maldito clã. Se eles desconfiassem dos meus

planos.

Entrei na ala e meu coração se encheu de tristeza...Não era assim que

eu gostaria que essas crianças estivessem. Ao mesmo tempo a minha fé em

Deus confortava o aperto no peito.

—Senhora veio visitar algum paciente em especial? —  
Perguntou a

enfermeira, Dafne, li diretamente no tecido do seu jaleco rosa-claro.

—Eu vim fazer uma visita a todos. E conhecer um pouquinho deles.

Sou Emília Maldonado.

—Ohh...Sabia que tinha visto você em algum lugar. Eu estava na festa

do seu casamento.

—Tinha tantas pessoas. —Argumentei sem graça por não lembrar

dela.

—Eu entendo. Vem, vou apresentar você aos anjinhos.

Nem vi as horas passar. Eu ri, chorei, conheci um por um daquelas

crianças. O que mais me admirava era o fato de serem tão pequeninas e tão

fortes. A força que eles tinham de lutar pela vida sem dúvida era uma

inspiração. Aproveitei e conversei com algumas mães que estavam presentes.

Algumas são viúvas, outras sofrem caladas por viverem em um

casamento infeliz, a maioria estava passando por dificuldades financeiras. E

perguntei-me como era possível. Afinal, meu marido deixou claro que a

economia da cidade é muito boa. Seria uma má distribuição de renda? Talvez,

um desvio? *Ah, Emília, você realmente não fica longe de confusão.*

Prometi para elas que ia ajuda-las. Conversaria com Kaled primeiro, é

claro. Seria maravilhoso se houvesse cursos preparatórios para a área que

essas mulheres se identificassem. Das dez que conversei, seis são

confeiteiras, as enfermeiras de plantão afirmaram que os doces que elas

faziam era de lamber os dedos. Não vou sossegar até vê-las realizadas e mais

tranquilas. Para mim são grandes heroínas que se dedicam aos filhos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

integralmente no hospital.

Instintivamente me peguei passando a mão na minha barriga, ainda

lisa. Kaled e eu fizemos amor sem usar nenhum método contraceptivo. Me

assustou um pouco, pois estamos juntos faz pouco tempo e também não

gostaria que meu filho ou filha nascesse destinado a seguir as regras do clã.

Contudo, a possibilidade de ter um bebê me fazia imaginar e rir de alegria.

Estava decidido. Eu faria o teste daqui duas semanas.

Sai do hospital sentindo uma energia divina. Aquelas crianças lavaram

a minha alma. Voltarei no sábado com presentes especiais que vou escolher

com todo zelo. E passarei a tarde com elas.

Sirus, seguia atrás de mim calado, enquanto caminhávamos em direção

ao estacionamento. Parei espantada pela presença do Diógenes, que estava

encostado na sua moto com os braços cruzados.

—Finalmente, *princesa*. —Disse cínico. —Você teria um tempinho?

—Senhora, vamos agora mesmo. —Sirus, pediu afoito.

—Não se preocupe, Sirus. —Ele não gostou, mas continuou impávido.

—Estou ouvindo. Você tem cinco minutos. —Falei, fitando Diógenes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 29**

### **EMÍLIA**

Diógenes ficou me olhando, e aos poucos seu sorriso foi se

desfazendo. Seus olhos profundamente negros demonstravam emoção, raiva.

Ele não estava bem consigo e mesmo, se notava isso. E depois do meu

marido ter contado a história deles no passado, poderia afirmar que este

homem na minha frente era um infeliz.

—Parece que você e o meu priminho continuam firme e forte.

—Sim, estamos bem e felizes.

—Como pode continuar com um homem fraco? Ele não contou sobre

a Linda? —Indagou, cheio de veneno.

—Qual o seu problema afinal? —Aproximei-me, odiando o fato de ele

querer me colocar contra o Kaled. —Se Linda se suicidou foi um erro dela

também. Ela poderia ter pedido ajuda, não sei...Mas a culpa não foi do Kaled.

E sim dessas leis arcaicas que foderam a cabeça dela.

—Se Kaled fosse tão bom assim, deveria ter aprestado mais atenção na

esposa dele. —Sua feição era de pura mágoa. —Espero que ele não cometa o

mesmo erro com você.

Não queria demonstrar, no entanto, suas palavras bateram em mim com

força. Kaled e eu estávamos iniciando a vida de casados, aos poucos íamos

nos conhecendo mais. Será que em algum momento perderíamos o

companheirismo quando as obrigações dele como líder deste povo falasse

mais alto? Espero que não.

—Não sou submissa, Diógenes. E quando me cobrarem algo não

ficarei como uma louca tentando fazer o que pedem. E você deveria tirar toda

essa raiva que sente pelo seu primo e ser feliz de verdade. Sinto muito pela

sua história com a Linda, e pode ter certeza que sua verdadeira alma gêmea

deve estar esperando por você.

Pensei que ele diria algo, contudo, ficou calado. Seus cílios bateram

fortemente, acredito que tentando segurar as lágrimas que queriam sair. Então

ele pôs o capacete e subiu na sua moto, acelerou e saiu para fora do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

estacionamento.

—Vamos, Sirius.

**KALED**

Quando resolvo um problema outro surge. *Que sina essa minha.* Para

não chegar tarde em casa, decidi levar os documentos dos gastos da cidade

que estava lendo e tentando entender algumas falhas que vi. Pedi para

senhorita Liu marcar uma reunião com o Contador da empresa, o mesmo que

cuida dos meus investimentos junto com Asaf.

—Atrapalho? —Seu cheirinho gostoso já estava pelo ambiente.

—Minha esposa, nunca atrapalha. —Falei um pouco mais relaxado

com sua presença.

Ela caminha, com seu jeito elegante e sensual e sentou-se no meu colo.

Estava usando uma daquelas camisetas de bandas que por muito pouco não



deixava seus seios escaparem. Sorte a dela, os empregados terem se

recolhido. Mas confesso que adorava sua jovialidade e teimosia. Adorava

tudo na Emília.

—Como foi com as crianças?

Quando cheguei, fomos jantar, mas conversamos apenas sobre o meu

dia. Ela escutava tudo com atenção, fazia perguntas realmente interessada.

Principalmente quando disse que vi em um dos relatórios financeiros da

cidade que algo não batia.

—Ah, Kaled. São todos tão pequenos. —Sua voz falhou, e logo seus

olhos ficaram marejados. —Quero ajudar cada um deles, principalmente as

mães. Algumas são viúvas e estão passando por dificuldades

financeiras...Aliás todas elas estão.

—Conversarei com os outros membros para aumentarmos a bolsa

ajuda que damos a elas.

—Mas elas falaram que não recebem há quase três meses.  
Não

cortaram? —Assustado, respondi:

—Lógico que não. Eu criei essa bolsa justamente para não  
passarem

necessidade. Como isso é possível, Emília? O dinheiro  
continua sendo

descontado na conta da cidade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Emília levantou-se do meu colo, e foi para o outro lado da  
mesa.

Parecia pensar em algo. Outro problema acabou de surgir.  
Sou macaco velho

nos negócios, e sei que as vezes mexer com dinheiro  
aumenta a libido de quer

sempre mais.

—Kaled, ficou claro que tem alguém desviando dinheiro.

—A palavra correta é roubando. E isso não admito. —Rosnei  
muito

puto pela situação.

—Precisa agir com calma, amor. —Emília pôs as mãos na  
cintura. —

O melhor é não dizer nada, se não obviamente quem está roubando vai ficar

em alerta.

Acabei sorrindo, admirado.

Fui até minha esposa, a peguei sabendo que só era minha. Beije sua

boca com volúpia e paixão, suas mãos foram subindo pelo meu peito, e desci

a boca para seu queixo. Emília segurou o meu rosto e me beijou, enfiei a

língua na sua boquinha, fazendo-a gemer. Movi meu quadril por instinto e

tesão, louco por ela.

Emília começou a desabotoar a minha calça, ainda nem tinha tomado

banho e trocado de roupa de tão preocupado que estava com este assunto da

cidade. Deixei sua boca, apenas para terminar de tirar minhas peças de roupa.

Precisava dela. Só assim esqueceria os problemas.

Enquanto Emília tirava sua camiseta, puxei rudemente sua calcinha

para baixo. Sentia o cheiro da sua vagina, e fiquei mais louco. Meu pau

estava muito duro e com a cabeça grande, babando pela minha mulher.

—Ah, não aguento mais...Esperar, amor. —Choramíngou, totalmente

entregue.

Grudei seu corpo no meu, e desci minhas mãos pela sua bunda

redondinha e firme. Também estava pegando fogo e não aguentaria muitas

preliminares. Por sua anatomia ser toda pequena, de maneira alguma iria

arriscar machucar minha esposa. Passei meu dedo indicador pelos seus lábios

incrivelmente cheios, e mandei:

—Chupa meu dedo, *coelhinha*. Depois vou enfiar ele nessa bocetinha

gostosa antes de comer você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Ela entreabriu os lábios e sugou meu dedo para quentura da sua boca.

Estava cada vez mais viciado nela...Todo esse sentimento era narcotizante.

Forcei meu dedo melado para entrada do seu ânus apertado. Ela

estremeceu e arfou, passei a meter devagar e mordi o lábio da minha esposa,

fazendo-a choramingar. Soltei seu lábio, e assoprei onde havia mordido e ela

fechou os olhos gemendo. Parei meu dedo dentro dela, e abaixei a cabeça

para mamar no seu mamilo direito.

—Não...Eu vou gozar... —Sacudiu-se alucinada. Tirei meu dedo do

seu cuzinho, e desci em linha reta até ficar de frente para sua vagina lisinha,

passei o nariz pelo sexo inchado e vermelhinho, e pus a língua para fora.

Pronto para beber do seu mel. —Ah, Kaled.

Com o ar saindo pesado pela minha boca, levantei e tomei a boquinha

dela. Mesma languida, veio com fome.

—Vem, Kaled. Mete em mim. —Esfregou-se em mim como uma

gatinha mansa. Me come, *reizinho*.

Rosnei como um animal. Virei-a de costas para mim, e ela apoiou as

mãos abertas na mesa de madeira. Como um touro e com o pau teso, entrei

dentro do seu ânus pequeno, não fui gentil, mas sabia que estava pronta para

me receber. Segurei seu cabelo longo e escuro puxando-a para meu peito,

seu rosto estava corado e sua boca entreaberta. Perdi a razão, dei tudo para

minha esposa. Tudo.

Meti apertado até o fundo. Beijeí atrás da sua orelha, mordi, lambi.

Soltei seu cabelo macio, e continuei entrando e saindo do seu cuzinho que

esfolava o meu pau de tão pequeno. Comecei a rodear o meu polegar no seu

clitóris, e *minha coelhinha* gemia mais alto, choramingava.

—Que delícia foder esse cuzinho. —Ela começou a mover o quadril

para frente e para trás, tomando tudo de mim.

Sai de dentro dela e a virei de frente. Sem dar tempo de pensar, meti

na sua bocetinha que mamou meu pau intensamente. Rosnei totalmente

apaixonado, Emília lambeu minha língua, não perdi tempo e chupei seus

lábios. *Minha coelhinha* chorou de tanto tesão, gozando forte no meu pau.

Continuei metendo sem pudor, com força. E beijando sua boca gozei gostoso,

sentindo o efeito em todos os meus músculos. Mesmo cheio de esperma,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

continuei entrando e saindo da sua vagina, até perder as forças.

**EMÍLIA**

Depois de um delicioso banho juntos, deitamos na cama. Tudo estava

perfeito. Todavia, por estar ansiosa não conseguia deixar o sono me dominar.

Percebendo meu estado, Kaled questionou:

—Está assim por causa de amanhã?

—Também. —Aconcheguei-me mais no seu corpo nu. —  
Espero que

sejam legais comigo.

—Falando assim parece que está indo para seu primeiro dia de aula. —

Ele riu. —Vão respeitar você, disso tenho certeza.

—Claro que tem, *reizinho*. —Pensando que precisava colocar meu

plano em ação para ajudar todas as mulheres que se sentem reprimidas e

passam por quaisquer dificuldades, proferi: —Posso usar aquele cartão para

qualquer coisa?

Kaled havia me dado dois cartões. Um é de uma conta conjunto que

temos, a qual nem sabia até ele falar. E o outro é um cartão de crédito. Ele

também me passou a senha dos seus cartões do banco e tudo que preciso

saber para usar quando quiser.

—Com certeza. Tem limite semanal, fique á vontade.

Pronto. Agora era só colocar em pratica o meu plano.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 30**

### **EMÍLIA**

Kaled estava devidamente pronto, e tomava café lá embaixo. Queria



ficar me esperando no quarto, obviamente neguei dizendo que ainda estava

indecisa sobre a roupa. Meu Deus, estou muito nervosa. Preciso me acalmar.

Entrei no closet mais uma vez, e fiquei estudando minha imagem no espelho.

A maquiagem estava básica, o cabelo preso de forma elegante. Passei a palma

da mão na saia lápis preta que estou usando e fiz o mesmo com a blusa social

com estampa floral.

—Menina, você está linda. —Disse Flora, e sorri para ela encarando-a

do espelho. —Kaled, pediu para eu vim chama-la. Sabe como ele é.

—Sei sim. —Virei para ela, e perguntei: —Acha que vou ter coragem

de enfrentar todos os sócios e funcionários do meu marido?

—Claro, menina. Você já enfrentou o senhor Maldonado. Vai tirar eles

de letra. —Brincou.

—Lembre-se que depois do almoço quero você no centro da cidade.

Vamos colocar meu plano em prática.

—Já falou com o senhor Maldonado? Olha lá hein.

—Flora, confie em mim.

\*\*\*

Chegamos na empresa, e fomos alvo de olhares curiosos e de

admiração. Entendia a adoração que o povo de Esperança tinha pelo líder.

Tenho orgulho desse lado do Kaled, apesar de não gostar de saber que ele

também fazia justiça com as próprias mãos. Não chegamos a conversar a

fundo sobre isso, contudo, Flora me contou o que sabia.

Na sala de reuniões, quase travei. Kaled segurou minha mão, passando

segurança e conforto. Respirei fundo, pois naquele momento seria a mulher

determinada e segura que meu marido precisava. Eu quis trabalhar por querer

continuar sendo independente, e mostrar para este povo que as mulheres tem

direitos iguais. E acima de tudo precisam ser respeitadas.

—Bom dia, senhores. Como havia dito, minha esposa vai participar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

## PERIGOSAS

dos trabalhos relacionados a indústria Maldonado. Os assuntos da cidade

continuarei tratando com todo cuidado junto com a outra equipe e demais

membros. Espero que vejam Emília Maldonado como uma nova funcionária.

Vamos começar a reunião.

Nunca fiquei tão atónita com o *reizinho*. Ele era um tubarão nos

negócios. A medida que ia ficando por dentro dos assuntos da indústria, fazia

algumas anotações na agenda que trouxe comigo. Ignorei os olhos curiosos e

debochados em cima de mim, inclusive sou a única mulher nesta sala. Asaf,

sorriu sutilmente para mim, eu o tenho como um grande amigo.

—Podemos encerrar aqui a reunião. Antes peço aos senhores Avelar,

Moreira, Evans, Burani e Serpa para continuarem na sala, por favor. Aos

demais agradeço pela participação. —Kaled fitou-me e pediu compenetrado.

—Meu amor, não me espere para o almoço.

Assenti sem dizer nenhuma palavra.

## **KALED**

Estava enfurecido por ter sido enganado. Um verdadeiro véu vermelho

caiu sobre meus olhos, enquanto analisava os principais membros do clã. São

homens estudados, experientes e extremamente ricos. Mas alguém está me

traindo. Traindo o meu povo.

Sempre gostei de ter o controle sobre as coisas. E saber que existe a

possibilidade de estar sendo roubado há meses me deixa louco de raiva.

Ontem mesmo mandei um e-mail para Asaf falando sobre os desvios dos

cofres da cidade. A tarde vamos nos reunir com Rodrigo, o Contador.

—Foi bom mesmo ter pedido para nós ficarmos, Kaled. Que porra que

pensa que está fazendo? —Questionou Luca Avelar, raivoso.

—Trazer sua esposa para trabalhar com você vai gerar comentários. —

Disse Lippo Evans.

—Não vejo problema nisso. —Comentou Asaf, sério.

—Começa assim, Kaled. E depois ninguém mais vai nós respeitar. —

Preocupou-se Isac Serpa.

Levantei e pus as mãos no bolso da calça. A muito tempo eu queria

mudar as regras do clã. E pensar na Emília tornava essa vontade mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

potente. Faria isso por ela e pela nossa família. Esperança seria uma cidade

maravilhosa, com leis apropriadas para os indivíduos que seguissem o

caminho errado. Chega de casamentos arranjados, chega de obrigar mulheres

fazerem o que não querem.

—Vocês todos como principais membros do clã tem participação ativa

no comando da cidade. Mas quem bate o martelo sou eu. —  
Enunciei com

fogo nos olhos. —Quero que mandem para mim a prestação de contas do

dinheiro que precisaram tirar do cofre da cidade.

—Por que? Constatou alguma falha? —Indagou Alfredo Burani.

Poderia usar outro meio para arrancar a verdade, mas não posso ficar

agindo sem controle.

—Não, Alfredo. Tudo está em ordem. —Menti sem demonstrar qualquer emoção. —Decidi arquivar esses documentos no prédio principal.

—Por mim, não tem problema. Acho até mais seguro. — Falou Lippo

Evans, olhando os outros membros.

—Antes de dar continuidade. Deixo claro que minha esposa é livre

para decidir se quer ou não trabalhar. Além disso, Emília cumpre com suas

obrigações de caridade e faz por que gosta. Em breve pretendo fazer um

anuncio para os esperancenses ditando uma nova era.

—Não pode simplesmente decidir isso, Kaled. Ficou doido!  
—

Exclamou Sergio Moreira. —Nós precisamos chegar em um acordo.

Com um sorriso convencido, falei:

—Eu sou o líder. Eu mando. —Fixei o olhar em cada um, recebendo o

apoio do meu melhor amigo. —Agora vamos dar continuidade sobre alguns

ajustes nos gastos da cidade.

## **EMÍLIA**

Fui agraciada pela presença da minha sogra, justamente na hora que

estava saindo da empresa para ir almoçar. Dona Valéria sempre estava

sorridente e ficava muito aliviada por ela realmente gostar de mim. Pensando

nisso, saberia que poderia contar com sua ajuda.

Fomos em um restaurante pertinho da empresa. Acabei convidando

Liu para nos acompanhar. Conversamos banalidades, rimos. Foi um almoço

**ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI**

**PERIGOSAS**

muito agradável. Pensando no meu *reizinho* naquela sala de reuniões, pedi

para Liu levar o almoço dele e do Asaf, que continuou com ele.

Na saída, Sirius, me esperava ao lado do 4x4 *land rover* preta e

blindada, um dos carros do Kaled. Minha sogra veio dirigindo, disse durante

o almoço que com muito custo seu José Antônio a deixou dirigir, contudo,

um segurança particular em outro carro atrás a seguia. Aproveitei a sintonia

da conversa e falei sobre a visita inesperada do Diógenes, que até o momento

não comentei nada com meu marido. Ela confessou seu desespero com o

sobrinho que criou com tanto amor, pois dona Valéria tinha medo que ele

cometesse uma loucura consigo mesmo. Confortei minha sogra, afirmando

que Diógenes precisa se libertar dessa raiva que sente pelo primo.

—Agora que estamos sozinhas gostaria de pedir algo.

—Diga, minha filha.

—Vou ajudar as mulheres daqui, Valéria. Elas almejam ser independentes, poder fazer as próprias escolhas. Conheci algumas no

hospital, ontem quando fui visitar a ala infantil.



—Querida, elas recebem uma bolsa ajuda....

—Ontem descobri que tem alguns meses que não recebem nada. —Ela

arregalou os olhos, continuei: —Kaled, por coincidência encontrou falhas.

Provavelmente tem alguém corrupto nesse meio.

—Isso é muito grave, Emília.

—Escute, Valéria. Eu vou sempre estar ao lado do seu filho.  
—Segurei

suas mãos. —Mas ele quando se casou comigo sabia dessa minha vontade e

mesmo assim aceitou. E por ele também faço muitas coisas. Flora está me

esperando no centro da cidade, onde pesquisei um prédio desocupado. Lá

pretendo transformar um centro de cursos profissionalizantes, vai dá trabalho.

Mas estou disposta a transformar em Esperança uma cidade melhor do que já

é, pois apesar dessas leis arcaicas ela funciona em muitas áreas. Entretanto, as

mulheres agora passarão a ter o poder de escolha.

Suspirou um tanto pensativa. Ter o apoio da dona Valéria seria

maravilhoso.

—Tudo bem, querida. Eu ajudo você. —Abraço-a quase pulando de

alegria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

**KALED**

Três semanas haviam se passado. Estava empenhado em descobrir

quais dos principais membros é o corrupto. *Minha coelhinha*, continuava

trabalhando pelo período da manhã, a tarde ela dava andamentos nos seus

projetos. Ela e minha mãe estavam unidas na criação do centro

profissionalizante para as mulheres esperancenses. Algumas vezes

almoçávamos juntos, e quando eu não podia, minha mulher mandava entregar

minha refeição. Senão esquecia até de comer.

Quando Emília contou que o meu primo foi atrás dela no hospital

fiquei puto por ela não ter dito logo. Mas depois entendi que estávamos

passando por muita coisa em um espaço curto de tempo.  
Pedi que narrasse

em detalhe o que conversaram e fiquei orgulhoso dela.  
Minha esposa me

defendeu e no fim nos amamos até a exaustão.

Queria procurar o Diógenes para termos uma conversa definitiva.

Entretanto, somos dois orgulhosos. No fundo, no fundo, não desejo nada de

ruim para o meu primo. Pelo contrário, adoraria que ele encontrasse uma

moça e construísse uma família.

A reunião que tive com os principais membros há três semanas foi do

cão. Precisei ser forte e ser domado pela coragem. Tornaria Esperança uma

cidade maravilhosa, sem que as pessoas temem os senhores. Mesmo

insatisfeitos aceitaram minha decisão. Eu falaria as novas leis para o meu

povo depois que o centro profissionalizante estivesse pronto.

Os documentos com os gastos que tiveram, mandaram para mim e

passei para o meu Contador. Rodrigo disse que realmente tinha desvio, e a

quantia aumentava gradativamente. Por ora ele estudaria os documentos antes

de pegar todas as provas possíveis. A reunião que tivemos antes, tanto ele

como Asaf opinaram dizendo que o ideal seria continuar em silêncio até

pegarmos o corrupto.

Prometi a *minha coelhinha* que chegaria cedo, no entanto, ocorreu um

problema no plantio de milho, na fazenda. Segundo, Regis, o agricultor e

meu braço direito nas plantações, disse que uma pequena parte estava com

praga. Avisou que começou a conter e que saberia o resultado amanhã.

Todavia, eu precisava ver de perto. Ter certeza. Desde que voltei da minha

lua de mel que não vou a fazenda, e de maneira alguma posso ser desleixado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Senhor liguei para a senhorita Fiorella, amanhã ela estará na

empresa para resolver a questão da liberação da exportação.

—Obrigado, Liu. Desmarque qualquer compromisso para agora a

tarde. Estou indo para fazenda teve um problema no plantio de milho. Se for

algo urgente peça para Asaf cuidar.

—Sim, senhor. Ah, chegou este convite para um evento beneficente

em Curitiba.

Lembrei que fui convidado por um dos organizadores ainda quando

estava em São Paulo.

—Ok, obrigado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 31**

### **KALED**

Enquanto Athos dirigia para fazenda. Fui verificando meu e-mail,

precisava resolver muita coisa relacionada a novas parcerias. Depois que eu

resolvesse esse assunto do desvio de dinheiro do cofre da cidade, selecionaria

os meus melhores funcionários para dividir as tarefas. Eu não quero passar

meus dias me matando de trabalhar e deixar minha esposa de lado.

—Senhor?

—Sim, Athos.

—Estamos sendo seguidos.

Olhei para trás e vi o imbecil do Diógenes montado na sua *Harley*

*Davidson*. Aposto que ele estava atrás de confusão, pois seria bom demais se

nós dois fizéssemos uma trégua.

—Siga o caminho do barranco e pare o carro.

—Senhor, não sabemos se ele está armado. Está correndo risco, não

posso permitir isso.

—Athos, faça o que pedi.

Tirei o blazer e arregacei as mangas da camisa até o antebraço. Seja lá

o que meu primo quer comigo, vamos resolver essa porra agora. Aproveitei

para mandar uma mensagem para *minha coelhinha*:

*Amor, vou me atrasar para o jantar. Esteja bem cheirosa, pois quando*

*eu chegar vou querer você, bebê.*

Não demorou muito para ela me responder:

*Tenho uma surpresa para você. Realmente espero que esteja com*

*energia, pois a noite vai ser longa. Te amo.*

Sorri, lendo a mensagem. Emília me fazia perder as estribeiras.

Deixei o celular dentro do carro, e desci pedindo para Athos continuar

dentro do veículo. E lá vinha as nuvens de poeira que Diógenes estava

deixando pelo caminho. Fui caminhando, enquanto meu primo tirava o

capacete deixando-o de qualquer jeito em cima da moto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Espero que seja importante. —Falei, mas sua fúria era tanta que ele

me acertou um soco no estômago que fez perder o ar.

Filho da puta! Com muita raiva, deferi um soco um pouco acima da

altura do seu rins, ele logo ficou com o pescoço e rosto vermelho. Continuei

indo com tudo para cima dele, escutei Athos me chamando, todavia, gritei

ordenando que ele não se intrometesse.

Estávamos rolando no cascalho, debaixo do sol, em meios as pedras.

Sentia o sangue grudado no meu rosto e nos punhos. Levantamos pronto para

começar o ataque novamente, dois touros que respiravam com dificuldade.

Entretanto, nenhum estava disposto a dar o braço a torcer.

—Eu te odeio, Kaled! —Murmurou, raivoso.

O que eu estava fazendo? Machucando sangue do meu sangue. Essa

luta poderia ter sido evitada. Penso no meu amor pela Emília, e no quanto

mudei, no quanto estou feliz e realizado. Antes dela imaginei que não me

apaixonaria de novo. E aconteceu.

Escutei o rosnado do Diógenes e quando vi rolamos pelo barranco,



sendo machucados pelas pedras. Senti uma dor horrível no meu braço direito,

continuamos rolando até que paramos dentro da cachoeira. Estava com tanta

dor no braço que tinha quase certeza que havia quebrado, não tinha forças

para lutar contra correnteza. Vi Diógenes nadando de costas para mim e sem

forças parei de tentar nadar.

## **EMÍLIA**

O projeto da construção do prédio onde vai funcionar o centro

profissionalizante estava bem adiantado. Mostrei tudo para o meu marido e

não poderia ficar mais feliz. As mulheres que precisavam do bolso ajuda

voltaram a receber, inclusive os meses que atrasou.

A ideia seria que depois que as mulheres estivessem fixas na carreira

que desejarem seguir automaticamente parariam de receber a bolsa ajuda.

Dona Valéria, minha mãe e Flora eram minha equipe. Pelo menos uma vez

por semana recebíamos os meus pais e os meus sogros em casa para

jantarmos. Notei que Kaled não estava muito à vontade com seu pai e

entendia seus motivos.

Passei a tarde toda na ala infantil. Presenteei todos com coleções de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

livros infantis, juntamente com revistas e lápis de cor novos. Fiz um espaço

para eles dentro do quarto com mesas e cadeiras, tudo bem colorido onde eles

poderiam desenhar e pintar.

Assim que cheguei no hospital fui fazer o exame de sangue para

confirmar minha gravidez. Nem pude evitar as lágrimas, eu estava muito

feliz. Tinha percebido pequenas mudanças no meu corpo, apesar de não ter

sentindo enjoou o que é bem comum no início de uma gestação.

Minha vontade era de sair correndo para contar para o meu reizinho,

no entanto, queria fazer algo especial. Estava tão animada que acabei

contanto para Sofia, noiva do Asaf, que é obstetra e ginecologista. Afinal, ela

precisava saber para poder passar as algumas recomendações. Escutei tudo

muito atenta, e marquei uma consulta para amanhã.

\*\*\*

Tomei um banho e vesti uma camisa do Kaled. Depois fui arrumar o

sapatinho que comprei em uma lojinha de infantil, antes de vir para casa.

Escrevi um bilhetinho “*estou chegando papai*” e pus dentro da caixinha azul.

Como não sabia se era menino ou menina, optei por um sapatinho branco.

—Emília, posso entrar? —Escutei Flora.

—Pode sim. —Escondi a caixinha debaixo do travesseiro e meu

sorriso foi se desfazendo quando vi sua feição séria. —  
Porque está assim?

—Asaf está lá embaixo querendo falar com você, menina. Parece que

Kaled se machucou?

—C-como se machucou? —Indaguei, tentando não ficar nervosa. Fui

para o closet vestir uma roupa.

—Ele não me disse. Venha, menina.

Desci as escadas e vi Asaf parado no hall.

—Onde está o Kaled?

—Calma, Emília. Ele não corre risco de morte, mas está muito

machucado. Vou levar você para o hospital.

\*\*\*

Estávamos na sala de espera e quando vi meus sogros fiquei tensa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

pensando que poderia ter acontecido o pior. Talvez, Asaf não contou a

verdade. Dona Valéria me puxou para um abraço e quase chorei, pois estava

com muito medo que algo grave tivesse acontecido com o meu marido.

—Diga o que aconteceu? —Pedi, evitando ficar desesperada.

Lembrava o tempo todo do bebê que crescia dentro de mim.

—Athos disse que Diógenes seguiu Kaled rumo a fazenda, mas Kaled

pediu para ele ir por outro caminho. Então começaram a brigar feio, e

Diógenes foi para cima do meu filho fazendo eles caírem pela barranco até

que foram parar dentro da cachoeira e por pouco meu filho não morreu

afogado. Diógenes o salvou. —Explicou Asaf que durante o caminho não

quis falar nada, pois queria evitar que eu ficasse nervosa enquanto ele dirigia.

—Eu quero ver o Kaled. —Exigi.

—O médico ainda está finalizando alguns exames. A sorte era que o

barranco não é alto. O importante é que ele está bem.

—Diógenes está em observação. —Falou dona Valéria. —Ele nem

olhou para mim disse que está com muita vergonha e arrependido.

—Aquele homem não faz mais parte da nossa família, Valéria. —

Afirmou seu José Antônio.

—Não fale assim, Antônio. Ele errou e está arrependendo. Tenho

certeza que nosso filho vai tomar a decisão certa. Liguei para Samira, disse

que estava a caminho. —Enunciou dona Valéria. Apesar de tudo só consigo

pensar no medo que tive de perder o meu amor. Passar por esta dor

novamente, acho que não aguentaria. —Querida, você está pálida. Sente-se

um pouco.

Sentei e juntei as mãos frias, fazendo uma oração silenciosa.

Agradecendo a Deus pelo Kaled estar bem e que ele e o primo se resolvessem

de uma vez.

## **KALED**

Sentia cada musculo do meu corpo doer. Olhei para o meu braço que

estava na tipoia, sem o gesso. *Bom, pelo menos não quebrei*, pensei. Olhei

para os meus pais, meu melhor amigo e *minha coelhinha* que estava com os

olhos abatidos.

## **ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI**

## **PERIGOSAS**

—Meu filho, nunca mais apronte uma dessa. —Disse minha mãe,

abraçando-me com cuidado.

—Você e seu primo passaram dos limites, Kaled. —  
Expressou meu

pai, ele segurou minha mão, enquanto seu outro braço  
abraçava a minha mãe.

—Nunca mais faça isso, meu filho. Eu amo você. Você é  
tudo para mim e

sua mãe.

E pela primeira vez vi o velho José Antônio Maldonado  
emocionado,

com medo.

—Prometo, pai.

Não estávamos muito bem, e mudaria isso. Emília  
aproximou-se e

passou a mão pelo meu rosto com tanta leveza que quase  
não senti. Ela

abaixou a cabeça para ficar na minha altura e beijou o canto  
dos meus lábios,

e sussurrou:

—Eu te amo muito.

—Ah, *coelhinha*. Eu também amo você. Desculpe por isso. —  
Referi-

me a briga com meu primo. —Isso nunca mais vai se repetir.  
Eu prometo.

Ela assentiu emocionada, e beijei sua mão sentindo a maciez da sua

pele.

—Esperamos mesmo que você e o Diógenes pare com essa briga.

—Como ele está? —Indaguei.

—Em observação.

Então voltei para o momento que pensei que morreria afogado.

Quando vi Diógenes voltou nadando com muita força e me pegou, levando-

me nos seus braços. Ele me salvou. Aquela tinha sido a chance de ele me

deixar morrer. E não fez.

—Ele me salvou e pediu perdão antes de eu apagar.

—E você? —Questionou minha esposa.

—Não consegui responder ele. Mas claro que perdoou ele, e espero

que também consiga o seu perdão.

—Ah, meu filho. Finalmente Deus ouviu minhas orações.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **CAPÍTULO 32**

### **EMÍLIA**

Kaled afirmou que sentia apenas dor no corpo e no braço direito que

por muito pouco não quebrou, segundo o doutor Cielo. Saímos do hospital

por volta das 7h da manhã, ele passou a noite em observação. E dormi no

quarto com ele.

—Está confortavelmente, amor? —Perguntei, depois que Athos o

trouxe para o quarto apoiando o braço dele nos seus ombros.

—Sim, bem melhor agora.

—Athos, muito obrigada.

—Se precisar estarei lá embaixo, senhora. Com licença.

Tirei o chinelo que Kaled calçava, e peguei uma almofada para ficar

debaixo do seu braço direito. Subi na cama e comecei a ajeitar os

travesseiros.

—Deus, Emília...Assim não dá. —Murmurou fitando os meios seios.

Revirei os olhos, saindo da cama.

—É melhor se controlar, *reizinho*. O doutor Cielo deixou bem claro

para você não fazer esforço. —Ele fechou a cara e quase sorri. —Vou

preparar a banheira para você tomar banho.

No banheiro senti o cansaço da noite mal dormida. Liguei as torneiras

da banheira e sentei na borda, pus alguns sais de banho e esperei que

enchesse. Quando saímos do hospital, Samira estava chegando. Ela pediu

desculpas pelo que seu irmão fez ao primo, e avisou que depois viria nos

visitar.

—Emília! Emília! —Kaled gritou, e saiu num pulo do banheiro.

—O que....

Fiquei muda quando o vi com a caixinha do sapatinho do nosso bebê

que eu tinha comprado. Minha nossa, tinha até esquecido que havia

escondido debaixo do travesseiro. Kaled levantou o olhar para mim e parou

exatamente na minha barriga, seus olhos azuis estavam mais claro que o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

normal pela as lágrimas.

—Eu ia contar ontem. Essa era a surpresa, amor. —Falei chorosa,

quando sentei do seu lado. Ele segurava o bilhetinho que pus dentro da

caixinha com força.

— *Coelhinha*, vamos ter um filho. —Assenti fungando quando ele pôs

a mão em cima da minha barriga, ainda lisa.

—Vamos ter um bebê, Kaled. Fiz o exame ontem e quando tive o

resultado nas mãos quis sair correndo para contar para você. Só que preferi

fazer uma surpresa, bem, não deu muito certo. —Ele sorriu.

Kaled segurou meu rosto e beijou minha testa. Pus os braços ao redor

do seu pescoço e beijei sua boca com paixão. Era tanta que parecia que ia

explodir a qualquer momento. Ele tentou me puxar para mais perto, mas

gemeu com a boca na minha, quando moveu o braço que está com a tipoia.

—Cuidado com o braço. —Falei passando a mão nele. — Depois do

banho vou passar o remédio nos outros ferimentos e dou o analgésico.

—Emília, estou tão feliz. Sempre, sempre quis ser pai. Ter uma família

grande. Ah, cacete, quero tanto de amar. —Falou dengoso.

—Eu adoraria, mas o senhor não está em condições.

—Isso não é justo. —Resmungou.

\*\*\*

Depois do banho, o ajudei se enxugar e não foi novidade nenhuma seu

pau enorme ficar duro. Por céus, esse homem não tinha limite. Ri bastante da

cara brava que ele por saber que não teríamos nada, até o seu retorno com o

médico.

—Fique, quieto amor. —Pedi passando a pomada nos ferimentos ralos

que tinha pelas suas pernas e braços. Seu rosto ficou com um hematoma perto

do olho esquerdo, e seu estômago também tinha um.

—Eu poderia ter evitado isso. Mas sou tão puto as vezes.

—Ah, com certeza. —Falei humorada.

Auxiliando Kaled, ele trajou uma calça de moletom, e arrumei os

travesseiros para meu marido ficar na melhor posição possível.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Flora, preparou essa canja deliciosa. Acho que vou comer um pouco

depois.

Peguei o aparador e coloquei no seu colo, com cuidado com o prato

fundo de canja que Flora tinha deixado. Dei comida na boca dele, mesmo ele

reclamando dizendo que conseguia comer com a mão esquerda. Quando

terminou, busquei o analgésico para ele tomar.

—Descanse, Kaled. Vou levar isso lá pra cozinha.

—Hei, você disse que hoje era sua primeira consulta. Eu quero

participar.

—Posso ir sozinha nessa. Não tem problema.

—Não, senhora. Ligue para Sofia e peça para ela trazer tudo que for

necessário para fazer a....

—Escute, amor. Não posso fazer isso, vai dar um trabalho danado para

Sofia. Vamos fazer assim, se amanhã você estiver melhor aí sim faço a

primeira consulta. Combinado?

—Tudo bem, *coelhinha*.

Sai do quarto levando a bandeja, quando descia os degraus a

campainha tocou e logo vi Flora indo atender a porta. Deveria ser alguém

conhecido já que os seguranças não ligaram antes para perguntar.

—Olá, eu sou Fiorella, advogada das indústrias Maldonado. Kaled,

pediu para eu vim.

Se o *reizinho* não estivesse quebrado eu mesma faria, depois dessa.

—Flora, leve a bandeja para cozinha, por favor. —Ela pegou, e meio

duvidosa saiu da sala.

—Como vai, Emília? Poderia chamar o Kaled. Adoraria tomar um

banho e descansar antes de ir para empresa. —Enunciou cínica.

—O meu marido está descansando. E se está tão cansada porque não

foi direto para um hotel? —Joguei na cara dela, sabendo a sua real intenção.

—Bem, eu acho que vou ficar aqui...

—Na minha casa você não fica. Primeiro porque não foi convidada por

mim e tenho certeza que meu marido não faria um pedido desses.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Mas o que é isso? Eu sou uma funcionária e Kaled e eu somos

amigos.

—Exatamente, Fiorella. Você é apenas uma funcionária. E sua

amizade com o meu marido não me interessa. Aqui na  
minha casa você não

fica. E espero que resolva o quanto antes suas obrigações  
na empresa.

Derrotada e com um olhar de raiva, virou as coisas e saiu da  
minha

porta. Fechei a porta, e respirei fundo.

\*\*\*

Passei a tarde no escritório do Kaled, analisando alguns  
documentos

sobre o desvio que teve no cofre da cidade. Preferi não ir de  
imediatamente tirar

satisfação com o meu marido sobre ele ter chamado a  
Fiorella, mesmo que

tenha sido a trabalho.

Falei para Flora que estava grávida e ela disse que faria um  
monte de

coisas gostosas para eu comer. Comecei a rir da sua afobação,  
por fim me

deliciei com uma panqueca de carne moída e queijo. No  
final da tarde quando

entrei no quarto Kaled estava falando com alguém pelo  
celular, peguei uma

parte da conversa onde ele falava que vai ser pai.



—Pronto. Já contei para os meus pais e o seus pais também estão

sabendo. Eles estão lá na casa dos meus pais. Ah, claro, liguei para Asaf.

Estou muito contente.

—Estou vendo. —Sorri, e fui me deitar ao seu lado.

—Me sinto um pouco melhor, as dores estão passando. Hei, passou a

tarde fazendo o quê? Não quero que fique se esforçando, *bebê*.

—Estava no escritório estudando aqueles documentos que provam que

teve uma desvio. —Suspirei, querendo que o Contador o quanto antes

descubra quem foi. —Aliás, porque não me avisou que Fiorella viria para

Esperança.

—Porra, tinha até esquecido. Teve um problema na documentação

legal da exportação.

—Acredita que ela queria ficar hospedada aqui em casa.

—Ela foi longe demais. O que você fez? Emília, lembre-se que você

está com meu filho na barriga.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Coloquei ela para correr. —Levantei a cabeça para encarando-o. —

Da próxima vez faço pior.

— *Coelhinha...*Só você mesmo.

\*\*\*

Na hora do jantar, pedi ajudei Flora levar as duas bandeja com a

refeição. Jantaria no quarto com o meu marido. Quando terminamos, Flora

veio recolher e avisou que Samira queria ver o Kaled. Logicamente, permiti

que entrasse.

Samira disse que seu irmão estava melhor, e que assim que estivesse o

suficientemente bem para andar sozinho viria visitar Kaled para conversarem.

Sem poder se conter, Kaled contou para a prima que eu estava grávida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

**CAPÍTULO 33**

## EMÍLIA

Desde que meu *reizinho* acordou, não parou de reclamar.

*Misericórdia*, esse homem precisava me dar uma folga. Tudo isso por que eu

disse que iria assumir suas obrigações na empresa. Kaled, claro, afirmou que

Asaf daria conta, mas eu como esposa faço questão de estar presente em

qualquer decisão.

—Emília, você está me ouvindo?

Para provocar apareci na entrada do closet somente de lingerie azul-

escuro com cinta liga lindíssima. Seus olhos correram como fogo pelo meu

corpo e fingi não notar.

—O que você disse?

Kaled, coçou a barba cerrada, que tanto adoro, e buscou ar.

— *Coelhinha*, você não precisa assumir a presidência. Asaf, pode

cuidar de tudo.

—Por acaso você pensa que eu não sou capaz?

—O quê? Claro que não, *bebê*. —Fez uma careta quando tentou mudar

de posição. —Prefiro que fique em casa comigo.

Quase...Quase me derreti pelo dengo que ele estava fazendo.

—Eu posso cuidar dos negócios, amor. Pelo menos até você voltar e

assumir tudo. Com Asaf lá vou ficar mais segura. Venho almoçar em casa

contigo e depois vamos a consulta.

Nem esperei ele responder. Voltei para dentro do closet. Peguei meu

vestido tubinho clássico com pala aplicada na cintura e pregas delicadas no

cós, trajei e calcei os saltos altos bege. Definitivamente estava parecendo uma

mulher de negócios.

\*\*\*

Quando cheguei na empresa, saudei todos que passavam por mim.

Óbvio que estranharam o fato do líder deles não estar comigo. Asaf disse que

o povo já estava sabendo que eu estava esperando o sucessor do Kaled. Isso

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

assustava pra caramba.

O dia foi cheio. Graças a Deus, Asaf estava comigo para me auxiliar.

Assinei algumas autorizações de exportação. Aproveitei o tempo livre que

tive para entrar em contato com Regis, o agricultor chefe da fazenda. Ele

disse que o veneno que pôs na praga já estava fazendo efeito. Logo depois

liguei para o meu marido falando a notícia boa. Ele estava preocupado, pois

ontem iria na fazenda justamente para ver de perto o que tinha afetado a

pequena parte do plantio de milho.

Kaled, me ligou mais três vezes antes do horário do almoço para saber

como eu estava e se tinha me alimentado bem. Por muito pouco não desliguei

o celular, no entanto, entendia esse lado protetor do meu marido.

Comecei a recolher as minhas coisas para ir almoçar em casa, quando

Liu, ligou perguntando se podia autorizar a entrada da Fiorella, respondi que

*“sim”* , quando na verdade queria gritar um enorme *“não”* .

—Boa tarde. Eu vim entregar a cópia do documento original da

exportação, senhora.

Estendeu a pasta transparente. Abri e conferi. Confesso que não tinha

um conhecimento amplo sobre aquilo, entretanto, o suficiente eu tinha.

—Está tudo certo. Depois repasso ao meu marido para ele verificar.

Obrigada.

—Parece que está se divertindo muito com a minha cara, não é? —

Indagou debochada, continuei calada. —Kaled e eu tivemos uma história, não

pode me tratar como se eu não fosse nada.

—Fiorella, para que tá feio. —Fitei-a sem paciência para aquilo. —

Não me interessa o que você e meu marido tiveram no passado. Por que está

no passado. E se continuar com esse comportamento é melhor sair da

empresa.

Ela saiu batendo a porta.

\*\*\*

Durante o caminho de casa, fui conversando com a minha mãe pelo

celular. Ela realmente estava muito contente por ser avó. Me fez prometer

que quando Kaled estivesse recuperado iríamos as compras. Dona Aurora era

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

uma figura. Meu pai também não ficava atrás, no entanto, quando se tratava

de espontaneidade era com a minha mãe.

—Flora, que cheirinho gostoso. —Falei, entrando na cozinha. Tirei os

saltos altos, deixando-os no cantinho da porta da cozinha.

—Menina, fiz um peixe assado com um recheio de verduras picadinhas. Vai adorar.

—Nem precisa ter dúvida. Vou chamar o Kaled.

—Enquanto isso, arrumo a mesa.

No quarto não vi Kaled na cama, olhei para a porta do closet aberta e

supus que ele estivesse lá dentro. O encontrei sentado na poltrona olhando

bem concentrado para uma fotografia que tinha na mão esquerda.

—Que foto é essa? —Perguntei sorrindo.

Ele encarou-me com a feição séria e virou a fotografia, antes que eu

pudesse me aproximar dele. Era a foto do Luan. Antes aquela foto vivia

comigo, contudo, depois que meu amor pelo Kaled surgiu nunca mais fiquei

me martirizando vendo aquela fotografia. Guardo ela, pois era uma

recordação de uma passagem da minha vida, na qual fui muito feliz com

Luan.

—Será que toda vez que não estou por perto você vem aqui ficar

lembrando desse homem? Ele é seu grande amor, não é, Emília?

Eu tinha falado sobre o meu passado com o Luan, e deixei claro que

não o amava. Afirmei o quanto fui feliz naquela época e como foi a tristeza

depois do falecimento dele. Mas deixei claro para o Kaled que eu amava ele.

Que ele é minha vida. Meu presente e futuro.



Ele estava cego de ciúme.

—Você sabe que não é verdade. Eu amo você. E essa fotografia estava

muito bem guardada...

—Escondida.

—Não, caramba. Estava guardada. É uma recordação do meu passado,

pensei que tivesse deixado isso claro.

Cruzei os braços, a vontade de chorar estava grande. Ele se levantou,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

antes pôs a fotografia na poltrona e veio me abraçar. Sem conseguir segurar

deixei as lágrimas virem.

—Eu fui um idiota ciumento. Perdão, *coelhinha*. É que...O fato de

imaginar que você não me ama, meu Deus.

—Não seja um idiota! —Falei chorosa, sendo acolhida pelos seu

abraço, um pouco desajeitado devido seu braço machucado.

—Eu deveria

estar puta com você. —Resmunguei.

—Shii...Perdão, meu amor. Não quero que passe chateação.  
Fui

realmente um grande idiota, pois por um momento nem me lembrei do nosso

bebê.

Ele repousou a mão na minha barriga, e parei de chorar.

—Eu já amo tanto esse serzinho, Emília. É algo inexplicável,  
só Deus

sabe o quanto amo nosso filho.

—Muito bom escutar isso. —Murmurei.

Kaled beijou minha boca lentamente, saboreando meus  
lábios como se

fosse um doce. Adorava quando me pagava assim e beijava  
com ardor.

—Vamos almoçar, hãn. E depois iremos a consulta.

—Ok. —Afastei-me dele, e peguei a fotografia do Luan. —  
Vou

continuar guardando essa fotografia. Tudo bem?

—Eu entendo, me perdoe.

—Agora está tudo bem, Kaled.

\*\*\*

Kaled já estava andando melhor. Ainda sentia desconforto  
em algumas

partes do corpo, mas estava tendo uma recuperação boa.  
Durante o caminho

falei sobre a “*conversa*” definitiva que tive com Fiorella,  
como esperava meu

marido me apoiou.

Sofia nos recebeu com um sorriso cativante. Preparei-me e  
fiquei

pronta para fazer a ultrassonografia. Sofia disse que o bebê  
estava forte e com

uma formação ideal. Fui as lágrimas quando escutei o  
coraçõozinho do meu

filho, meu marido também ficou muito emocionado. Era um  
momento

mágico e só nosso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Estava muito feliz por saber que meu filho estava saudável.  
Sofia

avisou que talvez eu teria enjoo, até o momento não senti.  
Mesmo assim

receitou um remédio excelente, caso precisasse.

—Você acha que é menino ou menina? —Perguntou  
animado, quando

entramos em casa.

—Menina.

—Deus do céu, estaria ferrado. —Ele riu. —Mas não reclamaria se

fossem dois bebês ai dentro. —Falou abraçando-me por trás, e alisando

minha barriga.

—Dois bebês? Ah, não, Kaled. Já viu o meu tamanho? —O *reizinho*

gargalhou.

—Tudo é possível, *coelhinha*.

Flora, apareceu com aquela expressão tensa.

—O que foi dessa vez? —Questionei, abaixando os ombros. Eu

desejava jantar e depois tomar um delicioso banho e dormir o mais perto

possível do meu marido.

—O seu primo está na sala de visita.

Fitei Kaled encorajando-o.

—Obrigado, Flora. —Agradeceu meu marido, e segurei sua mão

esquerda levando, aos lábios, dei um beijo carinhoso. — Chegou a hora.

—Pois é. Vai lá e se acerta com ele.

—Quero você comigo.

—Tem certeza, amor?

—Absoluta. Vem.

Dentro da sala Diógenes estava sentado no sofá. Quando nos viu,

suspirou e vi que seu rosto ainda estava bastante machucado. Kaled sentou-se

de frente para o primo, e fiquei ao seu lado, com o braço entrelaçado no seu.

Foi comovente escutar o desabafo do Diógenes.  
Infelizmente o amor

que sentia pela Linda nunca foi vivido, e encontrou no seu primo uma

maneira de deferir sua revolta. Tentei evitar as lágrimas, todavia, quando eles

se abraçaram pedindo perdão e aceitando, emocionei-me demais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

—Emília, eu também devo um pedido de desculpas. —  
Abracei ele.

— O importante é que agora vocês estão bem. —Falei contente.

—O que pretende fazer agora, Diógenes?

—Eu larguei tudo em São Paulo. Acho que vou morar aqui, começar

do zero.

—Seria ótimo ter alguém da família me ajudando na administração da

cidade. —Comentou Kaled.

—É uma oferta de emprego?

—É sim, primo. —Kaled, beijou meu rosto e prosseguiu: — Depois

que meu filho nascer vou passar mais tempo em casa, então.

—Nossa, cara...Eu aceito.

Finalmente tudo estava no caminho certo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **EPÍLOGO**

*4 ANOS DEPOIS*

### **KALED**

Ficamos na cama até nossas respirações se acalmarem. Sentia nossos

corpos febris, consequência de várias rodadas de sexo gostoso. Os anos

passaram e tudo tornou-se melhor. Acordar todos os dias com a mulher que

amo e vendo a família linda que formamos, era minha motivação. Meu

orgulho.

Seu gosto ainda estava na minha boca. Emília debruçou-se sobre mim,

apoiava-se em um cotovelo e capturei seu olhar languido e cheio de paixão.

Passei a mão pelo seu cabelo despenteado que era uma onda negra e macia,

depois alisei o polegar na sua boca carnuda.

*Minha coelhinha*, ergueu a mão e acariciou meu rosto, passando-a na

barba cerrada. Tínhamos momentos intensos, cheios de emoção. Nunca estive

tão realizado e feliz em toda minha vida. Emília veio para mais perto,

beijando meu queixo, maxilar, olhos, nariz...Lábios. Ela cheirou o meu

pescoço, esfregou o rosto no meu peito, fechei os olhos gemendo rouco.

—Te amo, *meu reizinho*. —Murmurou, e continuou a trilha de beijos

por meu abdome.

Completamente duro, a respiração pesada, controlei-me para não pega-

la. Parou quando viu meu pau excitado, e ajoelhou-se entre minhas pernas,

mordendo o canto da boca. Abaixou-se empinando aquela bunda gostosa,

prossequindo com as caricias e beijos pelas minhas coxas, pernas, até os pés.

Veio subindo, beijou os meus testículos, beijou a base do meu pau até

a cabeça. Sem continuar sendo subjugado, puxei-a para os meus braços, nos

rodando na cama. Colei minha boca na sua, agarrei firme sua cabeça tomando

posse do beijo, esfregando meu sexo na sua bocetinha pequena.

Ergui suas pernas, empurrando-as em direção ao seu peito, totalmente

aberta para mim, expondo sua bunda e seu sexo. Desci a cabeça, minha boca

indo direto naquela vagina lisinha. Emília gemeu, quando dei pequenas

mordidas ali, me fartei do seu cheiro de mulher, do seu gosto doce. Tudo

meu. Toda minha.



## ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

### PERIGOSAS

—Ai...Putá que.... —Estremeceu, estalando de tesão.

Chupei todo o seu mel, enfiando a língua o máximo possível dentro da

sua bocetinha. Emília agarrou o lençol, chamando o meu nome. Soltei suas

pernas, abrindo suas coxas em seguida, voltei a capturar seu clitóris durinho.

Minha esposa, alucinada, esfregava a boceta na minha cara. E gozou de novo,

arrebatada.

Sorrindo, deitei de lado, admirando sua pele alva corada e com as

marcas dos meus beijos. Afastei os fios de seu cabelo pregados na sua testa e

bochecha, e beijei suavemente sua boquinha.

—Bom dia, *coelhinha*. —Ela riu.

—Agora você lembra de me dar bom dia? Esqueceu disso quando me

acordou as 5h da manhã.

—Fazer o quê? Não resisto a você, *bebê*.

—Kaled, poderia ter se asegurado. Daqui a pouco as crianças vão

acordar, além disso fiquei de ajudar a Sofia. —Falou dengosa, fechando os

olhos.

Finalmente hoje seria o casamento do meu melhor amigo com Sofia.

Sendo muita amiga dela, Emília se propôs em ajuda-la em tudo. O casamento

seria na igreja da cidade e a festa na praça, a céu aberto, e claro, com o povo

participando.

Eu continuava sendo o líder do clã. Todavia, mudei as regras do livro

com apoio do meu pai e do meu povo. Já não existiam as leis arcaicas.

Todos tinham direito de fazer suas próprias escolhas, totalmente livres.

Descobri que o grande corrupto no nosso meio era Sergio Moreira.

Usando toda minha autoridade e poder, o expulsei do clã e da cidade.

Obrigando-o a devolver o dinheiro que roubou. Sua fúria não me assustou, e

se precisasse recorrer a outros meios. Enfim tudo deu certo.

Emília tornou-se meu braço direito na empresa. Mais do que isso era

minha conselheira. Não tenho nem palavras que possam expressar o

significado que esta mulher tem na minha vida. Só Deus é capaz de entender

o quanto amo ela e nossos filhos, Leonardo e Luana.

Até os seis meses de gestação da minha esposa, pensávamos que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

seríamos pais apenas do Leo. No entanto, quando fomos para mais uma

consulta, Sofia nós surpreendeu quando disse que tinha deixado passar o

outro bebê que estavam escondido. Ficamos muito emocionados e felizes.

E ainda mais quando descobrimos que teríamos uma menininha.

Meus filhos estão com quase 4 anos, e são crianças saudáveis, alegres,

carinhosas, educadas e peraltas. Minha esposa continuava trabalhando

comigo somente no período da manhã, quando nossos bebês estão na

escolinha. A tarde ela se dedicava totalmente a eles.

Por eles decidi diminuir o ritmo de trabalho. Preparei funcionários de

confiança para qualquer eventualidade que acontecer e eu não estivesse

presente. Logicamente, sendo perspicaz, administro bem meus bens e a

cidade com a ajuda do meu primo. Diógenes está noivo da Luiza, uma moça

trabalhadora e simpática, se conheceram há dois anos na festa da padroeira da

cidade. Parece brincadeira, mas foi neste mesmo feriado que conheci

pessoalmente a mulher da minha vida.

—Descanse, amor. Deixa que eu cuido das crianças. —Falei, beijando

sua testa.

—Eu te amo. —Sorri.

\*\*\*

Na cozinha o cheiro de café fresquinho dominava o ambiente. Meus

filhos estavam sentados na farta mesa do jardim e estanei  
que não tivessem

ido bater lá no meu quarto, como de costume, para  
tomarmos café da manhã

juntos.

—Bom dia, Flora. Por que eles não foram me chamar?

—Fiz questão de ajudar as crianças no banho e depois  
descemos para

eu preparar o café. Convenci eles que tanto senhor como a  
menina

precisavam dormir mais um pouquinho.

Emília passou as últimas semanas atarefada com o trabalho,  
as

crianças e, os preparativos do casamento do Asaf e Sofia.

—Obrigado, Flora. Pode servir o café. Emília vai descansar  
mais um

pouquinho.

—Sim, senhor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Juntei-me aos meus filhos, sendo recebido com muito  
carinho. Sempre

são assim. Logo, Luana quis tomar conta da conversa falando o quanto sua

aula de balé tinha sido divertida. Leonardo também queria falar sobre o seu

treino de futebol, o qual sempre vou assistir, mesmo assim ele conta tudo em

detalhes.

O mais complicado era tentar entender um por um. Eles ainda

trocavam algumas letras e se enrolavam um pouco para falar e chegava a ser

engraçado quando falavam ao mesmo tempo. São novinhos, e minha esposa

faz brincadeiras de didática para ajuda-los compreender e falar as palavras

corretamente, sem precisarmos ficar corrigindo no ato.

—Papai, depois faz minhas *zunhas*? — Pediu minha bonequinha.

Eu sou oficialmente sua “*cure*” , como diz minha filhinha. Tudo isso

porque uma vez durante a tarde, Emília levou o Leonardo para o dentista,

pois ele se queixava de dor de dente. Como Luana estava dormindo, preferi

ficar em casa com ela, sendo que Flora estava de folga.  
Quando minha filha

acordou, ficou chateada porque a mãe dela tinha prometido  
fazer suas unhas.

Impaciente e vaidosa, ficou com carinha de choro. E eu me  
prontifiquei a

fazer suas unhas, em seguida deixando ela pintar as  
minhas. Desde então

adquiriti essa nova função.

—Faço sim, *bonequinha*. —Beijei sua testa.

—Cheguei na hora.

Minha esposa se juntou a nós, ela não conseguia dormir até  
tarde.

Principalmente quando sabia que nossos filhos esperavam  
por ela. Emília

como mãe não poderia ser mais perfeita. E ali reunidos para  
começarmos

mais um dia, tinha certeza que *minha coelhinha* e nossos  
filhos são o meu

mundo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

**CONTATO**

FACEBOOK – DUDA AH FONSECA

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009503316755>

FAN PAGE – LIVROS DUDA AH FONSECA

<https://www.facebook.com/Dudaah-Fonseca-1446439618987940/>

INSTAGRAM – @13DUDA AH FONSECA

<https://www.instagram.com/13dudaahfonseca/>

TWITTER – @DUDA AH FONSECA

<https://twitter.com/dudaahfonseca>

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

## **AGRADECIMENTOS**

Mais uma obra finalizada e sou grata a Deus por esta conquista.

Agradeço aos meus leitores, especialmente os que participam do grupo do

whatsapp e do facebook. E claro, a minha família pelo apoio e carinho.

Fiquem com Deus.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



# Document Outline

- [CAPÍTULO 1 KALED](#)
- [CAPÍTULO 2 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 3 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 4 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 5 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 6 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 7 KALED](#)
- [CAPÍTULO 8 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 9 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 10 KALED](#)
- [CAPÍTULO 11 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 12 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 13 KALED](#)
- [CAPÍTULO 14 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 15 KALED](#)
- [CAPÍTULO 16 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 17 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 18 KALED](#)
- [CAPÍTULO 19 KALED](#)
- [CAPÍTULO 20 PARTE II KALED](#)
- [CAPÍTULO 21 KALED](#)
- [CAPÍTULO 22 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 23 KALED](#)
- [CAPÍTULO 24 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 25 KALED](#)
- [CAPÍTULO 26 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 27 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 28 KALED](#)
- [CAPÍTULO 29 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 30 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 31 KALED](#)

- [CAPÍTULO 32 EMÍLIA](#)
- [CAPÍTULO 33 EMÍLIA](#)